

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/355047211>

Breve História da Psicologia

Book · October 2021

CITATIONS

0

READS

597

1 author:



Teresa Sousa Machado

University of Coimbra

104 PUBLICATIONS 138 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Historia da Psicologia - grandes autores [View project](#)



Maternidade em tempos de Covid [View project](#)

“ A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado, para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória sirva para a libertação e não para a servidão dos homens, **Jacques le Goff**.

Breve História da Psicologia Moderna Ocidental

É difícil escolher como começar um texto acerca da *história da psicologia moderna* pois inúmeros serão os tópicos que poderíamos escolher como inícios.

Correia Jesuíno referia num seu livro, também de psicologia que “*é sempre um pouco arbitrário assinalar começos absolutos em ciência, e a que psicologia não escapa à regra*”.

Após as revoluções científicas copernicana, galileana e newtoniana, o método experimental assumiu-se como o *método por excelência*, e assim, com Copérnico o mundo deixou de estar no centro do universo.

Entre o século XVII a XIX as *investigações fisiológicas* desdobraram-se iniciando investigações variadas – que viriam a ser descobertas em documentos diversos, (entre 1828 a 1879) como os de G. **Fechner** que desenvolveu a *psicofísica*, podendo dizer-se que seria outro dos inícios da psicologia.

Mas outras forças contextuais impulsionaram o desenvolvimento da nossa ciência, como as oportunidades económicas as guerras e a discriminação.

Em **1910**, apenas 30 anos após de Willelm Wundt ter criado o primeiro laboratório de investigação em 1879, Hermann e Ebingauss descreveu a psicologia como “um longo passado e uma curta história” – em comparação com as ciências estabelecidas – como a astronomia, a anatomia, a física, a química e a fisiologia.

No século XIX Auguste Comte negara a possibilidade de uma ciência da mente. A mente, afirmou Comte pode estudar todos os fenómenos, menos os que são próprios.

Já Cláudio Figueiredo (2005), no prefácio da sua *história da psicologia*, refere, na mesma linha, de que a “*história da psicologia não existe, ao menos no singular*”. E, após o desenvolvimento da *filosofia alemã*, refere (Muller, 1976), *surge o apogeu das ciências positivas, ou seja, das ciências contemporâneas* como hoje as entendemos através da ciência, sendo esta a forma de produção de conhecimentos mais conseguida.

Mas muitas escolas de pensamento se desenrolarão ao longo dos tempos construindo a nossa história. Podendo dizer-se, que como qualquer outra ciência, se vai alterando ao longo de novas ideias, desenvolvimentos, e novas descobertas.

Entre as influências iniciais na nossa ciência podemos referir também o *espírito do mecanicismo*, que levaria a novas e diversas invenções, e um dos desses exemplos vem das observações nos jardins reais na Europa do século XVII que onde se podia observar *estátuas a moverem-se por força da água* escondida nos tubos subterrâneos para deleite da aristocracia nos jardins dos palácios. E

assim o *relógio mecânico* foi considerado na época como “A mãe das de todas as máquinas”, e os relojoeiros foram os primeiros a aplicar as teorias da física e da mecânica à construção de máquinas. Na Inglaterra e Europa ocidental começaram a surgir uma série de máquinas, trocando o trabalho manual do homem pela força das máquinas. Sendo que *o relógio mecânico* só pode rodar num sentido da engrenagem e assim se tornou um símbolo do pensamento científico – e o mecanicismo tornou-se – na época – a marca do mundo como uma *máquina determinista* pois o relógio mecânico só pode rodar numa mesma direção (caso contrário quebrará a roda). E assim se compreende a metáfora do relógio mecânico que representa a ideia do determinismo – i.e., “*que o passado molda o futuro*”. E, na verdade em muitas situações, por muito que não se queira, é verdade essa máxima. O legado do séculos XVII ao XIX reporta-se à ideia do *homem como uma máquina* e a aplicação do método científico na investigação como o corpo humano.



Quanto à psicologia, podemos dizer, com Alexandre Dias (2007), que a esta é uma ciência marcada por diversas abordagens e conceitos. Daí poder-se dizer que como qualquer outra ciência, serão correntes divergentes que constituirão a psicologia; sendo que por vezes as diferenças se tornam acirradas, mas elas divergência são salutares para o avanço das ciências.

Duas das iniciais escolas de psicologia foram o *estruturalismo* de **Wundt** sob a influência de **Edward Titchener** que emigrara para os Estados Unidos em **1892**, e o *funcionalismo*, na qualidade de primeiro sistema *exclusivamente americano* da psicologia.

Também em **1892**, **J. L. Moreno**, nascido em Budapeste e médico *psiquiatra em Viena* adquiriu a cultura filosófica enciclopédica que encontramos já nos fundadores alemães da psicologia experimental. Tal como outros, conheceu uma crise metafísica e religiosa da qual saíram dois contributos bastante diferentes para a psicologia social: o *sociograma* – técnica quantitativa que permitiria descrever por métodos estatísticos os laços e repulsões existentes entre indivíduos de um grupo de pequenas dimensões – o *psicodrama* o *sociodrama* – métodos de psicoterapia de grupo dirigido por um orientador que deverá ser um clínico.

Para Jacob Levy Moreno (1889-1974), um judeu Sefardita de origem romena, nascido em Budapeste, para ele Deus é uma criatividade espontânea e total. Na sua autobiografia **Moreno**

lembra o seu encontro com Freud em 1912. A história de Moreno é composta por lendas devido à megalomania do autor. Moreno inscreveu-se no curso de medicina na Universidade de Viena em **1909**, formando-se em 1917, rejeitou a teoria freudiana enquanto estudou medicina, em contrapartida interessou-se pelo potencial das práticas das terapias de grupo. A história mostra ainda que o autor assistiu a algumas palestras de Freud, sobre análise telepática dos sonhos. Enquanto viveu em Viena **Moreno** improvisou uma forma de terapia a que chamou psicodrama, improvisando dramatizações e role-players terapêuticos.

Quanto a Auguste **Comte** em XIX – negou a possibilidade de uma ciência da mente – para o autor poder-se-ia estudar todos os fenómenos, menos os que lhe são próprios. Porém **Stuart Mill**, refutou essa afirmação de Comte – propondo uma ciência da mente referindo, como um modelo de operações mentais e um método para estudar os seus conteúdos.

Ainda no século XIX, J. Watson afirmou que a psicologia abandonasse a preocupação com a mente – e passa-se a estudar apenas o comportamento – dando origem ao *behaviorismo*, tornando-se a abordagem predominante nos EUA.

É necessário porém conhecer os obstáculos que impedem a espontaneidade criadora do Homem e se liberte. Entre esses obstáculos contam-se as forças que nos afastam dos outros com os quais nos encontramos em contacto. O *sociograma* é uma técnica que permite descrever a ação dessas forças – a técnica consistia em fazer cada um dos indivíduos do grupo perguntas destinadas a mostrar as suas simpatias ou antipatias – i.e., com quem gostaria de realizar um trabalho? Com quem gostaria de coabitar? Quem escolheria como chefe?, quem rejeitaria no seu grupo?

Esses métodos (role playing, psicodrama, sociodrama), foram usados em Viena de **1921** a **1925**. Vemos assim que esses métodos são experiências realizadas em pequenos grupos, e que procuram evidenciar as forças que atuam no interior do grupo ou que neles exercem influência. Essas características encontram-se também nos trabalhos de K. Lewin e da sua escola. Mas as esses trabalhos inscrevem-se numa perspectiva diversa da de Moreno.

Jacob Levy Moreno filho – um judeu Sefardita – i.e., um judeu originário de Portugal ou Espanha – os judeus de Sefarad tinham tradições e línguas e hábitos diferenciados dos seus irmãos asquenazitas que habitavam a Europa Central e a Europa de Leste.

Nascido em Bucareste estudou medicina, matemática e filosofia na Universidade de Viena, formando-se em 1917. **Moreno** rejeitou a teoria freudiana enquanto estudou medicina – em contrapartida o autor interessou-se pelo potencial das práticas das terapias de grupo. A história mostra ainda que Moreno assistiu a algumas *palestras de Freud* sobre a análise telepática dos sonhos. Enquanto viveu em Viena, Moreno improvisou uma forma de psicoterapia a que chamou

psicodrama – improvisando dramatizações, e role-players terapêuticos. Em 1925 o autor mudou-se para os Estados Unidos. Moreno morreu em Nova York em 1974 com 84 anos – escolheu morrer abstendo-se de comer e beber água após uma longa doença.

Na efervescência intelectual e cultural vienense da época, Moreno mantinha contacto com nomes importantes como **Alder**, e **Theodor Reik** – Reik era doutorado em filosofia pela Universidade de Viena, e um dos colaboradores de Freud, tendo exercido importantes funções no Instituto Psicanalítico de Viena e publicado obras de valor reconhecido por todos os especialistas – sendo algumas das suas obras premiadas pelas associações psicanalíticas; foi ainda Diretor da Sociedade Psicanalítica de Viena.

Reik publicou várias conferências e ensaios na Universidade – entre 1927-1930. Reik focaliza o espírito cultural e filosófico de Freud comentando, resumindo, interpretando e submetendo a severa crítica com opiniões pessoais (data do fascículo – 1944 – *in* Scielo, Arquivos de Neuro-Psiquiatria). Dr. **Reik** foi um dos primeiros alunos de Freud, e depressa o seu protegido vingou. Reik diz que a sua obra *master* trata do masoquismo social – no qual ele acreditava e era para si importante. Reik nasceu em 1888, proveniente de uma família judia modesta e de origem húngara. Reik sofreu bastante na infância com a depressão da mãe e conflitos com o avô materno, tinha crises de angústia que foram relatadas como auto-acusações.

Estudou na Universidade de Viena – letras e filosofia – tornou-se um erudito em antropologia. Freud sempre incentivou Reik para fazer análise mas Reik recusou. Mais tarde Reik veio a fazer análise com **Karl Abraham**.



Kurt Lewin foi um psicólogo gestaltista, considerando como um todo estruturado o conjunto formado pelo sujeito e o seu ambiente. Compreender-se-á assim que uma mudança num dos elementos do campo psicológico, modificará todo o campo. Ou seja, essa interdependência implica a presença de forças cuja a ação explica a estabilidade – ou a modificação do “campo”.

As aplicações da psicologia social – e as “relações humanas” nas indústrias foram utilizáveis para finalidades práticas e compartilhadas não só por Lewin, como por outros.

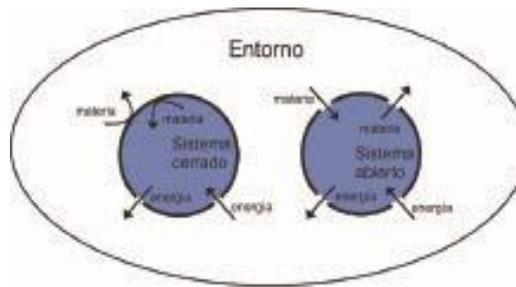
Os psicólogos utilizaram provas de seleção com diferentes finalidades – e essas consistiam, por exemplo em escolher indivíduos para o comando. Por volta de 1925, na **Alemanha**, surge a seleção militar. Também a escolha dos oficiais nos exércitos aliados foram escolhidos consoante as suas características.

O clima criado pelas teorias e trabalhos de Freud e dos psicanalistas, de Moreno e principalmente de Lewin, orientaria as soluções para as técnicas atuais das relações humanas, principalmente nos EUA. Muitos desses desenvolvimentos ocorreram num complexo industrial nos arredores de Chicago – as oficinas Hawthorne, sob colaboração dos psicólogos industriais da Universidade de Harvard. Por volta de 1927, quando iniciaram os trabalhos, 29.000 operários fabricavam material telefónico. O estudo desenvolvido nessa indústria testaria as *condições de trabalho e rendimento* – de acordo com variáveis como a iluminação, os períodos de pausa, etc. – variáveis essas que seriam suscetíveis de garantir melhor rendimento no trabalho. O facto de nos colóquios os operários fazerem perguntas, e principalmente de lhes darem a palavra contribuía para melhorar o clima global.

* **

Os primeiros sintomas de crises surgiam em alguns países europeus em meados da década de **1960** – a recuperação económica que se seguira à Segunda Guerra Mundial estava prestes a terminar. Porém a extensa guerra do Vietnam deu lugar a muitos movimentos de protestos, nomeadamente entre os estudantes, nos Estados Unidos e que depressa alastraram na Europa, nos acontecimentos de Maio, em Paris, com manifestações também em Berlim e Frankfurt. O conjunto de críticas sociais afetaram as “regras do jogo”, na ciência, na literatura na arte e nos movimentos políticos.

Edgard Morin – o filósofo e sociólogo antropólogo francês de origem sefardita – foi um dos que se distinguiu ao propôr uma teoria do pensamento complexo. As críticas sociais aglutinaram-se em torno de um conceito de “pós-modernidade”, nas artes a partir do séc. XX – em contraste com o modernismo, o pós-modernismo sustém uma subjetividade relacionada com as questões morais e movimentos políticos, a arte a religião as declarações de verdades sustentadas pela ciência moderna, através da legitimação da filosofia. É interessante a afirmação do autor



Diagrama

de Jacob Levy Moreno (2015).

Temas como os desenvolvidos por Moreno representam por exemplo as forças de amizades, ou rejeições, que se entrelaçam ao longo por exemplo por escolhas semelhantes - noutros casos por interesses económicos – não é raro também, criarem-se laços entre pessoas com doenças iguais – juntando-se para partilharem as suas preocupações, ou sucessos na doença, ou outros temas como as implicações da noção de sistema são conhecidos há muito séculos.

Ao aproximarmo-nos das sociedades modernas contemporâneas de hoje o pensamento ocidental foi evoluindo – em poucas palavras podemos a modernidade abraça, como ideia principal o progresso contínuo.

Hermann **Ebbinghaus**, (1850-1909) também um psicólogo alemão, pioneiro nas experiências da memória, tal como os seus pares, recorria ao método introspetivo. Entre **1880** a **1885**, elaborou uma série de experiências em si mesmo para ver quanto depressa esquecia as coisas, sendo uma das suas experiências com sílabas sem sentido.

Poder-se-á afirmar que os estudos acerca da mente, tratados quer por Wundt, como por Titchener nada revelavam sobre os resultados da atividade mental. Sendo, que para Titchener o método da psicologia será “o método das outras ciências – i.e., a **observação**”. Titchener terá sido o interprete de Wundt, defendendo como objeto de trabalho “*o estudo da experiência imediata por meio da análise dos elementos mais simples e da suas combinações*”.

Quanto a **Ebbinghaus**, o autor descobriu que o esquecimento ocorre mais rapidamente logo após à aprendizagem; utilizou sílabas sem sentido na sua experiência. Porém o autor era o único sujeito do seu estudo, não tendo generalizado a outros.

O *estruturalismo* e o *funcionalismo* desencadearam as “primeiras grandes batalhas das escolas de psicologia. Sabendo-se que o estruturalismo se baseava na tarefa de *analisar a consciência nos seus elementos mais básicos, e investigar como eles se relacionavam*. Ou seja, reproduziam o método dos *físicos*. Sendo que a maior parte das investigações do estruturalismo visavam as *sensações, os sentimentos e imagens*; privilegiando o estudo da *visão, audição e tato*,

recorrendo ao método da *introspeção consciente* sendo que esse método necessitava de treino prévio. Consta que até ao século XVI a introspeção não existisse como método na psicologia.

Reza a história que a *introspeção* assumiu um papel relevante com Descartes como método na psicologia. Mas será difícil localizar o início da introspeção – e ainda mais difícil imaginar a impossibilidade da introspeção como força humana.

Entre os vários inícios desta história podemos iniciá-la igualmente, com o episódio vivido pelo astrónomo alemão Bessel, quando este, por volta de 1820, repreendeu os seus assistentes pelas medições das observações dos movimentos das estrelas, sendo que estes variavam consoante o observador. A partir desse episódio, descobriu-se que cada astrónomo tinha o “mesmo erro de medição”, passando a dizer-se que cada observador tem a sua “*equação pessoal*”, i.e., cada um tinha o *seu desvio* na medição do movimento da estrela, *e este poderá também ser o um dos inícios desta história.*

* **

Uma segunda escola de pensamento surge, sendo que é o **funcionalismo**, baseado no propósito de investigar a *função da consciência* – por contraposição à visão estruturalista. O grande autor do *funcionalismo* foi americano Wiliam **James** (1842-1910), sendo que o funcionalismo não esteve associado a um único teórico dominante sendo possível dizer-mos que será “a preocupação pelo prático, e na ênfase do contributo da teoria da evolução que o marca.

Podendo dizer-se que o início formal do funcionalismo se iniciou com a publicação do livro ***Princípios de Psicologia de W. James***. De salientar que James estava envolvido com diversos intelectuais da sua época, tendo nomeadamente discutido acerca da *teoria da seleção natural de Darwin* (1809-1829).

Para James a *abordagem estruturalista* não dava azo à compreensão da natureza da experiência real do consciente, já que para James, a consciência consistiria num fluxo contínuo de pensamentos, querendo analisar o que chamava a *experiência consciente*.

Se os *estruturalistas* se inclinavam para o *estudo nos laboratórios*, os **funcionalistas**, por seu lado, estavam mais propensos a compreenderem os comportamentos das pessoas no mundo real.

A *escola* psicológica do *funcionalismo* é considerada como por ter a preocupação pelo *prático*; e surgiu no final do século XIX. Sendo que os seus autores buscavam compreender a ***função da mente***, em lugar de apenas a descrever. Consideram ainda a introspeção como meio válido de investigação; e estudam as diferenças individuais estando mais interessados nas

diferenças dos organismos, do que no que eles terão em comum. Os funcionalistas não teriam ambição para criar uma nova escola de pensamento, mas criticavam o que consideravam as limitações de Wundt, bem como as do estruturalismo de Titchener. Ao distinguir as diferenças entre a *psicologia funcional* e a *estrutural*, alegando que o *estruturalismo* seria a única modalidade adequada à psicologia, acabou por impulsionar a posição **funcionalista**.

Por exemplo, James **Cattell**, John **Dewey** e Stanley **Hall**, interessaram-se pelo estudo dos *testes mentais* para analisarem o desenvolvimento das crianças, e as *práticas educacionais* que fossem mais apelativas e eficazes. Estudaram ainda diferenças comportamentais entre os sexos. Estes novos tópicos terão *atraído a atenção das mulheres* ao campo da psicologia. Os trabalhos de Cattell sobre o *tempo de reação* e o seu interesse pelos estudos das *diferenças individuais* foi importante, influenciando a psicologia nos campos do trabalho aplicado, como o uso dos *testes mentais* para medir essas diferenças.

O inglês **Raymond Cattell**, interessou-se muito cedo pela ciência e estudou química na Universidade de Londres. Após ter presenciado a devastação da **I Grande Guerra** **Cattell** envolveu-se na ciência como forma de resolver problemas humanos, bem como em investigações sobre a *personalidade, motivação, análises multivariadas*, entre outros interesses, e identificando ainda 16 fatores da personalidade. Os trabalhos de Cattell, influenciaram também o trabalho de outros autores. A diversidade de abordagens teóricas acerca da personalidade persistiu ao longo dos tempos.

Entre outros trabalhos, Cattell publicou, “*The scientific use of factor analysis in behavioral and life sciences*”; “*Functional Psychological Testing: Principles and Instruments.*”, “*Handbook of modern personality theory*”, entre outros.

Poder-se-á dizer que todos os funcionalistas foram influenciados (mais ou menos) pela teoria Darwiniana; e a história mostra ainda que o funcionalismo não terá surgido como um protesto contra os métodos ou tópicos das investigações realizadas em Leipzig.

O legado dos **funcionalistas** foi vasto, partindo da ideia da teoria da evolução.

Quanto a **Müstenberg** (1863-1912), foi professor na Universidade de Freiburg, e foi diretor do laboratório de Harvard, e embora não fosse experimentalista, consta que não considerava interessante a pesquisa experimental, mas antes os campos aplicados.

* **

Um outro início da psicologia, costuma-se dizer, surge quando se autonomiza de outras ciências, na Europa a partir do século XVIII, e se *afirmou* no século XIX na Alemanha, a partir da fisiologia.

Por seu lado, Graham Richards (2010), no texto *Putting Psychology in Place*, inicia o seu texto referindo que o primeiro choque com que os estudantes se deparam ao iniciarem-se na história da psicologia é a enorme *diversidade dos temas a tratar*.

Podemos ainda dizer que *antes do início do meio do século dezanove não existiria a ciência psicológica, como hoje a entendemos*, e a sua história merece ser narrada, referindo Ebbinghaus, – um dos precursores da psicologia – que esta ciência tem um longo passado e uma curta história. Daí que diversos inícios podem ser descritos, confundindo os menos experientes nestas lides, pois que por vezes temos de recuperar o passado para compreender o futuro.

Ora o curso desta história tem o intuito de mostrar trabalhos significativos dos pioneiros da construção da psicologia científica, ensaiando um breve manual de *história da psicologia* com o objetivo de divulgar esta área que nos é significativa, e usá-la como ferramenta para uma *introdução geral à disciplina da história da psicologia*. Como dissemos noutra trabalho, em cada momento histórico que revisitamos, deparamo-nos com novas verdades, e assim se vai construindo o nosso percurso da história.

O termo psicologia, origina-se a partir de duas palavras – *psique* que significa a *alma* ou, o espírito, ou mente, e *logos* que se refere ao estudo de um determinado assunto.

Por seu turno, a modernidade na psicologia, refere Mandler (2011), surge de muitas formas e em vários momentos históricos, consoante os temas que estudamos.

Poder-se-á ainda afirmar que as influências filosóficas no desenvolvimento da psicologia moderna se distinguem na época do século XIX quando se recorreu aos métodos científicos e se tornou independente dos estudos filosóficos. É interessante a frase de Max Planck quando refere que “uma nova verdade científica não triunfa por convencer os seus opositores, e fazê-los ver a luz, mas antes porque eles terminam por morrer, e uma nova geração vai crescendo, e assim sucessivamente surgirão novas verdades...”



Quanto a Wilhelm **Wundt** (1832-1920), o conhecido fisiologista alemão, recorreu a métodos científicos para investigar os *tempos de reação* de sujeitos humanos. Por estes feitos foi considerado o *fundador da psicologia científica*, e também por ter criado o laboratório de psicologia na Universidade de Leipzig, na Alemanha em **1879** – é de notar que esse laboratório não foi o primeiro, no seu gênero – pois realmente

sendo que esse acontecimento oficializou a psicologia como uma disciplina autónoma e distinta das outras ciências. E, como refere Reuchlin (1986), “o homem que estabeleceu definitivamente a autonomia da psicologia experimental foi incontestavelmente Wundt”. É também reconhecido que **Wundt** terá sido precursor no estudo dos fenómenos sociais i.e, a *Volkerpsychology*. i.e. a “*a psicologia dos povos*”. Como refere **Saulo Araújo**, num interessante capítulo acerca de Wundt, devemos ter cautela ao pesquisar com seriedade os feitos dos autores na literatura psicológica, pois muitas das ideias foram distorcidas ao longo dos tempos; provavelmente porque os estudos iniciais de **1858 a 1963**, quando Wundt não estava ainda em Leipzig, não terão sido considerados.

E a modernidade na psicologia, como refere Mandler (2011), surge de muitas formas e em vários momentos históricos, consoante as disciplinas que estudamos, e escapar-nos-ão sempre acontecimentos variados, consoante as fontes pesquisadas, e eventuais trabalhos descobertos ao longo do tempo e locais.

Quanto a Wundt, recorreu a métodos científicos para investigar os *tempos de reação* de sujeitos humanos. Por estes feitos foi considerado o fundador da *psicologia científica*, e também por ter criado o laboratório de psicologia na Universidade de Leipzig, na Alemanha em **1879**; sendo que esse acontecimento oficializou a psicologia como uma disciplina distinta das outras ciências. E, como refere Reuchlin (1986), “o homem que estabeleceu definitivamente a autonomia da psicologia experimental foi incontestavelmente W. Wundt (1832-1920), com a inauguração do já citado laboratório de psicologia experimental que viria a atrair numerosos alunos a Leipzig. É também reconhecido que Wundt terá sido precursor no estudo dos fenómenos sociais i.e, a *Volkerpsychology*. i.e. a “*a psicologia dos povos*”.

Como refere Saulo F. Araujo, num interessante capítulo acerca de **Wundt**, devemos ter a cautela de pesquisar com muita seriedade os feitos dos autores na literatura psicológica, pois que muitas das suas ideias foram distorcidas ao longo dos tempos; provavelmente porque os estudos iniciais de 1858 a 1863 quando **Wundt** não estava ainda em Leipzig, não terão sido considerados.

Sabemos que o seu livro “*Princípios da psicofisiologia psicológica*”, foi publicado em 1873, como refere o historiador Michel Foucault. Mas outras experiências, talvez menos

conhecidas foram tratadas por Wundt, como por exemplo, os seus estudos dos *papéis dos nervos cranianos na respiração*; e ainda experiências sobre a *sensibilidade tátil em pacientes histéricos* – nas quais recorria à técnica *do limiar de dois pontos de Weber*; e terá sido aliás com essa investigação que o autor apresentou a sua dissertação no curso de medicina.

Inicialmente fisiologista, e anatomista **Weber** interessou-se pelas investigações sobre sensações, nomeadamente pelas sensações táteis e visuais, passando da área da fisiologia à psicologia. Também a sua mulher **Marianne Weber**, surge na história como sendo uma das *primeiras*



mulheres a frequentar a a Universidade estudando filosofia, história cultural e economia política. Ficou ainda na história por fundar um *famoso círculo de estudos em Heidelberg*, que se manteve por trinta e seis anos. De notar que **Marianne** foi das primeiras mulheres a ser apelidadas de socióloga, e feminista, exigindo direito de voto à maternidade e à profissionalização.

* **

De acordo com Cherry e Chung (2020), estimar-se à que 17.000 estudantes terão assistido às aulas de Wundt, e que centenas deles terão continuado os seus estudos, prosseguindo para novos trabalhos -1832-1920. Mas **Wundt**, refere *Saulo Araújo* (2009), tem recebido um tratamento caricatural.

Alguns autores referem ainda que a visão tradicional de Wundt era a de um estruturalista, pois fora influenciado pelo estudo da identificação da experiência consciente imediata, e era também formado em fisiologia e medicina, tendo propensão para a classificação; embora esses esses interesses fossem marginais.

Araujo (2009), refere que **Wundt** seria um típico professor alemão do século XIX, com grande erudição; e como refere este historiador, num interessante capítulo acerca de Wundt, devemos ter a cautela de pesquisar com muita seriedade os feitos dos autores na literatura psicológica, pois que muitas das suas ideias foram distorcidas ao longo do tempo; provavelmente porque os estudos iniciais de 1858 a 1863 quando Wundt não estava ainda em **Leipzig**, não terão

sido considerados. Sabemos porém que o seu livro “*Princípios da psicofisiologia psicológica*”, foi publicado em **1873**, como refere o historiador Michel Foucault. Mas outras experiências, talvez menos conhecidas foram tratadas por Wundt, como por exemplo, os seus *estudos dos papéis dos nervos cranianos na respiração*; e ainda experiências sobre a sensibilidade tátil em pacientes histéricos – nas quais recorria à técnica *do limiar de dois pontos* de Weber; e terá sido aliás com essa investigação que o autor apresentou a sua dissertação ao curso de medicina.

De acordo com Cherry e Chung (2020), estimar-se à que 17.000 estudantes terão assistido às aulas de Wundt (1832-1920), e que centenas deles terão continuado os seus estudos, prosseguindo para novas investigações.

A partir do século XIX os estudos sobre a inteligência viriam a recrudescer, mas sabemos que já antes Sir Francis **Galton (1822-1911)**, foi pioneiro no desenvolvimento das medidas de capacidade intelectual. É impressionante como na época, no seu livro “O gênio hereditário” (de 1869), conseguiu compilar estudos familiares de 300 famílias. O estudo de Galton foi considerado como a primeira “a primeira análise quantitativa da inteligência humana” (Pinheiro, 1996).

* **

A definição de psicologia, refere Hergenhahn (2001), tem mudado ao longo do tempo à medida que se foi alterando o seu objetivo; i.e., uns privilegiam a ideia da psicologia como o estudo da mente, outros, como o estudo do comportamento, outros, o estudo do espírito, ou ainda a compreensão dos princípios das correlações entre aprendizagem e memória, entre, muitos outros tópicos possíveis. Sendo que, como referem Cambaúva, *et al.*, ao “estudar a psicologia numa dimensão histórico-social, é possível entender a constituição dos seus debates atuais no interior das relações entre os homens.

Podemos ainda referir os trabalhos dos que se dedicam ao estudo do comportamento humano sob a perspetiva da teoria da evolução, etc., etc. Para qualquer ciência – como a psicologia – a conceção de *história* sem a interpretação, ou análise dos factos, ou do contexto em que ocorreram, necessita ser interpretada de acordo com o seu momento de construção. Daí que Lenita Cambaúva e colaboradores (1998), possam dizer que a psicologia, como qualquer outra ciência, vai sendo construída à medida que os homens se vão construindo a si e a seu mundo, como qualquer outra ciência se vai desenvolvendo naturalmente ao longo dos tempos; sendo sabido que a psicologia se emancipou da filosofia em meados do século XIX.

Claudio Figueiredo, no prefácio a um livro de história da psicologia, refere com ironia que, *em rigor a psicologia não existe, pelo menos no singular*. Também muitos outros autores discursam sobre esta questão.

Por exemplo, Furlan (2008), no seu estudo sobre a questão do método na psicologia, refere que é corrente a *mistificação*. Na verdade, podemos dizer que o método, é sempre um *caminho provisório* para responder a dadas questões. Se à primeira vista esta afirmação nos faz estranheza, é verdade, também, que o método desprovido do objeto de estudo não fará sentido; e assim se compreende que ao longo dos tempos novos métodos tenderão a surgir, à medida que novos problemas se coloquem.

É interessante a observação de Cambaúva *et al.*, quando referem: “para qualquer ciência, inclusive a psicologia, a conceção de história sem a inerente interpretação ou análise dos factos e do contexto em que foram produzidos, dificilmente poderá fazer sentido”, e daí também a necessidade de periodicamente atualizarmos a(s) histórias de um dado assunto, para que não fiquemos para trás.

* **

Um outro início da nossa história pode ser o referido por Weiten, quando o autor refere que os “pais intelectuais da psicologia”, foram a *filosofia* e a *fisiologia*, por volta de **1870**. Com efeito os filósofos e os fisiologistas interessavam-se sobre as *questões da mente*; sendo que Jesuíno refere que Wundt, com quarenta e sete anos, era um universitário com prestígio como professor de filosofia e tomou a iniciativa de abrir um *laboratório de psicologia em 1874* na sua Universidade; embora fique na história a data de **1879** referente ao laboratório experimental de Leipzig.

A modernidade na psicologia, como refere Mandler (2011) surge de muitas formas e em vários momentos históricos, consoante as disciplinas que estudamos e Wilhelm **Wundt** (1832-1920), fisiologista alemão recorreu a métodos científicos para investigar os tempos de reação de sujeitos em sujeitos humanos, e por estes feitos foi considerado *o fundador da psicologia científica*, nomeadamente *ao ter criado o laboratório de psicologia experimental na Universidade de Leipzig, na Alemanha em 1879*; sendo que esse acontecimento oficializou a psicologia como uma disciplina científica distinta das outras ciências. E como refere **Reuchlin** (1986), “o homem que estabeleceu definitivamente a autonomia da psicologia experimental foi incontestavelmente W. Wundt (1832-1920), com a sua marca do laboratório experimental que *atraiu numerosos* alunos a Leipzig. Entre os diversos centros de pesquisa, criados no séc. XIX,

dois merecem destaque devido ao seu contributo para o desenvolvimento da psicologia: o de Johannes Muller (18

É também reconhecido que **Wundt** terá sido precursor no estudo dos fenómenos sociais i.e, a *Volkerpsychology*. i.e. a “a psicologia dos povos”. Wundt, na verdade terá sido essencialmente um amante da filosofia, que, se dedicou à incipiente psicologia; sendo que a posição do autor era a de que “a psicologia é uma ciência empírica cujo objeto de estudo é a *experiência interna, ou imediata* (cf. Wundt,1896).

De todas experiências empíricas, refere Wundt, que a *psicologia* será aquela cujos resultados mais contribuem para a investigação dos problemas do *conhecimento* e da *ética*, já que *esses* são os dois principais domínios filosóficos (in Saulo Araujo 2009).

Como refere Saúlo Araujo, num interessante capítulo acerca de Wundt, devemos ter a cautela de pesquisar com muita seriedade os feitos dos autores na literatura psicológica, pois que muitas das suas ideias foram distorcidas ao longo do tempo; provavelmente porque o estudos iniciais de 1858 a 1863 quando Wundt não estava ainda em Leipzig, não terão sido considerados. Sabemos porém que o seu livro “*Princípios da psicofisiologia psicológica*”, foi publicado em 1873, como refere o historiador Michel Foucault. Mas outras experiências, talvez menos conhecidas foram tratadas por Wundt, como por exemplo, os seus estudos dos papéis dos nervos cranianos na respiração; e ainda experiências sobre a sensibilidade *tátil em pacientes histéricos* – nas quais recorria à técnica *do limiar de dois pontos de Weber*; terá sido aliás com essa investigação que o autor apresentou a sua dissertação do curso de medicina.

De acordo com Cherry e Chung (2020), estimar-se à que **17.000 estudantes** terão assistido às aulas de Wundt, e que centenas deles terão continuado os seus estudos, prosseguindo para novos trabalhos. Recorde-se que a **Universidade Alemã** surgiu como alternativa intermédia entre os modelos inglês e francês, embora tenha uma longa tradição que se inicia com a fundação da **Universidade de Heidelberg**, em **1385** – foi apenas a partir do século XVIII, com a disseminação da filosofia e da ciência modernas que se ela começou a assumir um papel fundamental na esfera cultural alemã.



Wundt

Como refere Santamaría (2001), a história da psicologia assume-se como uma ciência, a partir do século XIII, sendo que o método científico *na psicologia* se foi afirmando abrindo a

novas possibilidades. Dentre essas descobertas, a compreensão do método científico e a compreensão da evolução das espécies, ou os desenvolvimentos posteriores da biologia ou da neurologia, foram estimulando novas investigações que não cessaram de explorar.

Porém, devemos dizer que os livros de história da psicologia, em geral não consideram a psicologia do século XVIII uma disciplina “verdadeira”, colocando-a no limbo de uma “pré-história”.

Em termos rápidos podemos referir as primeiras grandes *escolas* da história da psicologia científica, sendo elas o *estruturalismo*, o *funcionalismo*, *behaviorismo*, o *humanismo*, a *Gestalt*, a *psicologia social*, as *teorias da aprendizagem social*, a *psicologia cognitiva* ou ainda a *psicologia existencial* que surgiu na Europa no início Segunda Guerra Mundial, e terá levado as pessoas a refletirem acerca dos percursos que valerão a pena seguir na sua vida.

Alguns psicólogos como Gordon **Allport** (1897-1967), que foi um acadêmico de Harvard, *pioneiro no estudo da personalidade humana*, e foi considerado o “criador” da teoria hierárquica dos *traços*, sendo que esses determinariam o comportamento das pessoas (a partir dos *traços centrais* comuns à maioria das pessoas). Os seus *estudos sobre a personalidade* contribuíram para o campo da psicologia, nomeadamente sobre estudos raciais, e movimentos civis após a II Grande Guerra. Em 1941 Allport foi um defensor dos ideais democráticos. Na psicologia o estudo da personalidade desenvolveu-se com o autor, publicando o livro “*Personality: a Psychological interpretation*, em 1937). A sua definição de personalidade seria “uma organização dinâmica, dentro do indivíduo, dos sistemas psicofísicos, que determina um ajuste único ao ambiente”.

Para **Cattell** a personalidade também consistiria num conjunto dos traços que predispõe o sujeito a agir de um dado modo. De notar que a *teoria dos traços* se mantém até hoje (Carvalho, Pianowsky, Reis & Silva, 2017).

Partindo dos estudos de Allport, vários psicólogos académicos iniciaram-se em estudos científicos *sobre a personalidade*, surgindo novas abordagens, sendo que para Allport (1937), a personalidade consistiria numa “organização dinâmica do sujeito, dos sistemas psicofísicos que determinariam o ajuste ao seu ambiente”.

Cattell também teorizou a personalidade como sendo um conjunto de traços que predispõe o sujeito a agir de uma determinada forma que explica a consistência dos seus comportamentos. De salientar que a teoria dos traços manteve-se até hoje (Carvalho, L., *et. al.*, 2017). Sendo que o Canadiano John **McCrae**, defenderia que o que mais se aproxima da definição de personalidade será “a tentativa de organizar uma explicação psicológica do funcionamento da pessoa como um todo”(in, Carvalho, Pianowsky, Reis & Silva, (2017).

Todos os funcionalistas, costuma-se dizer – foram influenciados por **W. James**, que, por sua vez foi influenciado pela *teoria da evolução*, sendo um *precursor da psicologia funcional*.

Em Inglaterra, **Darwin** descreve o mecanismo da evolução das espécies, abalando os dogmas religiosos sobre a origem do homem e seu desenvolvimento; e o positivismo de Comte, propõe estudar os factos como estes surgem e se desenrolam.

De salientar que *o círculo envolvente de Darwin* era composto por vários estudiosos – como **Spencer**, **Huxley**, **Romanes** (1848-1894), Alfred **Russel**, entre outros que debatiam ideias entre si sobre a teoria da evolução.

Após o artigo “*Origin of species*”, em **1859** Darwin defendeu a ideia de que ao longo do tempo as espécies vigentes – incluindo os humanos – não surgiram tal como hoje se apresentam; e entretanto Darwin deparou-se com um texto da revista *Nature* nº5 de junho, de 1873 acerca da variação da cor dos peixes e consultou o naturalista J. **Romanes**, embora esse não viesse a concordar com Darwin.

As ideias de **Romanes** (1848-1894), afastavam-se das de Darwin, nomeadamente acerca da questão da importância da psicologia comparada. Sendo a *psicologia comparada* o ramo da psicologia que trata do estudo paralelo do comportamento entre animais e humanos, ao longo da ontogénese e filogénese, e que emergiu nos finais dos anos 1800s, partindo das ideias Darwin sobre os princípios da evolução das espécies; e também sobre influência dos trabalhos comparativos de **Georges Cuvier** na biologia, (Hall, & Brosnan, 2017).

Na segunda metade do século XIX surgem diversas disciplinas sendo que uma delas a *frenologia*, ciência sistematizada por **Franz Joseph Gall** (1758-1828) sendo bastante popular por muito tempo. Os seus princípios seriam cinco: (1) o cérebro era o órgão da mente, (2) os poderes mentais podem ser analisados em diversas faculdades, (3) as faculdades são inatas, e cada uma e cada uma tem lugar numa região específica do cérebro, (4) o tamanho do cérebro e suas dimensões constituem o carácter, e (5) cada faculdade tem um local específico do cérebro. Em geral **Franz Gall**, (1758-1722) e o seu discípulo Johann Gaspar **Spurzheim**, cientistas de língua alemã, difundem as suas ideias, em língua francesa e inglesa, e em **1807** defendem que “a conformação da caixa craniana, dependendo do seu tamanho e que as suas protuberâncias mostrariam os aspetos da personalidade do sujeito”. Quanto a Broca (1824-1880) invocou um facto muito mais solidamente estabelecido, para afirmar que o pé da terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo seria “o centro da fala”. O autor considerou essa realidade – partindo da observação de um caso de um paciente que não conseguia falar, não se encontrando nenhuma razão para tal. O cérebro desse doente – após a sua morte mostrou a presença de uma lesão única no seu género, na região indicada. Daí a conclusão de Broca em 1861 – a partir daí outros

investigadores, a partir de 1870 localizaram diversos centros motores e sensoriais. Como é frequente muitas destas e outras descobertas ocorrem quase como por acaso – porém além de acaso compreendemos que terá sido necessário que alguém se tenha interessado e analisado pela questão para que ela se assumi-se como científica, desenvolvendo novas questões (in Reuchlin, 1986).



Quanto a **Darwin (1809-1882)**, este atribuiu outras *causas naturais* para justificar a transformação das espécies, como “a beleza nas características dos machos, que atraíam outros da sua espécie”. Mas a teoria da evolução não explica todo o desenvolvimento humano ou dos animais; por exemplo grandes catástrofes, como aconteceu em **Pompeia**, em 79 d.c. ao ser destruída pela grande erupção do Vesúvio implicam alterações consideráveis, que mostram a nossa fragilidade...



Pompeia, em 79 d.c.
Vesúvio reprodução em gesso das vítimas

* **

Quanto aos trabalhos experimentais sobre reflexos nos animais suscitou um vívido interesse em desenvolver novas experiências sobre o comportamento animal. Com efeito, como referem Kendra Cherry e Adah Chung (2020), a psicologia de hoje mostra-nos uma disciplina bastante rica e variada. E, as suas origens diferiam significativamente das nossas concepções contemporâneas.

Voltando um pouco atrás no nosso texto, poder-se-á afirmar literalmente que a psicologia é o estudo da mente (ou psique) e o seu estudo é tão antigo quanto o ser humano.

Se é usual dizer que o século XVIII foi de vários modos “*o século da psicologia*”, como refere Fernando Vidal, num capítulo do interessante livro de “*História da Psicologia – Rumos e percursos – aceitamos que a psicologização do desenvolvimento da psicologia empírica como disciplina, estão ligadas organicamente*, embora até, ao século XVIII, poder-se-á dizer que a psicologia dessa época seria pré-científica, e mais próxima da filosofia. Compreendendo-se a conhecida frase de Hebbinghaus (1850-1909), que os alunos repetem com frequência “a psicologia tem um longo passado e uma curta história.”

Como referem Schultz e Schultz (1992), antes da última década do século XIX, eram os filósofos que debatiam a natureza humana; sendo que Gustav Teodore **Fechner** (1801-1887) foi um deles; para além de se considerar *psicólogo, fisiólogo, matemático* e pioneiro na psicologia, sendo que os seus trabalhos experimentais marcaram o início dos estudos da introdução da medida na psicologia, estudando nomeadamente a *mínima diferença perceptível* entre dois estímulos, para um dado indivíduo, na medição dos “*limiões sensoriais*”.

Já quanto à metodologia para avaliar a sensação em si mesmo, recorreu aos resultados do fisiologista **Weber**.

Retornando ao texto de Vidal (2011), é interessante a sua afirmação de que no **século XX** a psicologia profissional se tornou um mecanismo de controlo do comportamento humano. E ainda, também podemos aceitar que (...a psicologia empírica veio apoiar *formas de autoridade*).

Em Portugal, como dissemos noutra trabalho, seria nos primeiros anos do século XX que se afirmaria verdadeiramente o cariz científico da psicologia entre nós, no meio académico. Recordemos que a oficialização do ensino superior público de psicologia em Portugal, ocorreu apenas em **1976**, i.e., apenas dois anos após a *revolução de Abril* de **1974**. No entanto já alguns profissionais lidavam com questões psicológicas, nomeadamente aplicações entre a **Primeira e Segunda GG** em contextos militares. Foi criado então o *Instituto de Orientação Profissional* – IOP – e em 1925, distinguindo-se as palestras de Faria de Vasconcelos, acerca das relações entre psicologia e atividade militar. A psicologia foi assim “usada” para fins de recrutamento militada *nossa triste Guerra Colonial*, iniciada em **1961**, em **Angola**, e alastrando depois para **Moçambique e Guiné**.

O apego de Portugal às suas colónias durou séculos, mas a partir de 1961, surge a Guerra do Ultramar, que se dedica à guerrilha rural, desencadeando ataques à população branca. **Angola** foi a *primeira colónia* onde se inicia a luta armada contra o domínio português.



Fontes da época falam na morte de 1200 brancos e 6000 negros, assistindo-se ainda à destruição de fazendas, e postos administrativos. As operações do Exército português prolongaram-se ao longo de oito meses. Um grupo de 60 estudantes de Angola, Moçambique, Cabo Verde e de outras colónias fogem de Portugal e da ditadura de Salazar para se juntarem à luta de libertação. Muitos estudantes fugiram de Portugal em 1961.

Entre 120 e 140 mil militares portugueses sofreram de stress pós-traumático, após 45 anos depois da guerra colonial em África, sendo que muitos dos seus familiares também foram afetados.

* **

Boring, na sua abordagem da história da psicologia destaca a importância do *zeitgeist* (i.e., do espírito da época) para se compreender uma dada ciência. Considerando que a psicologia contemporânea reflete uma disciplina bastante rica e com uma história variada, para que tenhamos uma compreensão completa da psicologia, deveremos explorar a história das suas origens, como referem Cherry e Chung (2020).

As questões fundamentais para compreendermos esta ciência, passam por questionar como surgiu e se desenvolveu a psicologia, e quem foram os autores que a inauguraram.

Desde o seu início, que a psicologia se deparou com inúmeras questões, podendo dizer-se que a questão inicial para definir a psicologia seria separar-se da *fisiologia* bem como da *filosofia*, pois que podemos dizer que a psicologia só se autonomizou como disciplina nos últimos anos do século XVIII; embora se pudesse recuar aos tempos da Grécia antiga; nomeadamente por interceção de Descartes quando este reflete acerca da dualidade corpo-mente, como duas entidades que interagem para formar a experiência humana (Vidal, 2011).

Quando a psicologia emergiu como ciência separada da biologia e da filosofia, o debate acerca de como explicar a mente começou. A partir daí diferentes escolas se desenvolveram, procurando novos métodos de estudo, pois não é possível falar de método desvinculado do objeto. Se pretendo avaliar um *peso*, não posso medi-lo com uma fita métrica, ou se quero medir um litro de azeite não o avalio com uma balança.



Edward B. Titchener (1867- 1927), foi um psicólogo inglês que estudou sob supervisão de Wundt durante vários anos. Titchener desenvolveu uma corrente da psicologia acerca do estudo da mente, descrita como *estruturalismo* sendo esse o método que importou da Alemanha, onde tinha sido aluno de Wundt. Os seus pais provinham de uma família proeminente, com cinco filhos, e Titchener frequentou a escola Prenbendal, o colégio Malvern, graduando-se em Oxford, onde estudou os textos de Wundt.

Titchener era também um introspecionista que recorria ao seu método para alcançar a experiência consciente, através dos elementos sensoriais; sendo que a soma das experiências de uma pessoa num dado momento determinado seria a sua totalidade. Titchener seria menos reflexivo do que Wundt, quanto às controvérsias acerca dos problemas básicos do seu sistema psicológico. Enquanto esteve em Oxford, estudou os trabalhos de Wundt, e traduziu o texto de Wundt *Princípios de Physiological Psychology* do alemão para o inglês.

Em termos básicos poder-se-á dizer que era um reducionista que se baseava no estudo das sensações, e que categorizava os conteúdos da mente em três tipos: *imagens, sentimentos e sensações*.

Em 1892 Titchener frequentou um ano extra na Universidade de Oxford; e embora fosse um autor inglês de tradição associacionista-empirista entrou também em contacto com a tradição racionalista da psicologia alemã, bem como com os movimentos sociais e científicos dos Estados Unidos, no início do século XX, onde fundou a sua escola de psicologia, o que lhe conferiu grande reputação na história da psicologia. Acresce que o autor dialogou com outros grandes nomes, como William James, entre outros. Quer James como Wundt, partilhavam a ideia de que não existia emoção no corpo e na mente.

O método da psicologia, pensa Titchener, é o mesmo método das demais ciências- ou seja, a *observação*, enquanto que nas ciências físicas o método será a *extrospeção* (Rosas, Paulo., 2010).

Uma análise da obra de Psicologia Geral, publicada em 2002 classificou **W. James** como o *14º mais eminente psicólogo do século XX*. Sendo que o seu trabalho terá influenciado grandes autores como Emile Durkain, Wittgenstein, e, entre outros, também o presidente americano

Jimmy Carter; em termos simples podemos dizer que **W. James (1842-1910)** era um pragmático, considerado um dos principais *pensadores, filósofo e psicólogo* nos Estados Unidos, nos finais do século XIX, ficando conhecido como “**o pai da psicologia**”, sendo considerado um dos principais *pensadores, filósofo e psicólogo* nos Estados Unidos, nos finais do século XIX.

Quanto a **E. Titchener**, refere ainda a história que o autor seria muito inteligente, e recebeu uma bolsa de estudo no Marvern College, e mais tarde na Universidade de Oxford onde estudou filosofia. Estudou ainda grego, alemão francês e italiano, e trabalhou como assistente de investigação. Doutorou-se em 1892 na Universidade de Leipzig, e estudou sob orientação de Wundt por vários anos. Consta ainda que em trinta e cinco anos na universidade de Cornell, orientou na época mais de cinquenta doutorandos em psicologia, sendo que essas dissertações continham marcas das suas ideias; criando *o sistema do estruturalismo*, alegando mais tarde que seria essa a única psicologia científica digna do nome.

Para Titchener o objeto da psicologia é, *a experiência consciente como o sujeito a vivência*; ou seja apenas a *perspetiva estruturalista* se adequaria à psicologia na tradição associacionista-empirista inglesa. Mas o autor também contactou com os movimentos da psicologia alemã, e com movimentos sociais e científicos nos Estados Unidos, no início do século XX, onde Titchener fundou a sua escola de psicologia. Traduziu ainda o livro de *Princípios da psicologia fisiológica* de Wundt, para o alemão e para inglês, bem como publicou um manual de laboratório, que ficou na história como um dos manuais que incentivaram os trabalhos de psicologia experimental nos EUA. Todas as suas obras foram traduzidas para russo, italiano, alemão, espanhol e francês.

Nos estudos da experiência consciente Titchener chamou a atenção para o que designou de “erro do estímulo”, i.e., que o objeto do estímulo deverá ser descrito em pormenor, através das suas características (cor, forma, textura, , ...). A frase “*A mente é a soma das experiências acumuladas ao longo do tempo*” terá ficado gravada em todos os alunos que estudaram os trabalhos do autor. Para Titchener a observação introspetiva seria a abordagem experimental. Quanto maior as repetições das observações, maior a probabilidade de clareza na perceção e na precisão da descrição do objeto observado. As suas experiências eram repetidas várias vezes para que se confirmassem.

Segundo Fiscina (2008), a psicologia titcheriana representará uma tradição importante na história da ciência; sendo que o autor mereceria um tratamento mais pormenorizado, e menos anacrônico do que comumente se plasma nos textos de historiografia moderna. E embora Titchener tenha sido criticado, pelos seus métodos, é verdade que ainda hoje se recorre a métodos introspetivos, em variadas situações, nomeadamente na clínica. E, embora o método introspetivo

seja o primeiro método usado na psicologia, ele permanece ao longo dos tempos. Três passos fundamentais o constituem; a) o sujeito vive um dado estado de consciência e auto observa-se; b); descreve e relata o que se passa na sua mente; c) o terapeuta regista e descreve o que é descrito e interpreta.

O texto de Fischina refere ainda os contributos de **Titchener** como um inglês formado na tradição associacionista-empirista inglesa, mas também com a tradição da psicologia alemã e com influência dos movimentos dos Estados Unidos do início do século XX, que fundou a sua escola de psicologia.

Em termos de rápida síntese dos trabalhos de **Titchener** dir-se-á que foi a *primeira escola* de pensamento na psicologia; *ao estudar a experiência consciente*, chamou a atenção para a grande probabilidade do “*erro do estímulo*”, ou seja, para Titchener a descrição de uma dada realidade, ou objeto, deveria ser analisada *pelos suas partes constituintes*, i.e., as sensações são os elementos básicos da percepção, os estados afetivos são elementos da emoção. Assim o autor define a *consciência como sendo a soma das experiências acumuladas ao longo do tempo*. Para Titchener, o estudo da experiência consciente como cada indivíduo a vivência depende de cada sujeito. E, embora **Titchener** se declarara como um leal seguidor de **Wundt**, na realidade foi ele que propôs a nova abordagem que designou de *estruturalismo*.

Titchener terá defendido, que todo o conhecimento humano é derivado das experiências humanas; e cada sujeito terá pontos de vista distintos, não estando nenhum deles necessariamente incorreto.

Titchener definiu ainda três estados da consciência; a) *sensação*; b) *imagem*; c) e os *estados afetivos*. Sendo que as sensações serão elementos básicos da percepção, e estão presentes nos sons, nas visões, nos cheiros, ou noutras experiências provocadas por objetos físicos do ambiente. Os estados afetivos serão elementos da emoção, como por exemplo nas experiências de amor, tristeza, ódio ou (...). Sendo que o autor terá apresentado uma extensa lista de qualidades sensoriais. Considerando o estruturalismo, repescamos a frase de Simone W. Laden (2012), “*Somente a partir do estruturalismo chegamos à psicologia científica*.”

Porém, embora o *estruturalismo* tenha tido uma grande importância, os seus métodos foram considerados limitados e subjetivos. Com efeito, filósofos como *Auguste Comte*, ou o psiquiatra inglês Henry Maudsley, criticaram antecipadamente os limites do método introspetivo, por não ser científico.

Mas, de acordo com Fischina, o método de Titchener *da introspeção seria na verdade muito mais elaborado do que o de Wundt*, pois não era um simples relato de uma experiência, mas antes uma complicada análise retrospectiva da experiência.

Porém a tradição titcheriana não viria a prosperar nos Estados Unidos (*in* Fiscina, 2008), e quando Titchener morreu (em 1927), o estruturalismo terminou com ele. Mas a sua obra não foi ignorada, e representou uma importante tradição na história da ciência.

Sobre Titchener (1867-1927), poder-se-á dizer ainda que o estruturalismo do autor recorria à introspeção para obter a compreensão da descoberta da estrutura da mente. O seu estruturalismo foi uma tentativa para avaliar cientificamente como as sensações surgem pelas informações sensoriais, e como estas se combinam para formar eventos mais complexos; isto é, para explicar as causas dos fenómenos mentais complexos. Ou seja, para explicar as causas desses fenómenos, dever-se-ia recorrer à fisiologia, através da de uma espécie de *dissecação* dos diferentes componentes da mente , i.e., através da *análise da estrutura da mente*.

E, com efeito, segundo a interpretação de Fiscina, (2008), o trabalho de Edward Titchener seguiu a tradição autoritária de Wundt, introduzindo-a nos EUA; mas o sistema de ambos os autores seriam tão próximos, que foi facilmente assimilado pelos Estados Unidos, e o inglês Titchener, foi muitas vezes aceite como a imagem de Wundt. O grande historiador da psicologia Hergenhahn, sugere que a morte Titchener representa também a morte do estruturalismo.

Voltando a Wundt, é consensual que se considera o primeiro verdadeiro psicólogo da era moderna, como refere Godwin, no seu manual de história.

A modernidade na psicologia, como refere Mandler (2011) surge de muitas formas e em vários momentos históricos, consoante as disciplinas que estudamos.

Wilhelm **Wundt** (1832-1920), fisiologista alemão recorreu a métodos científicos para investigar os tempos de reação de sujeitos humanos. Por estes feitos foi considerado como o fundador da *psicologia científica*, nomeadamente *por ter criado o laboratório de psicologia na Universidade de Leipzig, na Alemanha em 1879*; sendo que esse acontecimento oficializou a psicologia como uma disciplina científica distinta das outras ciências. E, como refere Reuchlin (1986), “o homem que estabeleceu definitivamente a autonomia da psicologia experimental foi incontestavelmente W. Wundt com a sua marca do laboratório de psicologia experimental que atraiu numerosos alunos a Leipzig.

É também reconhecido que Wundt terá sido precursor no estudo dos fenómenos sociais i.e, na *Volkerpsychology*. i.e. a “*a psicologia dos povos*”.

A obra de **Wundt** é bem conhecida pelos seus contributos acerca dos desenvolvimentos teóricos e metodológicos na *psicologia experimental* que lhe garantiu o cariz científico em Leipzig . Porém, a facção epistemológica da *Psicologia dos Povos* é quase sempre preterida –nas aulas de psicologia. Ora, na psicologia dos Povos, de *Wundt* o autor propõe diversas considerações referentes às *qualidades intelectuais e morais dos povos*; sendo que trata desde a

fase primitiva até às produções espirituais nas culturas complexas. Assim a *psicologia dos povos* aborda ainda conteúdos artísticos, linguísticos sócio-económicos e religiosos. Ou seja trata *dos graus principais da evolução da psicológica dos povos*.

O termo *Psicologia dos Povos*, é um neologismo com sentidos diversos – implicando que poderá referir-se a considerações etnográficas sobre *qualidades intelectuais, morais*, ou conteúdos de ordem psíquica dos diversos povos. Ou seja, noutros termos, poder-se-à tratar de uma caracterologia dos povos primitivos e seus cultos (*arte, religião, linguagem, instrumentos, et al.*), resultante da vida humana em coletividade. As fases da evolução psicológica estariam circunscritas a quatro estádios: 1) *Primitivo*; 2) *Toteimismo*; 3) *Heróis e Deuses*; 4) *Evolução* em direção à humanidade atual.

As proposições teóricas e metodológicas da Psicologia dos Povos aproximam-na de disciplinas como a *psicologia social*, a **etnologia**, e **etnografia** – sendo que a *etnografia* se refere **ao estudo descritivo da cultura dos povos**; e a **etnologia** sendo a ciência que analisa as situações e documentos registados pela etnografia – i.e., a descrição das várias etnias, ou da cultura de um povo – nomeadamente interpretando-os com fim de estabelecer comparações entre culturas, considerando os graus principais da evolução psicológica.

Em síntese rápida, a **Psicologia Social** estudaria a vida de pequenos grupos; e a **Psicologia dos Povos** interessava-se por características mentais dos povos.

Wundt defendia ainda que certas *representações, sentimentos, motivos de conduta* – apresentariam características psicológicas específicas da evolução mental. Para Wundt haveria duas religiões em sentido estrito: o Budismo e o Cristianismo.

Na psicologia dos povos é destacado que as formas culturais do matrimônio e da família terão surgido no seio das sociedades primitivas com rituais mágicos.

* **

Como refere Saulo Araújo, num interessante capítulo acerca de Wundt, devemos ter a cautela de pesquisar com muita seriedade os feitos dos autores na literatura psicológica, pois que muitas das suas ideias foram distorcidas ao longo do tempo; provavelmente porque o estudos iniciais de 1858 a 1863 quando Wundt não estava ainda em Leipzig, não terão sido considerados. Sabemos porém que o seu livro “*Princípios da psicofisiologia psicológica*”, foi publicado em 1873, como refere o historiador Michel Foucault.

Mas outras experiências, talvez menos conhecidas foram tratadas por Wundt, como por exemplo, os seus estudos dos papéis dos nervos cranianos na respiração; e ainda experiências

sobre a sensibilidade tátil em pacientes histéricos – nas quais recorria à técnica *do limiar de dois pontos de Weber*; e terá sido com essa investigação que o autor apresentou a sua dissertação do curso de medicina.

De acordo com Cherry e Chung (2020), estimar-se à que 17.000 estudantes terão assistido às aulas de Wundt, e que centenas deles terão continuado os seus estudos, prosseguindo para novos trabalhos. Alguns autores referem que a visão tradicional de Wundt era a de um estruturalista, pois fora influenciado pelo estudo da identificação da experiência consciente imediata, e era também formado em fisiologia e medicina, tendo propensão para a classificação, no entanto esses interesses seriam marginais.

Wundt, de acordo com Saulo Araujo (2009), Wundt seria um típico professor alemão do século XIX, com grande erudição; no entanto, ao longo dos tempos o retrato de Wundt foi sendo deturpado, e eventualmente confundido com o de Titchener.

Wundt deu à psicologia a marca da introspeção, como referem Guaer e Souza (2007), mas a primazia da experimentação em psicologia, foi de facto ligada à física pelo método experimental com nomes como Weber, Fechner e Helmholtz, sendo que porém, não tenha perdurado até ao século XX, mas é verdade que a psicofísica apressou o desenvolvimento da abordagem experimental na psicologia, tornando-a uma ciência autónoma com laboratórios e departamentos Universitários. E o avanço da psicologia experimental surgiu na antiga Prússia, atual Alemanha.

A introdução da psicologia experimental nas Universidades na Alemanha surge por volta de **1810**, por influência do filósofo e Ministro da educação da Prússia **Karl W. Von Humbolt**; sendo que o modelo terá sido a Universidade de Berlim, na qual se criou um centro com laboratórios para pesquisa, e Wundt, era em 1879, um Professor de filosofia que orientava experiências sistemáticas de psicologia. A proximidade entre o ensino e a investigação tornou-se notória e atraiu vários investigadores que vieram de diversos países para o laboratório de Wundt.

Como sabemos, “Wundt deu à psicologia a *marca da introspeção*, realizada por indivíduos adultos e normais, como método para analisar os elementos mentais”.

É interessante, ainda o facto de que outros laboratórios, criados em países diversos, não se instalavam forçosamente em Universidades como se passava na Alemanha. Sendo, por exemplo, segundo Gauer e Souza (2007), que os laboratórios franceses de psicologia experimental não estavam instalados nas Universidades.

É também curioso o facto de em Inglaterra, sob a influência do darwinismo, o estudo da mente humana foi comparada com a dos animais sob a tese da origem comum entre animais e

humanos, o que justificava cientificamente o uso de animais em estudos de fisiologia experimental. E assim, se legitimava a exploração dos animais pela ciência. Ou seja, “o animal darwiniano figurava como modelo ideal, e era visto como um ser sensível, compartilhando com os humanos a suscetibilidade ao sofrimento físico e emocional”.

Verificavam-se também já na época, movimentos antivivissecionistas, contra experiências com animais domésticos e experiências fisiológicas (Lima, & Waizbort, 2012).

No ano de **1868 Darwin** e sua mulher Emma, que *conhecera a ativista, jornalista e escritora Frances Power Cobbe* que defendia causas humanitárias, e publicava críticas políticas sobre o espancamento das mulheres, defendia normas governamentais para a defesa dos pobres, e ainda, chamava a atenção acerca dos excessos cometidos pelos fisiologistas nas experiências com animais.

Frances Cobbe foi membro proeminente da família descendente do Arcebispo Charles Cobbe – e a autora trabalhou no reformatório Red Lodge. Cobbe teve uma ligação lésbica com a escultora **Mary Charlotte Llyd**. Cobbe fundou ainda uma sociedade de proteção para animais.



Frances Power Cobbe

No século XVIII, o *cão era já tido o como o animal mais inteligente de todos os quadrúpedes*. Ainda acerca de Darwin sabe-se que se casou com sua prima em primeiro grau Emma Wedgood, sendo que no século XIX eram ainda comuns os casamentos entre primos; embora o seu primo Francis Galton – que cunhou o termo *eugenia* alertou-os para os potenciais perigos do parentesco; e de facto muitos dos descendentes de Charles e Emma não tiveram filhos que sobrevivem-se à infância, sendo que a história narrará que Charles Darwin terá dito “*Somos uma família miserável e devemos ser exterminados*”.

Os estudos da inteligência humana não foram os primeiros interesses na psicologia científica, tendo sido prioritário, como sabemos, os estudos acerca dos “conteúdos da consciência”, através do método introspectivo, como vimos já quer com Wundt, como com Titchner (1867-1927) e outros.

Na época os casamentos entre primos ainda era comum ao longo do século XIX, como aliás acontecia na casa real.

Quanto ao livro sobre a *origem das espécies* foi publicado em 1859, e maioria da comunidade científica educada aceitava a teoria da evolução como um facto – embora ainda perdurassem explicações variadas. Darwin, desde cedo gostava de colecionar rochas, animais.

Aos 16 anos o pai de Darwin retirou-o da escola e passou a levá-lo para o seu consultório, para que anotasse todos os sintomas dos pacientes.

No ano de 1868 Charles Darwin e sua mulher Emma passeavam numa região rural no país de Gales onde conheceram Frances Power Cobbe, jornalista e escritora, ativista em muitas causas humanitárias, para além de ser uma crítica das políticas governamentais para os pobres, e do espancamento de mulheres no campo doméstico, e também dos excessos cometidos pelos fisiologistas em experiências com animais. Darwin também estudou medicina na Universidade de Edimburgo, seguindo os passos da família, mas não continuou nessa senda.

Entretanto **Frances Cobbe (1822-1904)**, conheceu a família Darwin e comentou num relato autobiográfico (1894), as conversas sobre a inteligência e afabilidade dos cães e outros animais, bem como o afeto e zelo que **Darwin** dedicava ao seu pônei quando as moscas atormentavam o animal. Durante quatro anos, a inglesa, jornalista e ativista humanitária **Cobbe** partilharam cartas e textos entre eles. *O ativismo de Cobbe acerca dos direitos das mulheres, levou-a a inscrever-se na Universidade*. Cobbe trabalhou ainda no reformatório Red Lodge, onde viveu com **Mary Carpenter**, entre 1858-1859, porém a relação turbulenta entre as duas levou Cobbe a abandonar o reformatório e Mary criou uma nova relação lésbica com a escultora **Mary Lloyd**. **Frances Cobbe** vitoriana empenhada em várias causas sociais – foi personagem pouco conhecida – mas criticou todos e qualquer usos de animais vivos em experiências laboratoriais. **Cobbe** fundou ainda a *Sociedade para a proteção de Animais sujeitos à vivisseção*. A autora lutou ainda a favor do sufrágio feminino – o seu ativismo levou-a a incluir e defender que as mulheres pudessem fazer exames na Universidade, e assim obter um diploma em Oxford e Cambridge. Um *retrato de Cobbe*, está incluído num mural de P. Starmer, revelado em 1921, na Igreja de St. Jude-on-Hill, no suburbio de Hampstead Garden em Londres.

Em **1864** o editorial do Jornal Inglês – *Woman's Journal* argumentou acerca da necessidade de um periódico “especial” sobre feminismo. Mais tarde o editor do new *Alexandra Magazine* seria crucial para o sucesso do movimento feminismo.



* **

Aos animais domésticos atribuíam-se faculdades mentais e virtudes morais, que não se aplicavam aos animais selvagens. Os animais domesticados, nomeadamente os de estimação eram distinguidos dos outros por três traços particulares: não eram usados como alimento, tinham permissão para entrar em casa, e recebiam nomes individuais, tal como hoje.

O interessante nestas histórias são as similitudes entre hábitos antigos e os de hoje em tantas e diversas situações; e assim vamos reaprendendo e justificando a nossa história, consoante as fontes com que nos deparamos.

A partir do século XIX, quando a psicologia se assumiu como ciência autónoma, tentativas várias surgiram através das múltiplas experiências que validariam a prática científica, pelo método experimental. Nomes como Weber, Fechner e Helmholtz desenvolveram a *psicofísica*.

Mas também, voltando atrás no passado, como referem Gauer e Souza (2007), as revoluções *copernicana*, *galileana* e *newtoniana* impulsionaram o desenvolvimento experimental; sendo que o debate entre o estruturalismo e o funcionalismo mostrou a primeira cisão entre as ideias de Wundt e do inglês **Titchener**.

Enquanto que os *estruturalistas* eram fundamentalmente estudiosos dos elementos básicos da consciência; os *funcionalistas* – como **Stanley Hall**, **Cattell**, ou **Dewey**, iniciaram estudos variados, como os dos padrões de *desenvolvimento das crianças*, a eficácia das práticas educacionais, e ainda o estudo das diferenças entre os sexos. **Stanley Hall** interessou-se por

Teologia e Filosofia, e posteriormente influenciado por Wundt, dedicou-se à psicologia e foi orientado por William-James, tornando-se o *primeiro doutorado* em psicologia no país.

Stanley Hall (1844-1924) foi ainda o *primeiro Presidente da Associação Americana de Psicologia*. Enquanto Presidente da Universidade de Clark, Stanley Hall conseguiu trazer aos Estados Unidos, em 1909, Sigmund **Freud**, e seus colaboradores próximos, como **Carl Jung**, e **Firenczi**. Stanley Hall foi pioneiro nos Estados Unidos, no campo do desenvolvimento da criança e da psicologia educacional. **Hall**, influenciado pela *teoria da evolução* de Darwin, procurou analisar o desenvolvimento da criança, mas a subjetividade desses estudos tornaram a validação impossível.

Em **1904** Hall publicou temas como “Adolescência: psicologia e sua relação fisiológica, antropológica e sociológica, sexo crime, religião e educação – em dois volumes. Após de se reformar em 1920, Hall escreveu um volume sobre o envelhecimento – esse volume foi profético na medida em que o autor entrara na crise de envelhecimento com um decréscimo de oportunidade de participações públicas.

* *

Quanto ao americano **Julian Rotter**, nascido em **1916** foi considerado como um dos criadores de uma concepção da *personalidade*, encarada como aprendizagem social. **Rotter** defendeu que o *comportamento humano é aprendido*, ao longo da interação pessoal. A sua teoria integra variáveis motivacionais e cognitivas nas explicações dos comportamentos.

**

Quanto à **psicologia francesa**, nas épocas de 1870-1940, encontramos nomes como o neuropsiquiatra Théodore **Ribot (1839-1916)**, autor que fica na história por ter criado o *primeiro laboratório de psicologia experimental na Sorbonne* em, 1889, defendendo a necessidade de uma *psicologia científica* francesa, que se iniciaria em **1870**.

Ribot encontrara na desorganização patológica um verdadeiro substituto do método experimental, considerando que a desorganização patológica ocorre por ordem definida, i.e., “o novo perece antes do antigo e o complexo antes do simples”.

Nos finais do século XIX – e ainda em França – os primórdios da psicologia nascem através das *disciplinas de cariz filosófico e nas universitárias*, surgindo investigadores das disciplinas universitárias, como a *medicina*, e *biologia*. Sendo que Auguste **Comte** contribuiu para a ciência afirmando que se deve estudar os factos como *nascem* e se desenrolam, e que devemos submeter-nos a eles; e embora *Comte não tenha previsto um lugar para a psicologia*

na sua classificação das ciências (pois essa estava reduzida à biologia), o médico e neuropsiquiatra **Ribot**, *defendeu a psicologia científica*, esboçando um programa a partir de **1870**; sendo que esse programa estava próximo da abordagem experimental de Wundt, ao estudar as relações entre a atividade mental, de forma a calcular *intensidades de reação, tempos de reação, e intensidades de relações*; sendo que o “*aparelho psíquico não funciona como um mecanismo*”, mas antes como um *conjunto orgânico cujas reações são pessoais*, e por isso mesmo, são irredutíveis às ações que as desencadeiam.

Ribot contribuiu ainda também para a psicologia ao reconhecer que as *experiências laboratoriais têm os seus limites* (assaz estreitos), mas que elas são necessárias.

Podemos ainda afirmar, com Ouvrier-Bonnaz (2007), entre outros, que a psicologia francesa de 1870 a 1940, foi *uma ciência aplicada e universitária*.

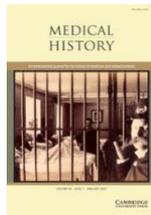
Um outro francês Philippe **Pinel (1745-1826)**, fica na história pelas suas reformas nos tratamentos dos doentes psiquiátricos, *sob influência da revolução francesa* e industrial, seguindo a nova máxima da “igualdade entre sãos e os doentes”. O discípulo de Pinel, **Jean Etienne Esquirol**, no seu texto “Des Maladies Mentales” defendia a necessidade dos métodos estatísticos como acontecia na demais ciência, constatando que na Sâlpêtrière em **1801**, estariam internados 609 doentes. Já na época os diagnósticos eram contabilizados consoante a classificação (e.g., 750 epiléticos, 1545 imbecis, e 5229, de outra alienação, até 1833). Se a libertação, dos alienados, atribuída a Pinel ocorreu em **1798**, em Portugal o primeiro hospital – **Rilhafoles** só abriria em 1848, apenas para só ver a luz do dia em **1883** (Santos, N. B., 2011).



Pinel (1745-1826)

A ênfase de **Pinel** na *possibilidade dos alienados poderem circular livremente fora das celas em que antes estavam confinados* foi uma das libertações, que ocorreram. Pinel propôs ainda oferta de música, literatura e sugere – para os que podem – a libertação do uso de camisas de força. Assim, a ênfase na “liberdade” daqueles que podiam trabalhar em pequenos ofícios

melhoravam “na sua loucura”. De notar que a arquitetura dos asilos se assemelhava a prisões de *confinamento* e de *controlo*.



É também interessante como, já na época, **Pinel** considerou que eram fundamentais o *confinamento* e *isolamento* do doente, para afastá-lo do ambiente costumeiro e poder oferecer medidas de segurança, quer ao doente como à sociedade em geral!

Na mesma época William **Tuke** (1732-1822), um Quacre que auxiliava os desvalidos e que liderou o movimento *antiescravagista*, também se envolveu no apoio dos quacres que sofriam de doenças mentais. Ao longo do século XVIII, as teorias acerca da loucura eram consideradas muitas vezes pela possessão do demónio. Tuke deu permissão para encontrar um lugar, longe da cidade para criar um retiro para os pacientes, de forma a separar os homens das mulheres, embora alguma interação fosse permitida, e sendo os pacientes categorizados consoante o seu estado mental. Estas preocupações eram sem dúvida inovadoras na época. **Tuke** encorajava a ideia de acomodações confortáveis para os pacientes, e permitia visitas a locais de trabalho, bem como a natação. Os banhos quentes verificaram-se muito efetivos contra a melancolia. Tuke tinha compreendido essa *conexão entre as necessidades físicas dos pacientes, a dieta* e a saúde. O retiro foi na época pioneiro no tratamento moral dos doentes mentais.

Em 1792, antes de Pinel assumir a direção de Bicêtre, **Tuke** já na época, fora inovador ao fundar uma instituição para o tratamento dos insanos, num ambiente rural projetado para se parecer mais como uma fazenda, do que com uma prisão! Os pacientes que se comportavam bem teriam mais liberdade e poderiam receber mais visitas, oportunidades de trabalho e de recreação. Enfim, antes do século XVIII a *loucura*, seria considerada como um erro ou de ilusão, refere o texto de Sérgio Machado (2020). **William Tuke**, foi um filantropo reformista (1732-1822), pioneiro na criação dos asilos modernos. Era um **Quaker** fervoroso, que se tornou *filantropo no campo dos trabalhos da saúde mental*, sendo que a história narra que após, Tuke ter tomado conhecimento de um incidente de uma viúva Quaker – *melancólica* – que morreu inesperadamente no **Asilo lunático de York**, embora causa da morte não fosse clara, Tuke interessou-se pelo ocorrido suspeitando de maus-tratos, acrescido de proibição de receber visitas (o que invalidaria que ela pudesse ser tratada, ou ajudada).

Ao conseguir entrar no *asilo*, W. **Tuke**, testemunhou então as condições terríficas nas quais estavam os pacientes. Entretanto a filha de Tuke, **Ann**, propôs fundar uma *instituição mental* administrada por Quakers, para os seus próprios membros. E Tuke permitiu que os seus médicos fizessem as observações e as aplicassem na prática.

Tuke acreditava, já na época, que a saúde física e mental estariam intimamente ligadas; e que seria desejável uma dieta e exercícios adequados. Procurou ainda limitar as restrições físicas. E os pacientes foram encorajados a estarem confortáveis, e envolverem-se em tarefas como costura ou tricôt (muito embora tenha sido criticado no início).

Tuke fez ainda campanha contra o comércio de escravos, e apoiou o abolicionista William Wilberforce nas eleições 1806. Vários membros da sua família foram grandes filantrópos.



Jean-Étienne Esquirol (1772-1840), desenvolveu as concepções sobre as quais seriam as condições físicas, e higiénicas adequadas aos hospícios dos alienados – sendo que essas seriam o arejamento adequado, bom clima, espaços amplos e bem divididos (basicamente como nos nossos tempos atuais do séc. XXI da nova epidemia (*covid.*), e assim a *história* nos volta a desafiar. Esquirol era ainda adepto do método hipocrático, usando com moderação os medicamentos e defendendo o “tratamento moral” (*in*, James & Goowin, 2005).

As modificações introduzidas quer por **Esquirol** como por **Pinel** fundamentadas na observação clínica baseavam-se em critérios objetivos, aproximados aos métodos das ciências naturais; o diagnóstico firmava-se na concepção da “doença mental”, como resultado de distúrbios orgânicos oriundos de disfunções, lesões anatómicas ou funcionais do encéfalo.

É interessante considerar que, já na época, Pinel trata o *sujeito alienado* como doente e concede-lhes o direito de serem ouvidos e tratados. **Pinel** evitava que os alienados perturbassem a ordem, e protegia-os das “zombarias” e da “ignorância” frente à enfermidade, fundando uma nova tradição, “*A clínica, como orientação consciente e sistemática*”, ao introduzir a diferenciação fundamental entre observação dos fenómenos e o esforço de os explicar. Procura ainda mobilizar outros para contornar os obstáculos dos preconceitos acerca da loucura, numa tentativa de amenizar a convivência entre os alienados. O autor – em **1801** –

publicou o “Tratado médico-filosófico sobre a alienação e a mania” no qual descreveu a nova especialidade que se viria a chamar *Psiquiatria* (1847).

O século **XIX** foi a época do florescimento da *teoria* e da terapêutica da loucura, começando com o *Traité Médico-Philosophique de Pinel*. **Pinel** e **Esquirol** apresentaram uma nova concepção sobre a natureza e a causa da loucura; referindo que causa da loucura é essencialmente um desarranjo duradouro do discurso e dos atos, que não se ajusta à realidade, mas que corresponde a ideias errôneas sobre acontecimentos físicos ou *sociais*.

Com Pinel, a psiquiatria passa a “*a correção de hábitos, visando corrigir as ideias erradas*”. Na realidade a medicina não estava preparada para lidar com a loucura, como uma doença da mente. Em meados do século XIX, grandes clínicos recomendavam que se considerassem – ao lado de lesões encefálicas, também as “*lesões à sensibilidade moral*”. As anomalias do discurso, ou do comportamento eram apenas consideradas como transtornos cerebrais – sendo que assim o tratamento deveria ser o tratamento físico.

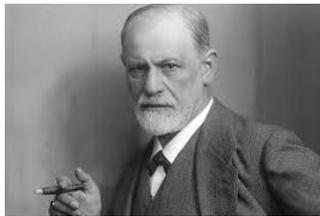
Um outro francês, o neurologista **Pierre Janet**, (1859-1947), foi médico e acadêmico influente que ficou conhecido *pelo interesse clínico no tratamento mental*, tendo ficado conhecido em quer em França como nos Estados Unidos pelo tratamento da doença mental. **Janet** descreveu e recorreu ainda ao método da *hipnose*, contribuindo para o tratamento de *fobias*, *desordens de ansiedade* e outros comportamentos disfuncionais, como memórias traumáticas (Enciclopédia Britannica). Em 1882, **Janet** estudava atos automáticos na sua tese, e terá descrito um caso inusual que chamou a atenção do neurologista **Jean Martin Charcot**, reconhecido na História como *um dos mais remarcados clínicos no domínio da histeria* (1825-1893), e precursor na neurologia trabalhou, em Paris na segunda década do século XIX, e fundou a neurologia moderna. Um dos legados de Charcot foi o contributo para o desenvolvimento dos exames neurológicos. Nos anos **1870s**, **Charcot** terá observado que havia uma grande prevalência em doenças hereditárias – nomeadamente artrite e desordens neurológicas nas comunidades judaicas, pois que casando-se na mesma comunidade tendiam à endogamia.

Graças aos seus insights como clínico foi um precursor na psicologia, trabalhando na Sâlpêtrière. Charcot alterou a trajetória da psicologia ao forjar os conceitos de subconsciência e inconsciente. Trabalhou ainda em colaboração com **Pierre Janet** (1859-1947). **Janet** estudou a histeria, os automatismos psíquicos, a inteligência, entre outros tópicos.

Como candidato à Universidade de Paris, Janet estudava para a sua tese e interessou-se pelo conceito do *inconsciente*, constando na história que o autor ficou também interessado na hipnose; o que terá levado Janet a estudar atos automáticos, e na sua tese (1889), terá introduzido o conceito do inconsciente (*in* Enciclopedia Britannica).

Num “estudo autobiográfico”, de 1925, **Freud** terá reconhecido que as ideias e *obras de Janet* antecipavam alguns dos resultados dele – (i.e. de Freud), bem como os dos trabalhos de **Breuer**, nomeadamente sobre o método catártico aplicado às pacientes histéricas.

Sigmund **Freud** nasceu em Freiburg (**1856-1939**). Em **1896** terá usado pela primeira vez o termo *psicanálise*. Consta na história que ao afirmar a influência do inconsciente, bem como a ligação dos impulsos sexuais com as neuroses, criou oposição nos meios científicos; e também dificuldades.



Entre as suas obras, estão “A psicologia da vida quotidiana”, “Totem e Tabu”, a (famosa “Interpretação dos Sonhos”, “O Ego e o Id”, entre outros trabalhos.

Em 1909 **Freud** foi reconhecido e a sua prática privada aumentou com o reconhecimento internacional quando foi convidado junto com **Jung**, por **Stanley Hall**, na celebração do vigésimo aniversário da Universidade Clark, em Massaghusetts. Freud recebeu aí um doutoramento honorário em psicologia – achando a experiência muito comovente e conheceu muitos psicólogos americanos importantes, incluindo William James.

Em 1923 descobriu-se que Freud tinha cancro na boca vindo a sofrer muito e passando por trinta e três operações.

Quando era jovem Freud pretendia manter-se no laboratório de fisiologia de Brück, pois Freud admirava-o bastante; porém dada a escassez dos seus rendimentos, Brück, incentivou-o a ir trabalhar no *hospital Geral de Viena*, no qual viria a encontrar os mais variados tipos doentes, nomeadamente os de cariz psiquiátrico. Nesse hospital encontra **Breuer**, sendo que este era já um médico de sucesso, que lhe apresenta as pacientes histéricas.

A mais famosa paciente da psicanálise – **Bertha Pappenheim** uma júdia austro-alemã (1859-1936) – fica conhecida na história como “**Anna O**”, e foi tratada não por Freud mas por

Breuer. O adoecimento do seu pai, juntamente com outras tensões, desencadearam um conjunto de sintomas estranhos, como a perda da fala, dores pelo corpo, e alucinações que promoveram o



“Anna O”,

desencadeamento de um quadro marcado por uma série de sintomas estranhos.



Dorothea Dix

(1802-1887)



E o Museu Dorothea Dix no Hospital Estadual de Harrisburg

Quanto a **Dorothea Dix**, também ainda nos anos **1800s**, a melhoria no tratamento nos manicômios foi liderado pela **autora** (1802-1887), um educadora da Nova Inglaterra que, preocupada com os menos afortunados resolveu investigar as condições em que eram tratados os doentes nas instituições públicas, o seu pai era um *pastor metodista*. Em sua honra persiste uma Casa Museu, em **Harrisburg**.

Em Massachusetts, em **1841** Dorothea deu início a uma visita de inspeção que durou dezoito meses, às prisões, hospitais, asilos e outros estabelecimentos estatais, que abrigassem doentes mentais pobres. O que **Dorothea Dix** encontrou foi um nível alarmante de abusos e negligência, referindo a autora que “os doentes eram tratados pior que os animais, muitas vezes acorrentados às paredes de cubículos, cheios de excrementos, mal vestidos e tratados com pancadas.

A sua denúncia foi levada ao legislativo de Massachusetts, e promoveu uma série de reformas, entre elas, o aumento de verbas para melhoria do manicômio público de Worcester. Durante a *Guerra Civil* **Dorothea Dix** trabalhou como superintendente dos enfermeiros do

exército. Escreveu também livros religiosos, e histórias para crianças. Em 1821 a autora abriu uma escola em Boston que foi frequentada por famílias ricas. Logo depois começou a ensinar crianças pobres. O seu livro *Conversations on common Things* (1924), atingiu a sexagésima edição. Em 1848, a autora visitou a Carolina do Norte, onde avaliou a situação dos cuidados com os deficientes. Em 1949, o congresso local autorizou a construção de uma instituição na capital, para o cuidado de doentes mentais.

Nomeado em honra **Dorothea**, o hospital foi inaugurado em 1856. E um segundo



hospital foi inaugurado em 1875.

Durante a *Guerra Civil* a autora foi nomeada *Superintendente dos enfermeiros do Exército da União*. Após a Guerra, **Dorothea Dix**, retomou a sua cruzada para melhorar o tratamento de prisioneiros, e deficientes. Foi eleita “Presidenta vitalícia” da Associação de Enfermeiros do exército. **O serviço postal dos EU homenageou a sua vida de caridade, com a emissão de um selo com a sua imagem.**

Nos anos **1920s** a psicóloga Russa **Bluma Zeigarnik** (1901-1988), reparou que as empregadas conseguiam decorar os pedidos de comida, ou outros, dos clientes até ao momento do pagamento do consumo – após o pagamento as memórias terminavam (pois já não seria mais necessário). Uma das primeiras influências de Zeigarnik foi Kurt Lewin quando esteve na Universidade de Berlim como investigador. Outras influências de Zerganik foram Vygotsky, Luria e Leontyev, nos anos 1930s. Bluma Zerganik e seu marido mudaram-se para Mouscovo onde iniciaram carreira no Instituto de Medicina Experimental da União. Em 1940 – algo aconteceu na vida de Bluma, o marido foi preso sob suspeita de espionar para a Alemanha – nessa época tinham dois filhos e ela ficou sozinha, continuando a visitar o marido.



Bluma Zerganik – psicóloga soviética *foi uma das primeiras mulheres russas a ir para a Universidade de Berlim, em 1927, vindo a descrever o efeito “Zerganik”, a autora trabalhou também com Vigotsky, na década de 1930, e no Instituto Experimental de Medicina, e foi co-fundadora da Universidade Estadual de Moscovo-departamento de Psicologia.*

Bluma Zerganik foi indicada *para o Lewin Memorial* em 1933, pelo seu trabalho de neuropsicologia sendo que o prêmio foi nomeado após o seu professor Kurt Lewin a recompensou, como fazia aos que ajudavam a expandir a pesquisa psicológica. A própria **Zerganik** contribuiu na investigação, desenvolvendo a sua própria pesquisa – Zerganik nunca recebeu o prêmio fisicamente devido às proibições políticas entre Oriente e Ocidente. Em 1988 – ou seja cinco anos após ser indicada para o prêmio ela morreu antes de recebê-lo.

Bertha Pappenheim nasceu em 1859 em Viena, numa família de grandes posses, e extremamente ortodoxa (estudou hebraico e os textos bíblicos, aprendeu francês, inglês e italiano), bem como equitação, costura e piano (como era norma na juventude feminina das classes altas (in Borch-Jakobsen, 2011).

Não foi apenas “uma histérica”, e *teve uma vida ativa e interessante*; foi *escritora, assistente social, e líder do movimento feminista*. Em 1980 publicou o livro de contos “Na loja de segunda mão”, sob o pseudônimo (Paul Berthold).

E em 1999, escreveu uma peça de teatro com o título “Direitos da Mulher”, e traduziu ainda o livro da feminista **Mary Wollstonecraft**.



Mary Wollstonecraft (1759-1797)

Durante a sua breve carreira *escreveu romances, tratados e uma obra de literatura de viagem*. “*A Vindication of the Rights of Woman*”. E ainda fundou, e dirigiu em 1902 uma *instituição para órfãos* em lares, para educar mães com seus bebês, e dar orientação vocacional e oportunidades de emprego às moças. Foi o *primeiro abrigo e lar coletivo para mães solteiras e seus filhos*, bem como lares para crianças e meninas retiradas à prostituição.

Mary Wollstonecraft, casou-se em 1797 com o filósofo William Godwin, um dos ancestrais do movimento anarquista. Em Londres em **1759**, a escritora, foi filósofa e defensora dos direitos das mulheres inglesas, até finais do séc. XX. A vida da autora e suas relações pessoais, não seriam convencionais. A autora foi considerada uma *das fundadoras da filosofia*

feminista. A sua segunda filha **Mary Shelly** foi autora, dramaturga, ensaísta e escritora de viagens – ficou conhecida pelo seu romance gótico *Frankenstein*. Na sua breve carreira escreveu romances, tratados, uma obra de literatura em viagem, uma história da Revolução Francesa, um livro de conduta e um livro infantil – ficando conhecida pelas suas reivindicações pelos direitos das mulheres.



Sugeriu ainda que as mulheres não eram, naturalmente, inferiores aos homens, mas que apenas que lhes faltava a educação. A autora morreu aos 38 anos deixando para trás vários manuscritos inacabados; morreu 11 dias após dar à luz a sua segunda filha – que viria a tornar-se uma escritora e autora do texto *Frankenstein*. O *seu viúvo* publicou uma Memória (1798) da sua vida, revelando o seu estilo de vida pouco ortodoxo para a época.

Em **1904** fundou ainda “Liga das mulheres Judias”, a primeira organização judaica a lutar pelos direitos civis e religiosos da mulher judia, da qual foi Presidente por vinte anos. Em **1913** publicou uma peça teatral, “Momentos Trágicos”.

Quanto a **Freud**, depois de trabalhar com doentes dos nervos, no *Hospital de Viena*, o autor fica interessado em novos, desafios e parte para Paris para trabalhar com **Charcot** observando o tratamento da histeria por meio do uso da hipnose, o que lhe terá despertado o interesse pelos estudos dos distúrbios mentais.

Para melhor analisar os seus pacientes, Freud iniciou a sua autoanálise, e trabalhou a interpretação dos seus próprios sonhos.

Conta a história que numa (famosa) carta a **Fliess** – em 10 de Março de **1898** – terá dito: “recentemente, abri um livro escrito por Janet – *Hystérie et idées fixes* – com o coração bater descompensado, e tornei a colocá-lo de lado. Ou seja Freud temeria a competição com Janet, pois ambos se interessavam pelos temas das *ideias-fixas* e da *histeria*. Em 1923 Freud ficou doente e com dificuldades em falar devido a uma cirurgia.

Com a chegada de **Hitler** ao poder em **1933** a posição nazista oficial sobre a psicanálise foi sabotada e *publicamente* em maio de 1933 os livros de Freud foram queimados!

Por volta de **1934** os analistas judeus mais proeminentes tinham deixado a Alemanha.



(1895-1982) **Anna Freud** a filha mais nova de Freud

Anna Freud iniciou em 1918 a sua análise com o pai, e em **1922 Anna** foi aceite como membro integrante na *Sociedade Psicanalítica de Viena*, sendo que seguiu os passos de seu pai mas especializou-se no estudos com crianças. Após os nazis invadirem a Áustria, a sua família refugiou-se em Inglaterra; onde Anna viveu com ele até morrer. Anna foi a sua constante companhia, colega, e enfermeira até o final da sua vida. Anna veio a interessar-se pelo destino das crianças órfãs pela Guerra, bem como pelas crianças separadas durante os bombardeamentos.

Anna Freud e Dorothy T. **Burlingham** observaram as *crianças recolhidas nos orfanatos e hospitais, financiados por filantropos americanos*, bem como crianças recolhidas em clínicas. Essas crianças mostravam comportamentos obsessivos, como chuparem o polegar ininterruptamente, baterem com a cabeça contra as grades do berço e outros comportamentos estranhos para chamar a atenção.

Anna Freud expandiu o trabalho de seu pai, identificando *vários tipos de “mecanismos de defesas”*; entre eles encontramos a *repressão, regressão, negação, supressão, racionalização, agressão, sublimação, projeção, intelectualização*, sendo que todos serão respostas psicológicas e inconscientes, para protegerem o *ego* da ansiedade e *formação-reativa*.

Para a psicanalista **Dorothy Tiffany Burlingham** (1891-1979), o que se passava com as crianças institucionalizadas era que não tinham laços afetivos, e assim se verificou a necessidade imperativa de uma *ligação significativa* – i.e., a *vinculação segura*. A psicanalista americana, Burlingham amiga de Anna Freud, entre os anos **1960s** e anos **1970s** dirigiu um grupo de estudo de crianças cegas na Hampstead Clinic quando para foi Londres. Dorothy Burlingham mudou-se para Londres.

A partir da biografia de **Anna Freud** escrita pela psicanalista Elisabeth Youg-Bruehl, em 1992, os registos da sua ligação teriam sido de cariz lésbico.

Dorothy Burlingham mudou-se para Londres em **1938** com os amigos Freuds, para fugirem ao antissemitismo nazi. Quer Burlingham, como Freud trabalharam na clínica

Hampstead até se reformarem. Os filhos de Robert e Mary, voltaram para Londres. Robert morreu e Mary suicidou-se em 1974.



Dorothy Burlingham

Entretanto, a descoberta dos “**Orfanatos da Roménia**”, nos anos 90, repletos de crianças com sérios problemas de desenvolvimento (cognitivos, motores, de personalidade), independentemente de alguns casos terem problemas congénitos viriam a confirmar as piores intuições de Bowlby, e confirmaram o que se passara durante a Guerra. O **ditador** comunista Nicolau **Ceausescu** líder da Roménia por quinze anos promoveu uma política de extremo incentivo à natalidade. Em **1966** o **Presidente Ceausescu**, criou uma política para aumentar a população do país, o seu plano era elevar o número de 23 milhões para 30 milhões até o ano 2000. Para umprir essa meta **Ceausescu** proibiu os métodos contraceptivos e a pílula, e em seguida *criminalizou o aborto*. Como se não bastasse criou leis que obrigavam todas as mulheres a serem examinadas por médicos estatais, orientados a fazer perguntas do tipo “porque você não consegue engravidar?”

As mulheres que não engravidavam (ou não tinham menos de **cinco** filhos, eram obrigadas a pagar um “imposto de celibato”! E os médicos com casos de morte infantil eram punidos com cortes nos seus salários! “O feto é uma propriedade da sociedade inteira e aquelas que tentam evitar os filhos são desertoras das leis da continuidade nacional, proclamou **Ceausescu**”. Um efeito colateral nefasto dessa política foi que as famílias com pouco dinheiro começaram a abandonar os seus filhos – e foi assim que o governo criou orfanatos para abrigar as crianças largadas nas ruas. Mas a história fica ainda mais perversa – os funcionários dos abrigos eram orientados para não desmonstrarem qualquer afeto pelos bebês, se eles chorassem, deveriam ser ignorados até aprenderem que não receberiam atenção. Todos dormiam em berços semelhantes enfileirados. O Cabelo era cortado igual a roupa também e quando eram um pouco maiores eram obrigados a tratar das suas coisas. A situação agravou-se tanto que em **1989**, ano em que Ceausesco foi deposto, a Roménia tinha **1750 mil crianças vivendo nessas condições**. Sendo que a esmagadora delas desenvolveu sérios problemas neurológicos. O grupo de cientistas que investigou 136 crianças entre os 2 e 12 anos de idade, em média – apresentavam um quociente de inteligência limitado, a linguagem atrasada e a atividade neural reduzida.

O pediatra **Charles Nelson** do Hospital de Crianças de Boston foi visitar um desses internatos nos anos 1990. Ao chegar lá ficou extremamente assustado com o cenário que encontrou: as crianças lançaram-se a ele pedindo desesperadamente qualquer tipo de afago ou atenção. Ao regressar a casa **Charles Nelson** resolveu criar, com colegas o “**Projeto de Intervenção Precoce de Bucareste**”. Esse trabalho pioneiro abriu um novo campo de investigação no qual se avaliou, junto de outros colegas nas Universidades Americanas de Maryland e Tulane, qual o impacto da “*falta de amor*”, nos primeiros anos de vida. Esse trabalho ficou conhecido como “*a ciência da negligência*”. Hoje sabemos que a interação dos bebés com indivíduos mais velhos é primordial para a formação de um cérebro saudável. Quando uma criança emite um estímulo de comunicação (i.e., um sorriso, um barulho ...), espera um retorno de sua mãe ou de outro que esteja próximo.

E esses casos não seriam ignorados pelos responsáveis, pois que vieram a descobrir-se os relatórios das crianças com menos de três anos acolhidas na “*Fondation Parent de Rosan*”.

[...] a necessidade do bebé se vincular a uma figura materna é tão fundamental como a necessidade de se alimentar ou de preferir o calor ao frio. Isto implica a existência de um impulso primário de orientação social, independentemente da necessidade de alimento ou de calor. Esta perspectiva é defendida por um grupo de investigadores europeus do comportamento animal, orientados por Lorenz e Tinbergen. É também defendida por muitos psicanalistas ingleses, incluindo Melanie Klein (Bowlby, 1956).

Quer **Freud** como **Burlingham**, defenderam ambos que o instinto *libidinal* seria uma necessidade construtiva nos humanos.

É interessante a observação de Bowlby ao comentar que aprendeu mais com as *assistentes sociais*, do que com os colegas psiquiatras; pois foram elas que lhe chamaram a atenção para o facto de problemas não-resolvidos dos pais terem um papel significativo na etiologia dos problemas dos filhos.

Em **1938** quando os nazis invadiram Viena Freud viu-se obrigado a refugiar-se em Londres face às suas origens judias, acabando por vir a morrer nessa cidade. Como sabemos a sua filha **Anna** assumiu entretanto um papel de relevo no desenvolvimento da psicanálise, e destacou-se no *trabalho terapêutico com crianças*. Anna Freud é classicamente reconhecida na história da psicanálise como filha de Freud que analisou o ego e os mecanismos de defesa.

Anna foi responsável por expandir a teoria deixada por seu pai – a qual ela mesma criticou, por ter deixado uma série de lacunas...

Se Sigmund **Freud** foi pioneiro na apresentação de uma teoria do desenvolvimento psicosssexual, após ele muitos outros da psicanálise fizeram suas contribuições nesse campo, como **Erickson**, René **Spitz**, **Margareth Mahler**, Anna Freud, entre outros.

Albert Bandura, psicólogo americano (em 1925 -1990). Teoria da aprendizagem social



Albert Bandura psicólogo Canadiano e Professor na Universidade de Stanford – *teoria da aprendizagem Social* aos 43 anos foi o presidente mais jovem eleito eleito para a Associação Americana de Psicologia – APA – foi um dos psicólogos mais citados. A sua experiência do “Boneco Bobo” ficou conhecida na história, por provar que as crianças que assistem a comportamentos de violência tendem a imitá-los.

A teoria de cognitiva de **Bandura** é uma forma de comportamentalismo menos extrema do que a de Skinner. Com Bandura a *aprendizagem ocorre por observação dos comportamentos*.

Com a experiência de Bandura numa sala de espelho na qual as crianças não sabiam estar a ser observadas, comprovou-se que o grupo de crianças que viu a agressão a um boneco reproduziu-a facilmente. Da mesma forma que os pais agressivos passam esse exemplo às crianças, desencadeando o que chamam (erradamente) uma “*tendência familiar*”. Daí poder-se dizer que os valores, crenças e atitudes observadas *pelos modelos* tendem a reproduzir esses mesmos comportamentos. Conforme o ambiente *determina o comportamento* do indivíduo, assim ele se tende a reproduzir.

No trabalho de **Bandura** encontramos também o estudo da **motivação** e da **auto-eficácia**. O autor também comprovou que *a percepção de competência* torna uma equipa mais eficaz (in, Schultz & Schultz, 5ª ed. Cultriz).

Para Bandura o conceito de *desobrigação moral seletiva* ocorre por meio de uma reestruturação cognitiva para transformar um comportamento que um indivíduo consideraria desumano noutras situações justificáveis; Ex. torturar para conseguir uma confissão. Quanto ao

conceito de *difusão da responsabilidade* – significa que quanto mais pessoas de um grupo com potencial para ajudar estão presentes, menor a responsabilidade de cada uma delas. ***Deslocamento da responsabilidade*** – significa que responsabiliza o outro pelas suas ações, por exemplo, quando religiosos defendem as suas agressões como ordens do Livro Sagrado. Desumanização da vítima – a vítima é vista como uma pessoa sem sentimentos, ou maldosa – como ocorreu em todas as Guerras, para conseguirem prosseguir... os outros são os maus e temos que ripostar...,



Quanto a **René Spitz** um Vienne de família judaica estudou medicina em Budapeste (1887-1974), em 1943, foi pioneiro no *campo infantil* mostra como a institucionalização dos bebés que leva ao *síndrome de hospitalismo*, que pode originar psicopatias nos primeiros anos de vida.



Spitz descobriu as obras de **Freud** durante a IGG, quando serviu na armada militar como médico. Encorajado por Sándor **Ferenczi** (1873-1933) – a relação tornou-se muito próxima com **Freud**, trocando várias ideias, conceitos e teorias entre si. Freud terá comentado que as ideias de Ferenczi teriam um grande contributo para a psicanálise. Os tópicos tratados envolviam a homossexualidade, a paranóia, trauma, *transferência* entre outros temas. A **transferência** na Psicanálise ocorre quando se *projeta* em pessoas do convívio presente, por exemplo, figuras

importantes do passado do sujeito, sendo que o processo acontece de modo inconsciente e simbólico. O conceito de transferência foi um legado de Freud. De um modo geral a **transferência** é um aspecto inerente à personalidade humana.

Ferenczi serviu como médico na Guerra, sendo que era um psicanalista especializado em neurologia, técnicas terapêuticas e hipnose. Estudou medicina e especializou-se em psicologia infantil, estudou crianças órfãs e abandonadas. O psicanalista húngaro **Ferenzi**, serviu na Guerra como médico, especializado em neurologia e neuropatologia, aprendendo a hipnose. O autor porém divergiu da clássica psicanálise, explorando novas técnicas terapêuticas.

O *hospitalismo* refere-se a uma **privação afetiva superior a cinco meses**, independentemente de internamento hospitalar, ameaçando a integridade emocional da relação mãe-bebê. A ausência de estimulação precoce, a ausência da voz dos pais, e restrições afetivas podem levar os bebês a apresentarem esse síndrome de *hospitalismo*, predispondo também a criança a infecções.

As fases da separação, mãe-bebê de acordo com Bowlby, são 1) **protesto**; 2) **desespero**; e **desligamento**.

Também **Melanie Klein**, uma Universitária pontilhada por lutos e perdas tornou-se psicanalista aos quarenta anos sob orientação de **Ferenzi e de Abraham**, iniciando o estudo da psicanálise das crianças e ampliou a psicanálise de adultos, na análise de psicoses, ficando na história como uma referência para os que se interessam pela vida psíquica e pelo sofrimento.



Klein partiu da psicanálise freudiana – ficando conhecida, entre outros factos – por ter seguido o tratamento de **Hans** (um rapaz fóbico). E impulsionou novas descobertas acerca do *desenvolvimento emocional infantil*, referente às fases mais primitivas da vida mental.

Klein chamou a atenção para o início da *vida psíquica* – i.e., sobre a importância da *relação de objeto*.

Quer **Anna Freud** como Melanie **Klein** (1882-1960), destacaram-se como psicanalistas de crianças por volta de 1920, levando-as a interessarem-se pelo *sofrimento infantil*. O pai de

Klein era um estudioso do Talmude, mas rompeu com a ortodoxia religiosa e formou-se em medicina.

Klein também ficou conhecida na história por poder ser considerada como a principal representante da *segunda geração* psicanalítica mundial, iniciando uma nova forma de análise, que se adequa-se *às crianças te tenra idade*, acerca das suas fantasias, medos e angústias.

Para M. **Klein**, não existem *experiências psíquicas* que não sejam imbricadas – i.e., sem que comportem dimensões de fantasias referentes às iniciais pulsões dos seus iniciais representantes psíquicos. Compreende-se a frase do psicanalista Pedro Salem, quando este refere: “O facto de os objetos internos e fantasias inconscientes constituam noções que não podem ser compreendidas separadamente no pensamento de Klein encaixa (*dizemos nós*); e as fantasias serão correlatos subjetivos das *pulsões*, ou seja dos seus representantes psíquicos, pois que *essas* surgem-nos *quase antes* de nos apercebermos – como se estivessem à espera num recanto escondido e daí surgissem.



(1882 – 1960) Melanie Klein

O pai de Melanie Klein, de origem judaica, era um estudioso do Talmude, que rompeu com a ortodoxia religiosa aos 37 anos e cursou medicina. **Melanie Klein**, a quarta filha, foi pouco desejada. A mãe de Melanie, judia eslovaca brilhante, dedicava-se – por necessidade – ao comércio de plantas e reptéis. A família era erudita e dominada pelas mulheres.

Interessou-se pelas artes, tendo-se preparado para o exame de admissão ao liceu feminino, visando formar-se em medicina. Porém, após o casamento com Arthur Klein em 1903, abandonou a medicina e cursou Arte, e História na Universidade de Viena, sem se graduar.

Em **1916**, em Budapeste teve o primeiro encontro com o contacto com a obra de **Freud**, e fez análise com Sándor **Ferenzi**; e estimulada por este, iniciou-se no atendimento de crianças. Em **1919** tornou-se membro da *Sociedade de Psicanálise de Budapeste*. No ano seguinte conheceu Freud e **Karl Abraham**, no Congresso de Haia, sendo que este a convidou para trabalhar em Berlim. Em **1921** o marido foi para a Suécia e Melanie ficou em Berlim.

Em 1923 com a hiperinflação a atingir proporções monstruosas, a zona industrial do Rhur foi ocupada pelas tropas franco-belgas, como forma de garantir o controlo do centro vital

germânico. Voluntariamente alistado num regimento bávaro, **Hitler** esteve nas trincheiras da G.G., onde foi ferido e condecorado com duas Cruzes de Ferro. Sem ser alemão de nascimento, tornara-se um patriota ardente, o que justifica que tenha pertencido ao número dos muitos que atribuíram a derrota alemã, não à incompetência militar, mas à tal “facada nas costas”, desferida pelos políticos – nomeadamente aos republicanos e aos comunistas, uns e outros, segundo ele, “vendidos à judiaria internacional”.

Quanto a **Hitler** era um austríaco de origem modesta, filho de um funcionário alfandegário, e por sua vez *filho de pai incógnito* – **nascido a 1889** teve a sorte de em 1976, o seu pai ter conseguido registar oficialmente o apelido paterno, passando a chamar-se **Alois Hitler**.

Durante o cativeiro, Hitler foi *muito bem tratado* pelos guardas e podia receber livremente visitas dos camaradas do partido, cuja liderança ficara inteiramente confiada a **Alfred Rosenberg**, um intelectual de craveira medíocre. Foi durante o seu cativeiro que Hitler escreveu o seu manifesto “**Mein Kampf**” – i.e. “*O meu Combate*”. *Obra enfadonha*, mas destinada ao sucesso, pois que era praticamente de compra obrigatória. A grande crise económica com que a Alemanha se encontrava, desde 1924, fazia crescer dia para dia o número dos seus apoiantes (*in* Trabalhadores do Forçados portugueses no III Reich (*in* **Visão, História Nov.**, 2017 nº 44).

Quanto a **Melanie Klein**, 1923 Melanie passou a dedicar-se inteiramente à psicanálise, e aos 42 anos iniciou uma análise de 14 meses com Abraham. Um ano mais tarde, a autora – em 1924 – no VIII Congresso Internacional de Psicanálise, Klein apresentou o trabalho “A técnica da análise de crianças pequenas”, são três os pilares fundamentais da teoria Kleiniana, **1)** existe um mundo *interno formado* a partir das perceções do mundo externo, colorido com as *ansiedades do mundo interno* e com isso os *objetos, pessoas e situações adquirem um colorido especial*; **2)** *O seio materno* – primeiro objeto de relação na criança com o mundo externo, é percebido como “seio bom” quando amamenta; quando não amamenta (ou acarinha) tratar-se-á do “seio mau”. Como é impossível satisfazer todos os desejos da criança, ela possui esses dois registos “seio mau”; “seio bom”. Durante a interação mãe-bebé, Klein usa o termo **Objetal**, para explicar a relação parcial que se estabelece entre o seio e o recém-nascido, no qual o “Seio maternal desempenha estímulos libidinais e “oral-destrutivos”.

Mas também **Harlow** – um não freudiano – mostra, em **1958** com a sua experiência com macacos Rhesus que apoiavam as ideias de **Bowlby** sobre o que ficou conhecido “*a natureza do*

amor”. Uma das frases de Bowlby fica na história da psicologia, quando o autor escreveu “*The evidence is now such that it leaves no room for doubt regarding the general propositions – that the prolonged deprivation of the young child of maternal care may have grave and far-reaching effects on his character and so on the whole his future life*” (Bowlby, 1952).

Quanto às experiências de Harlow, elas foram consideradas controversas e pouco éticas (para os nossos padrões atuais).

Depois de se ter graduado em psicologia em Cambridge, Bowlby voluntariou-se para duas escolas que recebiam crianças inadaptadas ou delinquentes, para ganhar experiência como psiquiatra infantil. Estudou ainda medicina no Hospital Universitário, bem como no *Maudsley Hospital*; e no *British Psychoanalytic Institute* influenciado por Melanie Klein, embora **Bowlby tenha discordado da abordagem de Klein**, por a considerar *demasiado centrada nas fantasias das crianças*, ao invés da influência dos progenitores.

Quanto a **Bowlby serviu** ainda na “Army Medical Corps” durante a **II GG**. E em **1949** a WHO encomendou a Bowlby um *relatório acerca da saúde mental das crianças afastadas dos pais* para as aldeias, sendo que em 1951 surge o seu texto “*Maternal care and mental Health*”. As experiências infantis de Bowlby – à semelhança de outras crianças de classes média elevada, implicavam que as crianças fossem cuidadas por *amas* ou *enfermeiras*, *no sótão da casa- pois na época as crianças de classe mais elevadas tinham amas para as cuidar*.

Bowlby, como quarto filho ficou sempre com a lembrança que via a mãe apenas uma hora por dia, e o pai apenas uma vez por semana, sendo que Bowlby ficou sem a sua ama favorita quanto tinha 4 anos. Essas vivências levariam o autor a tentar provar como as *relações precoces significativas são de importância vital para o desenvolvimento das crianças* (in Kagan, J. 2011, *From Psychoanalysis to Ethology*, Willey-Blackwell).

Bowlby trabalhou numa escola inovadora progressista em **1920**, na qual seguia as ideias de Freud, sendo que a maioria das crianças sofriam de perturbações emocionais, por experiências de separação precoce dos pais, por negligência, ou abandono.

Bowlby, inspirado pelos textos de Ian Suttie, refere que “*o amor da mãe pelo seu filho é tão vital para o desenvolvimento como a boa nutrição*”.

Bowlby veio a conhecer **James Robertson**, um assistente social que partilhava as ideias de Bowlby e que defendiam que as visitas às crianças internadas deviam ser permitidas às suas mães, pois na época temia-se o contágio pelas infeções. Bowlby e Robertson colaboraram nos estudos acerca dos efeitos da separação materna nas crianças pequenas internadas nos hospitais.

Protesto – as crianças mostram aflição pela ausência da mãe, através de choro estridente, permanecendo num compasso de espera que a induz a rejeitar outras figuras alternativas; **Desespero** – corresponde a uma fase na qual o comportamento da criança reflete preocupação e crescente, e os movimentos de procura da mãe diminuem de intensidade, assim como o choro (que passa a intermitente ou monótono). Embora a criança parece aquietada – de facto o que se passa é que a criança *desistiu*, passando ao que se considera o *estado de luto* – pois a criança desinveste na procura de conforto. **Desapego** – volta por fim a interessar-se e aceitar brinquedos, cuidados ou interação com outras pessoas. A chegada da mãe é vivida com indiferença ou distância, mostrando que a criança não superou a sua ausência, reagindo com desencanto.

Também **Byng-Hall** da Tavistock clinic havia chegado às mesmas conclusões acerca da vantagem das visitas hospitalares às crianças internadas.

Designamos o nome de “carência dos cuidados maternos”, a situações na qual uma criança pequena (menos de três anos) não tem uma ligação afetiva com a cuidadora.

Em 1938 e 1939 Edelston investigou 42 casos de crianças que permaneceram nos hospitais e que apresentaram “ansiedade de separação”; mas anotou que os comportamentos das crianças dependiam também do seu temperamento.

Porém quando da **II Guerra** muitos psicólogos e psiquiatras observaram os efeitos da separação das crianças para o campo, sendo que os *Medical Journal* e o *The Lancet* comentaram os efeitos nefastos dessas separações brutais (com intuito de protegê-las nos campos – onde teriam menor probabilidade de serem bombardeadas).

Para se compreender o efeito da Guerra nas crianças é necessário – em primeiro lugar, saber qual a capacidade das crianças para entenderem a guerra, as causas da guerra, e as razões pelas quais se justificam. As crianças muito pequenas só são afetadas pela guerra indiretamente.

As pessoas envolvidas nos problemas das evacuações de crianças – nas guerras – devem entender quer os problemas das mães, como os dos filhos. Cuidar de crianças pode ser um trabalho árduo e desgastante, mas ser privado dos filhos é um tipo bem miserável de tarefa. No início, quando as crianças eram enviadas para zonas longe de perigos, nos inícios estavam com as professoras, que eram um elo.

Mas, como refere **Winnicott**, em dois ou três anos de separação entre mãe e filho, muito aconteceu – e é trágico pensar que tantos pais perderam *essa coisa fugaz da infância dos filhos*, como refere tão sabiamente Winnicott. Acresce que num período de separação ocorre muitas vezes uma idealização, e a realidade – sonhada – pode não encontrar a fantasia construída. Por exemplo, um menino de 9 anos, conhecido de Winnicott, quando soube do regresso dos evacuados pelo fim da guerra, começou a pensar nas coisas, fazer planos, e de repente anunciou

“lá em casa em Londres vou-me levantar bem cedo todas as manhãs e ordenhar as vacas”! No termino da Guerra 1939-1945, e dos seus horrores, muitas crianças viviam em grande precaridade.

Os **trabalhadores forçados portugueses no III Reich** – trabalhadores mobilizados quer na França ocupada como – cerca de 30 mil nas vésperas da eclosão da II GG Mundial foram mobilizados por intermediação das autoridades francesas quer na França ocupada como, na zona do regime de Vichy. Muitos dos portugueses que se ofereceram voluntariamente na Alemanha não voltaram.

No dia **7 de Maio de 2017**, data em que se celebrou o 72º aniversário da libertação do campo de Concentração de Mauthausen, que ocorreu a 5 de maio de **1945**, foi descerrada uma **placa em memória dos portugueses** que estiveram internados nos campos nazis. 30.000 portugueses viviam em França por altura da invasão alemã. O número de vítimas da “**solução Final**” i.e, do Holocausto ficou em **6.000.000**, mas pode ascender aos **17.000.000.**, se, contabilizar-mos os que morreram fora dos campos, por exemplo abatidos a tiro. Daí referir-se que terão morrido pelo menos – **80. 000.000** pessoas. Na **II Guerra** (*in Visão História*, Novembro, nº44, 2017).

Robertson e sua mulher **Joyce** juntaram-se ao trabalho de *investigação nas crianças hospitalizadas*. Robertson com grandes poderes persuasivos, conseguiu galvanizar a ideia de admitir a presença das mães/pais nos hospitais.

O trabalho de Robertson e de Bowlby, estava em sintonia entre ambos, e mostrava uma decisão que mudaria decisivamente as condições das crianças pequenas nos hospitais; mas não foram apenas esses autores que implementaram essas medidas.

Porém em 1952, entre 1300 hospitais ingleses só 300 permitiam visitas diárias às crianças. Mas nem todos os médicos concordavam com as visitas familiares, pois que consideravam que se instalaria um clima caótico. Porém, um grupo de mães em **1961**– criou uma associação, após ter visto um programa da BBC que mostrava que *as crianças hospitalizadas que recebiam visitas da família, melhoravam mais rapidamente*. Mas nem todos os médicos estavam de acordo com essas medidas.

Muitas das crianças durante a II GG foram alojadas em casas particulares, outras em hospitais por terem perdido os seus pais nos bombardeamentos aéreos. **Anna Freud** e **Dorothy Burlingham** publicaram vários livros acerca das experiências que viveram as crianças

internadas; pois que a troca sistemática dos cuidadores não permitiam o estabelecimento de uma relação significativa – verificando-se o efeito do “*hospitalismo*”. Também outros, como Edelston, estavam de acordo com Bowlby em que as crianças não deviam estar separadas das mães por muito tempo nos hospitais, embora muitos médicos avisassem do perigo da contaminação dos vírus.

– “*the biologic unity of mother and little children cannot be disregarded with impunity*”–

Em **1949 Bowlby** escreveu um relatório sobre o ***impacto da separação*** das crianças que foram levadas para as aldeias para se protegerem dos bombardeamentos nas grandes cidades.

Os anos 1960s marcam o início do debate público acerca dos cuidados infantis nos hospitais. Enfim, o debate sobre os cuidados das crianças nos hospitais permaneceram pelo menos durante quatro décadas (de recordar que nessas épocas as infecções seriam graves e os cuidados de desinfecção muito menos eficazes ...).

Bowlby trabalhou ainda como voluntário em duas escolas de crianças delinquentes.

A posição clássica defendida na época por psicólogos e sociólogos era que os motivos básicos seriam primordialmente a *fome, sede, eliminação da dor e o sexo*. E que outros motivos como o ***amor, ou afeto***, seriam drives secundários. Porém Bowlby mostrou que o instinto associado ao contacto físico íntimo ao cuidador(a), *é primordial para o bem-estar e o desenvolvimento da criança*.

Bowlby passou horas com pacientes adultos, compilando as suas histórias clínicas de modo a compreender os que teria levado ao esgotamento psicológico. O que sobressai como de comum entre todos eles é a presença de uma *perda, (ou morte)* de alguém significativo, como fator precipitante. Ou seja, mais uma vez, impunha-se-lhe a importância das condições reais de vida – e não as fantasias! Porém nomeadamente nas crianças a *visão distorcida* dos pequenos acerca da vida real poderá desencadear inquietações que deverão ser explicitadas e que tranquilizem a criança; ao invés dos cuidadores que aterrorizam as crianças, com ameaças de abandono ou de represálias.

Bowlby encarava a vinculação como um processo análogo ao *imprinting* nos gansos.

Também Donald **Winnicott**, em 1947, destaca o efeito devastador das *múltiplas mudanças de alojamento/acolhimento* a que algumas crianças ficaram sujeitas pela Guerra. A partir dessas experiências confirmava-se que as crianças que sofrem de variadas privações tendem a tornar-se delinquentes, e a desenvolver *problemas básicos* que se *manifestam de modos previsíveis*.

As crianças que estavam à responsabilidade de Winnicott eram as que necessitavam de *providências especiais* pois não podiam ser instaladas em lares comuns; a *Guerra foi para elas quase secundária, ou mesmo benéfica pois que viriam a ser alojadas em lares seguros.*

Quanto à *experiência de evacuação*, ela teve um efeito muito profundo em Winnicott, pois que este teve de enfrentar, de modo concentrado a *confusão gerada pela desintegração maciça da vida familiar*, e o *efeito da separação e perda* – e ainda *da destruição e da morte.*

Até aí Winnicott concentrara-se na prática clínica em contextos hospitalares e no exercício privado. As crianças com quem ele trabalhou tinham chegado “ao fim da linha”, não tinham mais para onde ir, e como mantê-las, tornou-se a principal preocupação de todos os que tentavam ajudá-las. Quando eclodiu a Guerra os membros da equipa dos que viviam nos lares, recebiam o impacto pleno do desespero das crianças e dos seus problemas de comportamento refere **Clare Winnicott** na sua introdução do texto, que temos seguido (*in Privação e delinquência*, 2002).

As ideias de Winnicott foram influenciadas por diversos psicanalistas da escolas de **Anna Freud**, Melanie **Klein**, e Hans **Khut**, mas também de outros da sua área. De acordo com **Kohut**, o self pode apresentar as duas fases da conceção do *self*, - o *self no sentido restrito* (anterior a 1975) e o *self no, sentido amplo*. Com o desenvolvimento do seu trabalho Khout passou a defender que alguns pacientes teriam “*falhas de constituição do self*”. O termo **self**, foi *utilizado pela primeira vez em contexto psicanalítico por Freud* – Freud teria usado a palavra (*Ich*) para designar a parte organizado psiquismo e também a pessoa como um todo. Kohut fala ainda de um estágio do **self** fragmentado, que seria anterior à formação de um “self propriamente dito”.

Como vimos o conceito de *posições* é muito importante no modelo de Klein, pois que o conjunto, dos “Selfs” são diferenciados.

- Em 1950 foi **Bowlby** foi convidado pela Organização mundial de Saúde a integrar uma equipa encarregue de estudar os efeitos psicológicos da institucionalização das crianças vítimas indiretas da GG, em diferentes países na Europa e Estados Unidos (excetuando-se a **Europa de Leste** que vedara a visita).

Na altura, nos círculos da psiquiatria e da psicologia, pouco se reconhecia que as perturbações (emocionais) relacionais na infância podiam ter efeitos adversos na vida mental; e os que lidavam só com adultos mantinham-se bastante céticos a tal ideia. [...]A receção (do meu trabalho) foi mista. Os que tinham experiência na área, nomeadamente os *assistentes sociais*, psicólogos e psiquiatras que lidavam com crianças, foram entusiastas. Os psicólogos teóricos da aprendizagem foram algo críticos [...]. Para minha surpresa e desapontamento, a maioria dos meus colegas psicanalistas foi também crítica. Há muito que Freud tinha voltado as costas à ideia do

trauma na infância enquanto fonte de neurose, e a ênfase era agora insistentemente colocada na fantasia (Bowlby, 1986).

Com o trabalho experimental de **Harlow** mostrara-se claramente que nenhuma recompensa de comida é necessária para a formação da relação significativa – ou seja da “vinculação” pois que os pequenos macacos passavam a maior parte do tempo aninhados a uma “mãe” de pano felpudo, como se fosse a mãe “real”.

Quanto às experiências de Harlow, elas foram consideradas controversas e pouco éticas (para os nossos padrões atuais).



É curioso, como refere **Melanie Klein (1940)**:
que **“O bebê só pode sentir satisfação completa se a capacidade de amar é suficientemente desenvolvida, e é a satisfação que forma a base da gratidão.**

O *brincar*, conforme definido por **Melanie Klein** mostra – a quem está atento – a associação entre as fantasias entre as *relações objetais* e fantasias inconscientes. “O fantasiar” na criança que se julga não estar a ser observada indicia-nos a sua *verdade* – e, naturalmente sentir-se-á traída se se vê observada (pois que os seus jogos privados poderão desvendar segredos).

Klein nasceu em Viena a 30 de março, filha Reizesum judeu polonês, estudioso do Talmude, mas influenciado pelo Haskalah, um movimento de emancipação judaica; rompeu com a ortodoxia religiosa e formou-se em medicina. Culto, fluente em várias línguas nunca, nunca conseguiu sucesso na carreira por ser judeu e de origem *polonesa*, o que significava de ser de *classe desfavorecida dentro da hierarquia* social judaica.

Na autobiografia de Klein, **Trub King** – o **pediatra** neozolandês que defendia um regime alimentar severo para os bebês ainda não fizera a sua obra devastadora.

Melanie teve uma ama de leite. Desde cedo **Klein** mostrava uma notável confiança, e grande atração pela atmosfera cultural da família da sua mãe, filha de um Rabino.

Melanie Klein, em 1923 foi para Berlim onde continuou a tratar crianças, sendo o seu primeiro caso o de um rapaz de cinco anos, com angústias variadas. **Klein**, assistindo às suas fantasias, brincadeiras, e angústias tentou *interpretar o que a criança dramatizava no seu brincar* (um método que mantém até hoje), e de certa forma à semelhança da técnica utilizada por Freud na análise dos sonhos; e assim nasceu a **análise do brincar** – que seria exposta no livro “*A Psicanálise das Crianças*”.

Freud exprimiu a crença de que a vida psíquica consiste em duas partes – a **consciente** e a **inconsciente** – sendo a consciente a parte visível de um iceberg é pequena e insignificante, representando um aspecto superficial, e a **inconsciente** o vasto e poderoso inconsciente, que contém os instintos que são a força propulsora de todo o comportamento humano. Freud também considerou a existência do pré-consciente que não seria ativamente reprimido, podendo aceder facilmente à consciência.

Klein fora analisada quer por **Ferenczi** como por **Abraham**, tornando-se psicanalista aos quarenta anos de idade. Em 1983 um acervo de dados acerca de Klein foi obtido a partir de uma coletânea de cartas de família descobertas no quarto do filho mais novo.

Em 1926 a autora fora convidada por Ernst Jones para divulgar entre os analistas ingleses e o seu método de análise com crianças.

Como refere o texto do psicanalista Pedro Luzes. Nas “posições” descritas por Klein” como se vê não está só implícita a libido, como a sua combinação com os impulsos agressivos. Essa posição *agressiva* explicar-se-á provavelmente pelas próprias vicissitudes que a autora passou na época.

Desde os primórdios da psicanálise as questões sobre os mecanismos *inconscientes* nos neuróticos oporia os dois *grandiosos* **Freud** e **Pierre Janet** – era na verdade a época da *investigação da histeria* e da *hipnose*, gladiando-se os dois autores entre as suas ideias.

Janet considerava as perturbações histéricas como “um estreitamento do campo da consciência, ou uma clivagem da personalidade, que induziriam delírios alucinações, desdobramentos do eu, pela incapacidade de síntese do psiquismo. **Janet** foi ainda catedrático de psicologia experimental na Sorbonne.

Na sua tese de filosofia **Janet**, em **1893, i.e.**, (uma década após o tratamento de **Anna O**), chegara a sugerir que os *fenómenos inconscientes estariam na base de sintomas estranhos*, nomeadamente, da clivagem da personalidade (*in* Mário C. Pereira, 2008).

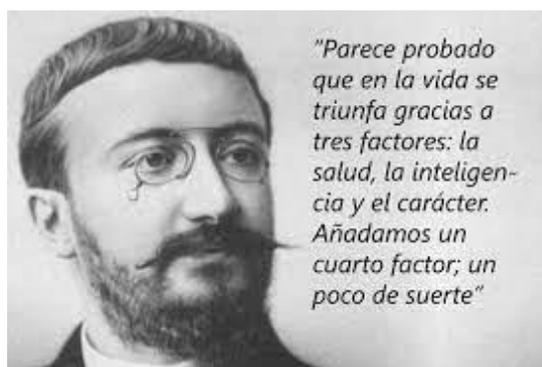
Ainda seguindo Pereira (2008), Janet considerava as perturbações históricas como um estreitamento do campo da consciência, ou ainda como uma clivagem da personalidade sob estados hipnóticos.

Entre **1893** e **1902** Pierre Janet trabalhou no laboratório no hospital da Salpêtrière que lhe foi confiado por **Charcot (1825-1893)**. E foi nessa altura, que quer Janet como **Binet (1857-1911)** se candidataram ao posto deixado por Théodule Ribot. **Charcot** trabalhou ao longo de trinta anos na Sâlptrière – mudando a forma de encarar a psicologia. Ao longo do seu treino em vários hospitais não era a patologia mental que o interessava, mas uma decisão administrativa



levou-o a tratar epiléticos e históricas.

Quanto a **Binet** trabalhou ainda na clínica da Salpêtrière, publicou quinze livros entre 1886 e 1909, bem como uma série artigos. Mas a experimentação era também uma das suas ocupações.



Alfred Binet

Binet foi reconhecido como o “pai do primeiro teste de inteligência no início do séc. XX, e no capítulo final do seu livro de 1911 “*Ideias modernas sobre as crianças*”, refere que se trata de um balanço crítico de trinta anos de investigações experimentais, sobre educação. Mas no

início da sua carreira ter-se-á interessado pelas *alterações da personalidade*, e questões da doutrinas da hipnose e histeria na escola da Sâlpretrière.

Os testes psicológicos desenvolveram-se exponencialmente no alvor do séc. XX. Envolvidos nos estudos do atraso mental, e na *educação dos anormais*, **Binet** e **Simon** apresentaram as suas ideias no *Congresso Internacional de Psicologia* em Roma, em **1905!** E em **1908**, publicaram uma *escala métrica* que avaliaria a inteligência através do teste **Binet-Simon** (1908), que terá sido o primeiro de muitos outros testes destinados a avaliar a *inteligência* das crianças com o propósito de saber em que *classe* se deveriam colocar para que tivessem o melhor aproveitamento na escolaridade.

Binet *discordava* das abordagens quer de Galton, como de Cattel, sobre a avaliação da inteligência, pois que esses recorriam a processos sensório motores para avaliar a inteligência. Porém em **1904**, o ministro da instrução pública nomeou uma comissão para estudar as capacidades da aprendizagem de crianças que se encontravam em dificuldades na escola (*in* Shultz & Shultz (1969).

Binet e o psiquiatra Théodore **Simon** ficaram responsáveis pela comissão que escolheu 30 tarefas intelectuais organizadas em ordem ascendente de dificuldade adequadas a crianças de idades variadas, para compreender em que nível de desenvolvimento (*classe*) se deveriam colocar para ter sucesso. E embora fosse a época da “dita psicologia *clínica patológica* francesa”, o facto é que os estudos de Binet vingaram, desenvolvendo-se, e defendendo o autor que a psicologia devia deixar de tratar os estados da consciência, mas alargar-se ao estudo do “comparar, relacionar, afirmar, negar, sendo que esses *serão atos intelectuais*” relevantes. E assim a psicologia afirmou-se como “*uma ciência da ação*”. E Binet depressa compreendeu que entre crianças da mesma idade, umas resolviam as tarefas pedidas rapidamente e do modo correto, enquanto que outras levavam mais tempo para as completar.

No texto “*New Methods for diagnosis of intellectual level of Subnormals*” (1905), de **Binet e Simon**, os autores referem que o objetivo do teste seria para poder colocar as crianças no nível apropriado para as suas capacidades intelectuais. E em **1890** Binet publicou “*La perception des longueurs et des nombres: chez les Petits enfants*”, com experiências com as suas filhas, uma de 2 e outra de 4 anos e meio.

Binet apercebeu-se também que as crianças pequenas podiam não saber contar, mas *tinham uma intuição para uma numeração instintiva e inconsciente*; como vemos frequentemente em crianças pequenas nas suas brincadeiras com pedrinhas, folhas, lápis, botões, etc., o que as leva a desenvolver o conceito de “*conjuntos*”.

É interessante como Binet se inspirara em intelectuais, como **Galton**, que tinha observado os nativos que contavam com os dedos e ficavam embaraçados, quando esgotavam todos os dedos de uma mão. Algo semelhante também acontece à criança pequena que não sabe contar, mas sabe que lhe falta um dos pequenos brinquedos da sua coleção... (o que nos mostra que antes mesmo de se saber contar, tem-se a *noção de quantidade*).

No texto de Nicolas, Andrieu, Sanitioso, Vincent, e Murray (2015), “descobrimos” que **Binet** trabalhou como advogado entre 1878 a 1884, chamando a atenção do público para as *avaliações forenses*, nomeadamente no famoso caso **Dreyfus**, (1878-1884), que originou um grande conflito social em França no final do **séc. XIX**, em torno da acusação de traição, imputada ao capitão **Dreyfus**, um militar francês de origem judaica foi acusado que de entregar documentos secretos franceses mas que acabou por ser inocentado (este caso foi já alvo de uma série televisiva sob orientação de Polanski).

O “caso Dreyfus” chamou também a atenção para o potencial da *análise da escrita* em termos legais; mas Binet na época não reconhecia a grafologia como ciência (*in* Nicolas, S. Andrieu, Sanitioso, R. Vincent, R. & Murray, 2015).

Foi contra a forma *galtoniana* da avaliação que Binet se insurgiu, o que o levou a procurar outras soluções.

Na mesma época dos **anos 1870s** destes acontecimentos que acabamos de narrar, nasce na Guarda, **Carolina Beatriz Ângelo**, médica que se salientou na nossa história portuguesa por se tornar a primeira mulher a votar em Portugal em 1911. Carolina Beatriz Ângelo por ser viúva e sustentar financeiramente uma filha, invocou em tribunal que teria de ser considerada como “chefe de família”, reunindo assim os requisitos para poder votar em Portugal. (Posteriormente a lei do código eleitoral português foi alterada considerando que apenas tinham direito ao voto os chefes de família, letrados, do sexo masculino).



O feito de **Carolina Beatriz** foi divulgado em diversas instituições feministas em diversos países – a autora morreu em 1911 com 33 anos.

Em **1904** nasceu **Sílvio Lima** em Coimbra Professor Universitário e investigador na área da psicologia e ciências da educação e tradutor português, considerado um dos introdutores na moderna psicologia em Portugal. Foi um dos Professores Universitários que em Maio de 1935 foi afastado do ensino por ser oposicionista ao Estado Novo! A sua tese foi elaborada em França onde frequentara cursos de férias nas Universidades de Toulouse e Paris. Licenciou-se com muito Bom com 19 valores. Foi então convidado a seguir a carreira Universitária. A sua dissertação de Doutoramento na área da psicologia era então quase desconhecida em Portugal. **Sílvio Lima** foi demitido do lugar de Professor considerado inapto para a docência pública dedicando-se então à escrita e colaborando em inúmeras publicações. A situação de exclusão manteve-se até o ano de 1942, ano em que foi readmitido como um dos tolerados do regime, reassumindo a regência da sua anterior disciplina, a qual manteve até 1957, ano em que assumiu a regência teórica da disciplina anual de Teoria da História. Para tal procurou orientação nos países francófonos, estagiando na Sorbonne onde frequentou a Faculdade de letras vários cursos e no Instituto Católico onde estudou a problemática da vida do inconsciente, sob a orientação do Professor belga Georges Dwelsauvers. Foi depois para Genebra, onde no instituto Jean-Jacques Rousseau frequentou, com Helène Antipoff um seminário psicopedagógico realizado por Edouard Claparède.

Quanto aos estudos da época, com **Stern (1912)**, estes, adequaram a escala Binet-Simon, vindo criar a escala do *Quociente Intelectual (Q.I.)*, (*in Educação do Anormal a partir dos testes de inteligência*, 2020).

Em Portugal o envolvimento nos testes psicológicos foi despertado apenas pelas necessidades no âmbito profissional e académico. E contrariando muitos outros países europeus o nosso ensino Universitário da psicologia, *surgiu tardiamente*, como referem **Leandro de Almeida**, Alexandra **Araújo**, e António M. **Diniz**. *et al.* (2013), ao invés dos do que se encontrava noutros países europeus, e assim “o ensino universitário da psicologia surge também tardiamente em Portugal.”

Com efeito a graduação em Psicologia nas Universidades Públicas iniciou-se apenas após a revolução de **1974**. Porém, já anteriormente em **1962** surgira o ISPA, uma fundação oriunda de

congregações de ordens religiosas católicas – designada de *Instituto de Ciências PsicoPedagógicas* – que, em 1964 se viria designar-se (ISPA), sob a divisa “Ousar saber”.

Como dissemos num outro trabalho, “destacamos os primeiros anos do séc. XX como o período significativo para a primeira tentativa da afirmação de cariz científico psicológico entre nós” (in Jacó-Vilela & Francisco Portugal, 2014).

Anteriormente, encontrámos no séc. XIX, a par da histeria da neurastenia, e da psicastenia um quadro amplo das neuróticas do final desse século.

Os sintomas da *psicastenia*, e *neurastenia* referiam-se à presença de *ideias fixas*, a *obsessões*, *impulsos*, *manias*, *tiques*, e uma panóplia de perturbações mentais (in Rafaela, Zorzaneli (2010). Sendo o ponto comum entre esses quadros o facto de não haver qualquer hipótese de diagnóstico. E, nos Estados Unidos, nos anos de **1860** a *neurastenia* era mais a mais comum das doenças nervosas.

O historiador José Morgado Pereira (s.d.) esclarece o significado de *neurastenia* nos Estados Unidos da América, e na Europa (e em Portugal na última década do século XIX.), os diversos sintomas – relacionados entre si – compunham um grande quadro neurótico, que evidenciava o enfraquecimento das funções psicológicas.

A *neurastenia*, a *histeria* e outras categorias entre os campos somático e psíquico foram consideradas por conhecidos médicos franceses como Jean-Martin **Charcot, (1825-1893)** Paul **Bloc (1891)**, ou os médicos ingleses Thomas **Savill (1906)**. Charcot ficou conhecido como um dos grandes precursores da neurologia, trabalhando na segunda parte do século XIX, em Paris. Por uma decisão administrativa **Charcot** tratou também epiléticos e histéricas – na época essas patologias eram encaradas com desdém. Charcot usou a hipnose como técnica experimental distinguindo três fases da hipnose: a *letargia*, *cataplexia* e sonambulismo.

A neurastenia foi também considerada como resultado de uma mistura de predisposição constitucional – nervos fracos – e excessos numa sociedade que exigia algo como a superexcitação do nosso tempo contemporâneo.

A proliferação das *doenças nervosas* – como a *neurastenia*, *histeria*, a *epilepsia*, *cefaleias*, entre outros achaques, proliferavam já então entre o século XVIII e XIX, espalhando-se ainda na Holanda, Reino Unido, Alemanha e nos Estados Unidos.

As queixas físicas como a astenia neuromuscular, insónias, cefaleias, e um estado mental dominado pela fadiga, ou ainda queixas gastrointestinais, perturbações da memória com tristeza

e obsessões, ou ainda, zumbidos nos ouvidos, inquietações, medos ou outros sintomas, todos eles perturbavam as neurasténicas. Os tratamentos seriam à base de “curas de repouso”, isolamento, ópio, estriçnina, arsénico, hidroterapia quente ou fria, ou outras sugestões!

Jean-Martin Charcot – (1825-1893) – avaliou neuroses traumáticas, pacientes *histéricos* e neurasténicos. Porém, culpar a civilização dos males nervosos da população, foi uma novidade de **Beard** que perdura até hoje (Zorzanelli, 2010).

A reputação de Charcot fica marcada por simultaneamente ser um físico com poucos interesses nos tratamentos neurológicos, de tal modo que fica na história como “uma combinação de génio e de charlatanismo”. Apesar de tudo Charcot era cuidadoso acerca dos efeitos das medicações que prescrevia. Em **1864**, notou que a impotência sexual podia ser resultante dos usos prolongados do arsénico, usado na época. Charcot também estava ciente do efeito *placebo*, ao qual recorria, conseguindo aliviar os pacientes dessa forma sem os intoxicar.

A ideia de Beard, ao culpar esses males nervosos da população não foi uma novidade, nos idos séc. XIX.

Também o psiquiatra alemão Emil **Kraepelin** (1886), considerara os casos de neurastenia como efeito da fadiga excessiva, ou à hereditariedade, ou ainda à sobrecarga intelectual, a propensões hereditárias, ou a *excessos* (Zorzanelli, 2010). Apesar da “obscura etiologia”, como refere o texto de Zorzanelli, para o psiquiatra Kraepelin, os casos de neurastenia podem ser originados pela sobrecarga intelectual, neurastenia, bem como a fatores socioculturais; dizendo literalmente Kraepelin, que (na nossa época – se pode ver “A à má-educação como efeito dos desacatos ou perturbações comportamentais, como hoje chamamos *in* Zorzanelli, 2010).

Na obra de **Beard** (1880), a neurastenia era mais comum do que qualquer outra doença nervosa; sendo que a par da histeria, da neurastenia, e da *psicastenia* seria o quadro mais amplo das neuróticas do século XIX, e as hipóteses etiológicas não eram consistentes.

As doenças nervosas foram reconhecidas muito cedo pelo médico inglês William **Cullen**, nasceu na **escócia** já no longínquo século XVIII, sendo que ele terá sido responsável pela formação da *categoria da neurose*. Tendo em consideração as cartas que Cullen recebia dos seus pacientes, ficamos a saber que ele era um médico compassivo, interessado no sistema nervoso, considerado por ele, como sendo “uma máquina animada”. A ênfase na importância do sistema nervoso compreendia-se pois seria o sistema nervoso que controlaria “todas as doenças”. **Cullen** foi ainda professor nos institutos de medicina e em **1766** e foi ainda Professor na Universidade e simultâneamente via pacientes nas enfermarias, tornando-se notado.

De acordo com a narrativa de Mário Costa Pereira (2008), Por volta de **1885 Pierre Janet** (1859-1947), descreve, na *Sociedade de Psicologia Fisiológica* de Paris, os casos “Léonie”,

“Marie-Rose” – casos que ficariam na história como sobre as relações entre histeria e hipnotismo, sendo que esse terá causado grande impacto em Charcot.



Seguindo a teoria de **Janet**, a personalidade seria “uma instância que conserva as organizações do passado”, e de outra que sintetiza e organiza os fenômenos presentes.

É interessante como na *história da loucura* de Foucault (2002), se relata a transfiguração entre loucura e doença mental. Com efeito já desde os *finais do século XVIII*, na *Europa e Estados Unidos* vários reformadores incentivavam, ou defendiam transformações humanitárias nos *asilos dos alienados*. E entre o final do século XVIII e o início do XIX, William **Tuke** (1732-1822), que nasceu numa família Quacre (*protestantes*), predispôs-se a ajudar os desvalidos, nomeadamente os mais desprotegidos (*in* Goodwin, J. 2005, ed. Cultrix). **Tuke**, um reformista e filantropo do século XIX, nasceu em Março de 1732 preocupando-se sobre a saúde mental. Como **Quaker**, foi educado por um clérigo, e sempre muito envolvido na sociedade dos amigos de York, de doentes mentais.

O polonês **Ludwik Fleck**, (1896-1961) nasceu em 1896 numa localidade na Ucrânia e educado numa comunidade judaica, terminou os estudos de medicina na *Universidade Jan Kazimierz*, especializando-se em microbiologia. Após a sua graduação trabalhou como especialista em tifo. Após um ano em Viena Fleck tornou-se director de bacteriologia laboratorial no hospital geral. Foi também, historiador.

Em 1941 Fleck e sua família foram *presos no Gueto de judeus* em Lviv, pelas tropas alemãs. Dois anos depois **Fleck**, e outros judeus, foram enviados para o campo de concentração de Auschwitz, e depois para o campo de Buchenwald.

O regime nazi tentou aproveitar-se dos conhecimentos do autor como perito em bacteriologia. **Fleck** e outros judeus criaram uma vacina que *não era eficaz* para que os nazis não a pudessem utilizar para a armada alemã – sendo que os alemães não o descobriram. Em 1946 Fleck tornou-se um Professor conhecido na Academia de Medicina em Wrocław, e também foi

membro da Academia Polaca de Ciências. Após ter sofrido um ataque cardíaco, Fleck decidiu passar a o resto da vida em Israel, e emigrou para onde se encontrava o seu filho há muitos anos. **Fleck** continuou a sua investigação em diversos laboratórios em Tel Aviv, na Universidade Hebraica de Jerusalém. Porém as ideias de Fleck não terão sido muito divulgadas ao longo da história, e assim a recuperamos. Só num artigo Fleck conta as suas atividades de pesquisa no gueto de Lowo, mas as fontes silenciaram a sua participação em pesquisas pseudo científicas em seres humanos. Fleck encontrava-se na categoria de prisioneiro privilegiado, trabalhando como médico bacterologista. Por outro lado Fleck sabia alemão e por isso podia traduzir informações que levassem a maiores oportunidades de sobrevivência, como questões de trabalho, alimentação e segurança, ao entender as ordens berradas nesse universo caótico.

Mas fica a dúvida de como eram tratadas as cobaias humanas de Fleck, e quem eram elas? **Fleck** trabalhou sob coação? As experiências tiveram alguma utilidade prática? Enfim – muito ficou por desvendar... **Fleck** foi preso no gueto da sua cidade em 1941, e mais tarde enviado com sua mulher e filho para os campos de Auschwitz, na Polónia e em Buchenwaldna Alemanha. Durante a prisão foi obrigado a trabalhar no desenvolvimento de vacinas contra o tifo – doença que causava muitas mortes entre as tropas alemães. Libertado em 1945 Fleck permanece na Europa até 1956, quando parte para Israel – morre em 1961.

Do universo concentracionário nazi, o número de sobreviventes foi espantosamente reduzido, mas alguns tiveram a fortuna e a força para sobreviver, e *ficaram para testemunhar*. Esse fator aumenta ainda mais a resistência em narrar, pois toca num ponto central de todos os *testemunhos dos sobreviventes, que é a questão da culpa – culpa de estar vivo, culpa de ter presenciado o pior que há nos seres humanos, e também a vergonha: vergonha da humanidade ter chegado a esse ponto!*.

Já *entre nós e no Brasil* a doença mental ganha protagonismo nos finais do séc. **XIX**, ao surgirem as primeiras instituições psiquiátricas (Filho, A., Fortes, F.L. S., Queirós; P. P., *et al.*, (2015). Em Portugal **Rilhafoles** foi o primeiro hospital destinado a doentes psiquiátricos, tendo sido aberto em **1848**, com Miguel Bombarda tomando um papel decisivo na *melhoria das condições de assistência e de tratamento aos seus doentes* (Pina, A. 2013).

O estudo de fotografias clínicas dão um rosto visível à loucura

António **Sena** (1745-1890), filiando-se na *teoria da degeneração* refere que o “Homem é o produto mais perfeito da natureza, com capacidades para ir aperfeiçoando os tipos criados, mas, logo de seguida, Sena acrescenta que a *alienação mental* existe e é uma espécie de *desumanização do indivíduo que se vai agravando lentamente, em gerações sucessivas*.

Porém, como refere Santos, (2011) enquanto em França, Inglaterra, Itália e Estados Unidos, já existiam hospitais próprios para o tratamento dos alienados, em Portugal, na mesma época os alienados eram recolhidos em hospitais gerais, como no S. José em Lisboa. Destaca-se porém o **Dr. Joaquim Bizarro**, que tentou melhorar o estatuto dos alienados, e iniciaram-se estudos estatísticos nessa matéria.

No texto de Borja Santos (2011), encontramos a *ideia* do médico António **Sena**, que diz, “*A hereditariedade seria portanto uma força criadora – ao tender para manter a perfeição, mas ao mesmo tempo destruidora – ao agravar a degeneração*”.

Uma outra personagem curiosa da nossa história de Portugal será Madame **Brouillard** nascida em **1852** e conhecida como *a bruxa do Chiado* e que contribuiu para multiplicar o número de *cartomantes, sonâmbulas, e quiromantes* que apareceram em Lisboa.

Compreende-se que o clima de incerteza provocado pela Guerra tenha aumentado, naturalmente, a procura de quem buscava notícias gratificantes, como *prometiam as quiromantes*; “Ir consultar a Madame Brouillard,” terá anotando **Fernando Pessoa** numa folha de agenda em **1913** (embora não se saiba se chegou realizar-se a *consulta...*).

De salientar na *nossa história* o Professor e médico (**Miguel Bombarda, 1851-1910**), um *vanguardista na psiquiatria*, que (em **1892**), assumiu um papel relevante no melhoramento das condições de assistência aos doentes, quando assumiu a direção do hospital, que viria a ter o seu nome. Em 3 de Outubro de 1910, Miguel Bombarda foi assassinado no seu próprio consultório por um *doente seu* (Aparício dos Santos) aluno na Universidade de Coimbra, vindo de Braga.

Em **1877** Miguel Bombarda publicara a tese “O delírio das perseguições”; foi professor na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e fundador da “*Liga Nacional contra a Tuberculose*”, mantendo-se por muitos anos o seu nome num Hospital de Lisboa.

Miguel **Bombarda** encarava a *alienação* como um processo de desumanização do indivíduo, que se vai agravando lentamente em gerações sucessivas. “Para o médico, a hereditariedade seria a força criadora – ao tender a manter a perfeição – mas ao mesmo tempo destruidora por agravar a degeneração, mas globalmente uma faculdade protetora da vida coletiva”, defende o médico.

A reforma psiquiátrica em Portugal e no Brasil surge no séc. XIX, quando as primeiras instituições psiquiátricas se desenvolvem, tomando como objetivo primordial o de cuidar/isolar a pessoa com algum tipo de transtorno mental; partilhando Portugal e o Brasil as críticas em relação ao modelo manicomial (A., J. Filho, Fortes, F. L. S., Queirós, P. J., Fortes, F. L. S., *et al.*, (2015).

Na época, em Portugal, a lei da Saúde Mental terá tido pouca repercussão, mobilizando poucos profissionais, e embora existissem serviços ambulatoriais no país, o tratamento centrava-se na *hospitalização psiquiátrica*.

Ega Moniz, ou **Sobral Cid** ficam na nossa história da psiquiatria e neurologia (cf. <https://estudogeral.uc>). E a história relata ainda que Egas Moniz terá “mantido uma distância calculada” da liderança de Salazar.

Em síntese, o século **XIX** foi a época de maior desenvolvimentos na *terapêutica da loucura*, sendo que a sua causa passa por um *desarranjo duradouro do discurso e dos atos, que não se ajustem à realidade*. Ega Moniz nasceu em **1874**, e completou a formatura em medicina na **Universidade de Coimbra** em 1899, e doutorou-se em **1901**, com a tese “A vida sexual I fisiologia”, à qual acrescentou uma segunda parte, “A vida sexual II, patologia”.

Ega Moniz tornou-se o *primeiro catedrático de neurologia*, e diretor do Hospital de Santa Marta – na época um hospital escolar. Acresce que o autor publicou 22 livros, 242 artigos, para além de numerosas conferências, ensaios biográficos, e reflexões várias. Recebeu o **prémio Nobel** da medicina e fisiologia em 1901, a par com Walter Rudolf Hess, o que salientou internacionalmente a sua imagem de cientista (*in* Pina, M. E., & Correia, M., 2012).

Maria de Lourdes Campos **Tedeschi de Bettencourt**, fez parte da equipa de **Ega Moniz** entre 1947-1949 – ficando na história como a *mulher que ajudou Ega Moniz*. Aprendeu a ler sozinha antes de ir para a escola com quatro ou cinco anos. Frequentou o Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, considerando-se uma privilegiada ao ter sido aluna de *três grandes mulheres*: **Domitila de Carvalho**, formada em matemática, filosofia, e medicina, **Teresa Leitão Barros**, escritora e professora de Português, e **Seomara da Costa Primo**, professora de Ciências Naturais.

Maria **Lourdes C. Bettencourt** inscreveu-se no *Instituto Maria Luísa Barbosa de Carvalho*, em Lisboa onde se formavam “Peritos Orientadores”, sendo esse estabelecimento o primeiro a trabalhar com testes psicológicos; após de dois anos de curso estudou crianças com deficiências mentais, sendo que o Diretor do Hospital Júlio de Matos (António Flores), lhe ofereceu um lugar de psicopedagoga para dirigir cerca de 75 crianças, e Lourdes Bettencourt ingressou no Hospital Júlio de Matos, entre 1942 e 1953, e dirigiu os pavilhões infantis. Relatou

a autora que ao longo do primeiro ano a lidar com o mundo patológico foi “vencendo a agressão emocional a que estava sujeita”.

Em **1947** Lourdes Bettencourt foi integrada na equipa do Professor **Egas Moniz**, dirigida pelo Doutor **Barahona Fernandes**.

Ao tomar conhecimento da existência de um Centro de Estudos de Psicologia, criado pelos jesuítas (CEP), Lourdes Bettencourt aceitou o convite para participar voluntariamente nessa consulta, onde permaneceu até 1963, e na qual acompanhou 300 crianças. Esse seu trabalho acabou por lhe abrir portas para frequentar o *Instituto de Psicologia Aplicada*, (ISPA) em, 1963, instituição essa recém fundada pelos Padres Agostinho Pereira e Diamantino Monteiro, na qual Maria de Lourdes A. C. **Tedeschi Bettencourt** terminou o curso em 1968, com a Dissertação “Teoria e prática da Orientação Educacional”. A autora foi galardoada em **2016**, na categoria “Família e Comunidade”.



Lourdes Bettencourt

Mas muito antes – na nossa história portuguesa relevamos os contributos de **António Costa Ferreira (1879-1922)**, professor, médico, antropólogo, e pedagogo; matriculou-se na **Universidade de Coimbra** em filosofia, mas cursou também medicina terminando em 1905, e estagiou ainda em Paris, Bruxelas e Lisboa. Foi um republicano ativo e convicto. Afirmou a dada altura “*Fui ministro, foi essa a maior honra que alcancei, e o maior desgosto que até hoje experimentei*”. Partiu para o Funchal embarcando para Lourenço Marques onde viria a suicidar-se em 15 de Julho; deixou uma vasta obra no campo da literatura, da antropologia, e pedagogia. Foi também diretor da Casa Pia de Lisboa, na *formação de professores, na reabilitação e integração de crianças com necessidades educativas*. Incentivou também aulas de trabalhos manuais, música e desporto. Lecionou ainda pedologia, e higiene mental, a partir de 1915. Foi influenciado pelos estudos de Claparède, de Binet, e de Marie Montessori (1870-1952), e dedicou-se também ao que chamavam na época “anormais pedagógicos”.

Costa Ferreira refere ainda “A anatomia humana estuda a organização do homem, pode mesmo apontar as principais variações desta organização (...), mas quem estuda metodicamente,

sistematicamente, estas variações, as suas causas e as suas leis não é a anatomia, é um ramo da antropologia, que se chama *antropologia anatómica* (Ferreira, 1917a)”.

O seu interesse pelas condições do desenvolvimento na infância e o envolvimento na intervenção pedagógica e social em adultos e crianças justificava-se, para além do seu cariz humanista, *enquanto republicano*, não fosse o mote da República a regeneração da nação pela educação a diversas vozes.

Falta-nos ainda a protecção, a assistência á creança doente, á creança anormal, delinquente, aos expostos. (...). A *hospitalização infantil, os dispensarios, os sanatorios marítimos fluctuantes, os asyls*, são por conseguinte um dever para a Republica. As creanças doentes devem ser hospitalizadas em edificios que exclusivamente se lhes destinem. (...)

(Angelo Vaz, in *A Águia*, n.º2, 1910).

Confrontado entretanto com o regresso dos soldados mutilados da GG, o interesse pela reabilitação impõe-se a **Costa Ferreira** como um novo imperativo, pois que, mais uma vez, de educação se tratava. No *Instituto Militar de Arroios*, os médicos José Pontes e Tovar de Lemos destacam-se nesta empreitada, e organizam, à semelhança do que se fazia no estrangeiro, três secções de trabalho responsáveis respetivamente pela “Orientação”, “Reeducação funcional”, e “Reeducação profissional e aparelhagem” (Melo, 1923).

Recorde-se que um dos aspetos mais característicos do movimento em torno da pedagogia, na primeira República, consistiu no forte incentivo à construção de uma pedagogia científica que deveria basear-se num estudo sistemático da psicologia infantil.

Porém, confrontado entretanto com o regresso dos soldados mutilados da GG. O interesse pela reabilitação logo se impõe a Costa Ferreira, como novo imperativo, pois que mais uma vez de educação se tratava.

No Instituto Militar de Arroios os médicos José Pontes e Tovar de Lemos destacam-se nessa empreitada, e organizam, à semelhança do que se fazia no estrangeiro, Três secções de trabalho responsáveis respetivamente pela “Orientação”; “Reeducação funcional” e “Reeducação profissional de aparelhagem” (Melo, 1923).

Um outro português, **Faria de Vasconcelos (1880-1939)**, foi pioneiro entre nós na psicopedagogia diferenciada aos alunos e no contributo à orientação escolar. A designação de *pioneiro da educação* – atribuída a Vasconcelos surge em 1915 – sendo considerado um dos mentores da “Escola Ativa”, sendo que o autor partilhou as ideias inovadoras de **Rousseau** ao estudar em Genebra, foi encarregado do curso de Ciências da Educação nessa cidade. Foi também para Cuba como consultor do Ministério e para a Bolívia como diretor da *Escola Normal de Maestros*, organizando os seus sistemas educativos, no campo da formação de professores

primários e educadoras. De salientar que o autor se formou em Direito na Universidade de Coimbra.

Faria de **Vasconcelos** aceitou ainda o cargo de Inspetor do *Ministério de Saúde e do Bem-Fazer*, em Cuba, onde fundou duas escolas em Havana, e onde desempenhou várias tarefas.

F. Vasconcelos, considerava essencial – já na época – que o educador fosse formado pela “*Nova pedagogia*”, possuindo uma formação científica sobre “a natureza da criança”, bem como sobre *as condições do meio no qual o seu desenvolvimento se processa*. É de destacar como o autor foi pioneiro nestas matérias – que ainda hoje entre nós muitos continuam a ignorar (Martins, E. C., 2015). O educador refere ainda “*a importância da cooperação da família no processo educativo, pois que mais que transmitir conhecimentos, a primeira função do educador é promover situações proporcionadoras do crescimento físico infantil, desviando todos os obstáculos que possam contrariá-lo*” (in Martins, 2015).

Em Portugal será nos inícios do século XX o período significativo da primeira tentativa de afirmação do cariz científico da psicologia entre nós, como referimos num outro trabalho.

Ainda nos anos de **1800s – 1900s** encontramos Ivan **Pavlov**, o autor desde cedo demonstrara uma curiosidade intelectual e instinto de investigação; inspirado por **Pisarev**, um eminente crítico russo literário dos anos **1860s** e por Sschenov – considerado o pai da fisiologia russa, Pavlov abandonou a carreira religiosa e entrou na Universidade de Saint Petersburg para estudar ciência natural. Pavlov viria a receber o prémio *Nobel de fisiologia e medicina* em **1904**.

A *Review of General Psychology* de 2002, considerou Pavlov o vigésimo quarto psicólogo mais citado no século XX. Com efeito, os princípios do condicionamento clássico levaram a uma variedade de terapias comportamentais, clínicas, educacionais, programas de eliminação de fobias, e dessensibilização sistemática (in Goodwin, J. 2005).

Pavlov, o primeiro filho de um religioso, viveu a sua juventude em Ryazan, na Rússia central. Assistiu aos seminários religiosos que o impressionaram pela devoção e os conhecimentos que aprendia. Em **1870** Pavlov abandonou os estudos teológicos e ingressou na Universidade de St. Petersburg, onde estudou química e fisiologia. Após terminar o curso da *Imperial Medical Academy* em 1879, completou a sua dissertação em 1883. Estudou na Alemanha sob orientação do fisiologista cardiovascular **Carl Ludwig** – e em Leipzig estudou ainda gastrointestinal também sob orientação de Rudolf Heidenhain. Tornou-se um cirurgião

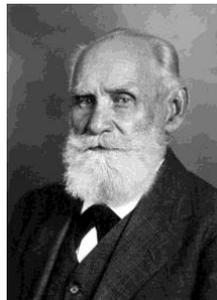
reputado, e habilidoso, conseguindo introduzir um cateter na artéria femoral num cão quase sem dor e sem anestesia.

Pavlov casou-se com uma estudante de pedagogia, mas, estando ele empobrecido tinham de viver separados. O autor atribuiu o seu sucesso à sua esposa, uma doméstica religiosa que zelava pelo seu conforto. Em **1890** tornou-se *Professor de fisiologia*, na *Imperial Medical Academy*, na qual se manteve até 1924. Ao longo dos anos 1890-1900, Pavlov estudou a atividade secretória na digestão.

Em **1922**, no período conturbado da revolução, e embora Pavlov não fosse um político o autor falava sem medo no que considerava ser a *verdade*. Já anteriormente, em **1917**, o autor tinha solicitado a Valdimir Lenin para transferir o laboratório para o estrangeiro; mas **Lenin** recusou referindo que a Rússia necessitava de cientistas como Pavlov, e acrescentou ainda que “Pavlov deveria ter as rações alimentares de um honrado comunista. Porém Pavlov rejeitou essa benesse *face ao período de fome que muitos outros passavam...*”

Após a sua segunda viagem aos Estados Unidos em **1923** (e outra em **1924**), Pavlov *denunciou publicamente o comunismo*, enquanto bases falsas. Em 1924, quando *expulsaram os padres da Academia médica Imperial*, **Pavlov** resignou o seu posto da *cadeira de fisiologia*, referindo “ Eu também sou filho de um padre, e se a expulsão é para uns, eu também saio”.

A posição de Pavlov em relação aos comunistas e o governo soviético era única não só para com a União Soviética, como para a história da ciência.



Ivan Pavlov, (1849-1936)

“Tolerado nos primeiros tempos da ditadura de **Salazar**, o “*Instituto de Orientação Profissional*”, teve um início dificultado. Mas em 31 de Julho de **1925** surgiu o primeiro consultório de seleção profissional: o **Instituto Profissional Maria Luísa Barbosa de Carvalho**. O instituto terá tido um início conturbado após a ditadura de Salazar.

O grande objetivo de Faria de Vasconcelos era construir um sistema educativo coerente desde o jardim de infância até à Universidade, pensando pela primeira vez na nossa história, num

sistema escolar que integrasse todos os níveis de ensino! O seu grande objetivo era “formar cidadãos capazes de ler o mundo em seu redor e de conciliar conflitos, para contribuir ao bem-estar na sociedade.

Nas suas viagens na Bélgica interessou-se pela “orientação profissional, em 1908”, pois nesse país em 1908 **Decroly e Chistiaens**, haviam criado o primeiro serviço de *Orientação profissional, o primeiro na Europa*, e Vasconcelos havia estado na Bélgica nessa altura.

Na revista *Seara Nova* publicaram-se artigos sobre “*Bases para a solução dos problemas da educação nacional*”, e no jornal **O século**, em 1923 Faria de Vasconcelos anunciou a criação de um *Instituto de Orientação profissional*.

O tema da loucura foi também tratado como *efeito de erros no conhecimento* que levam a ideias erradas sobre relações com as coisas e com os outros. Mas como refere a história da loucura de Foucault, desde o Renascimento à modernidade o poder dos *mecanismos de controlo*, ao longo dos tempos pode legitimar o exílio dos indesejáveis, mesmo que não sejam culpados de nenhum crime ou estropício. E ao longo da história da humanidade *tenderão a ser culpados os mais marginalizados* ou mesmo os opositores do *status quo* quer tenham ou não razão, e assim, “O asilo torna-se um espaço diferenciado – de que muitos se afastam...”

Queremos acreditar então que a subjetividade antes rejeitada, adquiriu, no **século XX** uma importância decisiva, sendo que o homem é então pessoa dotada de *autoconhecimentos, valores, afetos e desejos, que fazem sentido*, como refere Marcos Machado (2009).

De forma interessante, como refere Rosas (2010), “um lugar entre as ciências vem sendo uma persistente pretensão da psicologia, desde, pelo menos Wundt, em Leipzig, ou talvez da proposta de psicofísica de Fechner”. Mas como temos dito, na história da psicologia (ou outra ciência), muitas outras histórias se nos deparam, entremeando-se entre si numa continuidade pacífica; ou pelo contrário nos desencontros que levam a novos modelos.



Münsterberg (1863-1919) um alemão ex-aluno de Wundt que se rebelou contra o mestre, e teve dificuldades na carreira ao mostrar simpatia pela causa germânica, e que contribuiu para a *psicologia aplicada*, nomeadamente no domínio da *psicologia forense*, na qual terá investido em diversas áreas, para além de seguir a carreira académica, e da resolução de problemas concretos, no domínio da psicologia forense, e foi o primeiro a sugerir a utilização de um detetor de mentiras, através do controlo da pressão arterial; na mesma linha Münsterberg, conseguiu avaliar a falibilidade das testemunhas oculares, bem como dos efeitos da suscetibilidade nos jurados e nos juízes. No campo da *psicologia industrial* sugeriu ainda a validação de testes de seleção profissional, e publicou o livro “*Psicologia e Eficiência Industrial*”, no qual desenvolve temas acerca da *seleção de pessoal*, de *organização científica do trabalho*, de *marketing* e ainda de *publicidade*. Da sua obra ainda constam debates acerca de questões estéticas no cinema (*in* Jesuíno, J. 1994).

O estruturalismo de **Wundt**, bem como o de **Titchener** também não prosperaram no campo intelectual americano. Só o *Zeigist* intelectual nitidamente pragmático pôde prosperar.

Ainda no século XIX o americano **Robert Woodworth (1869-1962)**, que estudou em Harvard, e Columbia, sob orientação de **William James**, (entre outros, como **J. Angell**, e **Torndike**, ou **Leta Stetter Holingworth**; e Woodworth terão seguido os passos de Cattell envolvendo-se na *psicologia dos testes*, nomeadamente acerca das *diferenças raciais*, nos desempenhos nos testes psicológicos, na clínica, em crianças com deficiências mentais e nas crianças *excepcionais* (como se diria na época).

Angell deu ao movimento *funcionalista* o cariz de uma visão prática do pensamento, o autor era filho de uma família de académicos, e o seu avô foi presidente da Universidade de Brown. Já para os estruturalistas como Titchener afirmavam que o funcionalismo nada tinha de psicologia, pois que não abordava a análise introspectiva da mente em seus elementos.

Também nos anos **1800s**, Harvey **Carr (1873-1854)**, formado em matemática passou a dedicar-se à psicologia influenciado por um professor que fora discípulo de Hall.

O *funcionalismo* de **Carr**: a forma final do funcionalismo abrange os seguintes tópicos: a) os atos adaptativos da mente; b) a natureza psicofísica da atividade mental e sua relação com as atividades mentais e suas bases fisiológicas e corporais; c) uma variedade de métodos de investigação; d) o relacionamento entre os dados estruturalistas da introspeção; e) o relacionamento entre a psicologia funcional e outras ciências, incluindo a observação de que a

psicologia é uma ciência biológica, que pode ser aplicada a outras disciplinas, bem como aos problemas da vida diária.

Como perspectiva geral, o *funcionalismo* tornou-se *parte principal da psicologia americana*. E assim se compreende que englobasse o estudo de animais, bebês, crianças, e retardados mentais. Para além disso, o funcionalismo permitiu aos psicólogos que complementassem o método da introspeção com outras técnicas de obtenção de dados; como a investigação fisiológica, os testes mentais, questionários, ou descrições objetivas dos comportamentos. (in Schultz & Schultz, 5ª ed. Cultrix).

Quanto a **Stanley Hall**, psicólogo e educador norte-americano (1844-1924), interessou-se pela teologia e filosofia, estudando no *Seminário de União teológica*. Posteriormente, influenciado pela obra de Wundt dedicou-se à psicologia e fez o seu Doutoramento sob supervisão de **William James**, pela Universidade de Harvard, tornando-se *o primeiro doutorado em psicologia no país*. Em seguida realizou um estágio de psicologia no laboratório de Wundt, em Leipzig.

De regresso aos EU **William James** lecionou na Universidade de Harvard, e veio a tornar-se Professor em Johns Hopkins, onde organizou *o primeiro laboratório americano de psicologia* em 1882. Cinco anos depois fundou o *Jornal Americano de Psicologia*.

Quanto a Leta S. **Hollingsworth** (1886-1939) foi pioneira na psicologia, no campo dos estudos sobre os testes de inteligência e no estudo de sujeitos talentosos, ficando na história como alguém que *defendia a causa das raparigas e mulheres de talento*. Com 16 anos ingressou na Universidade do Nebraska, estudando *literatura* e escrita; porém a série de pequenas histórias que escreveu não foram publicadas, por ser de uma mulher!. Interessou-se ainda pela *psicologia clínica, e os testes mentais*. A sua infância foi conturbada, tendo perdido a mãe aos três anos. A escola terá sido o seu refúgio após uma série de vicissitudes familiares. A autora *trabalhou ainda no Hospital Central de Bellevue*, trabalhando como chefe do laboratório psicológico.

Nos anos 1920's, Hollingsworth, passou a trabalhar com crianças sobredotadas. **Terman** acreditava que os testes intelectuais eram cruciais para identificar as crianças “sobredotadas”, e que essas deveriam ter mais atenção para se tornarem “grandes membros na sociedade”, mas em rigor ele não especificou quais as estratégias a seguir...

Na Universidade de Columbia Leta Hollingsworth, interessou-se pelas questões (digamos) “feministas”, e embora as ideias Thorndike acerca de Hollingsworth (*ou melhor sobre as mulheres*) fossem controversas, Thorndike orientou o seu doutoramento. Mas Leta Hollingsworth

sentia-se frustrada por não ter as mesmas oportunidades de trabalho no campo acadêmico, por ser mulher. Em **1913**, **Leta Hollingworth** aceitou uma posição provisória no *Clearing-House*. A autora refere num artigo:



Vozes feministas –1886-1939 –

“A via dos homens e das mulheres são vividas em condições tão diferentes que praticamente poder-se-á dizer que vivem em ambientes diversos.”

Em 1916 a autora completou o doutoramento; e no mesmo ano publicou um texto acerca do controlo social sobre as mulheres, por terem de cuidar dos filhos. Leta Hollingworth ficou na história também pelas contribuições na área da *psicologia da criança*, e educação. Entre **1916 - 1920** – as suas publicações trataram essencialmente das *crianças retardadas*, e também das *crianças com capacidades excecionais*.

Leta Hollingworth nos seus estudos conseguiu refutar a “falsa-ideia” de que a mulher quando estava com a menstruação estaria incapacitada, mas para a autora tal devia-se a preconceitos que, mais uma vez, limitariam as atividades nas mulheres. Ao longo da sua graduação em Columbia a autora trabalhou no *Clearing House of Mental Defectives* e também no hospital de *Clearing House for Mental Defectives em Bellevue*. A autora interessou-se pela psicologia educacional, e recebeu o *Grau Phi Beta Kappa* em 1906, e ainda o Bacharelato de Artes, bem como um certificado de professora. Conseguiu um lugar de psicologia no hospital de Bellevue, onde ficou com o posto de chefe do laboratório psicológico.

Publicou vários livros sobre os temas: “*The Psychology Subnormal Children*” em **1923**; e “*Special Talents and Defects*”, e em **1928**, e “*The problema of Mental Disorder*” (**1934**); entre variados textos escolares; “*The psychology of the Adolescent* (1928)”; “*Children above 180 QI.*”, entre outros.

O último estudo de Hollingworth sobre crianças *sobredotadas* foi publicado pelo marido, após a morte de **Leta**. A autora terá publicado dezenas de textos acerca de *crianças talentosas*, bem como sobre crianças com atrasos, sendo que **Leta** desenvolveu estratégias educacionais para currículos de crianças “*dotadas*” e de “*crianças não-dotadas*”.

A autora prezava o contacto próximo com os seus participantes, mesmo que os colegas de profissão não o fizessem. O seu contributo no trabalho que mantinha contribuiu para inspirar outras mulheres nessa inicial época do século XX. Um dos estudantes de Leta foi **Carl Rogers**. O autor é conhecido pela abordagem da terapia centrada no cliente – Rogers sugere que cada pessoa terá tendência inata a atualizar suas capacidades e *potenciais do eu*. Ao contrário de Maslow, as ideias de Rogers não foram formuladas a partir de sujeitos saudáveis, mas antes de indivíduos tratados e antes emocionalmente perturbados.

Em 1978 os psicólogos e educadores **Daniel e Otília Antipoff**, criaram um *Centro educativo* que seguia crianças desde o berçário à escola elementar que funcionou até 2007, como uma proposta pedagógica e humanista.

Antipoff nasceu numa família aristocrática na Rússia (1892-1974), tendo feito formação universitária em Paris, e Genebra, envolveu-se ainda na administração dos *testes de inteligência* de Binet na *Clearing House* (i.e. a parte de compras e vendas), para pacientes com perturbações mentais.

Sob orientação de Claparède, Helena **Antipoff** fez parte do primeiro grupo de professoras da *Maison des Petits* – uma escola experimental anexa ao *Instituto Rousseau*, onde os novos métodos educativos tinham lugar.

Em 1916 Antipoff voltou à Rússia então ocupada pelo exército alemão, em busca do pai, ferido em combate na I GG. A autora comentou acerca da “época extraordinária da eclosão da Revolução de Outubro de 1917, tendo trabalhado em estações médico-pedagógicas, em Viatka e em São Petersburgo, entre 1919-1924, como psicóloga observadora. Em relato publicado na época, a autora comentou sobre “*esse tempo de revolução, da fome, e do terror*” (Antipoff, 1992). A autora referiu ainda, “eu tinha sido convidada com outros pedagogos, psicólogos e médicos para estudar centenas de crianças, abandonadas nos centros médico-pedagógicos de Petersburgo, durante os anos da *grande fome* (1921-1923), enfrentando as tarefas mais difíceis. Era também a época das *grandes epidemias* de diversas espécies. Internadas numa espécie de hospital, pobre e mal mobilado, com poucos livros, escassos jogos, foram obrigadas a observar as crianças em condições muito desfavoráveis, para decidir o seu destino, segundo o carácter de cada uma, e para encaminhá-las para as **150!** Instituições pedagógicas, médicas, e jurídicas que possuíam (Helena Antipoff, 1992).



(1892-1974)

Entretanto Alfred **Binet** – especialista no estudo da inteligência, na época respondeu ao desafio do Ministério da Educação francês com a construção da escala métrica da inteligência e processos cognitivos, com intuito de elaborar programas de educação adequados a diversos níveis.

A sua proposta pedagógica foi elaborada a partir de inspirações teóricas *russas, norteamericanas e genebrinas*. Com um projeto arquitetônico específico, os ambientes interno, e externo, favoreciam uma aprendizagem marcada pelo encontro com a natureza.

No laboratório de psicologia da Universidade de Paris, participou na padronização dos testes mentais de crianças, elaborados por Binet, e Théodule Simon. Nesse período a autora conheceu Edouard **Claparède**, que a convidou para fazer parte do *Instituto Jean-Jaques Rousseau* na Suíça, onde concluiu o curso de psicologia com especialização em psicologia da educação.

Antipoff voltou à Rússia – em 1916 – onde trabalhou com crianças órfãs, vítimas da **I GG**, e da revolução Russa. De retorno a Genebra, em 1925 foi assistente de Claparède no laboratório de psicologia – assumindo o cargo de professora *de Psicologia da criança*.

Em **1929**, a convite do Governo do Estado de Minas Gerais, para participar da implantação da reforma de ensino conhecida como “Reforma Francisco Campos-Mário Cassanta”, uma das mais importantes iniciativas de apropriação do movimento da **Escola Nova** no Brasil, que previa a implantação de uma *Escola de Aperfeiçoamento de Professores*, que viria a assumir a transformação do ensino fundamental.

De acordo com Claparède o *estudo da psicologia* permitiria *conhecer a matéria-prima da educação*, ou seja do *estudante*.



Edouard Claparède (1873-1940), psicólogo, neurologista e *funcionalista genebrino*, envolveu-se na investigação da *psicologia educacional e estudos da memória*. Após completar os seus estudos, Claparède passou um ano em Paris, onde conheceu Alfred **Binet**.

As influências das teorias educacionais da primeira metade do século XX envolviam estudos de Claparède sobre os processos cognitivos. O seu trabalho científico acerca da infância levava à ideia dos estádios de desenvolvimento – que viriam a ser detalhados por Jean Piaget. Sabendo-se que cada estágio de desenvolvimento se referia a determinados processos cognitivos, o professor saberia em que classe deveria colocar os alunos.

A obra de **Jean Piaget (1896-1940)**, será uma das mais significativas da psicologia do segundo ou terceiros quartéis do século XX, como referia o **Professor Drº. Ferreira da Silva (1933-2016)**. Piaget foi levado a perguntar-se como crescem e se desenvolvem os conhecimentos. Para responder a essa questão “foi necessário criar toda uma psicologia genética da inteligência, sem par na história da psicologia. A teoria piagetiana sugere que a *inteligência da criança muda* à medida que a criança cresce e se *envolve em novas situações* que lhe suscitam interesse.

Os estádios do modelo piagetiano são **1) sensoriomotor** – do nascimento aos 18-24 meses; **2) pré-operatório** – dos 2 anos aos 7 anos; **3) operatório concreto** – dos 7 aos 11 anos; **4) operatório formal**, dos 12 em diante. O conceito *de objeto-permanente* requer a capacidade de manter na mente uma representação de algo, ou de alguém... .

O que Piaget pretendia medir nas crianças seriam *conceitos fundamentais*, como o *número*, o *tempo*; *causalidade*; *justiça*; *quantidade*. Em cada novo estágio, o pensamento da criança é qualitativamente diferente, ou seja, cada estágio envolve um tipo diferente de inteligência.

Em **1919**, enquanto trabalhava no *laboratório da Escola de Paris*, Piaget terá ficado intrigado com o facto de as crianças de *diferentes idades*, ao fazerem erros a resolver problemas, esses mesmos *erros* eram semelhantes consoante as idades – ou seja os erros das crianças com seis anos, eram similares entre si, e noutra idade a mesma coisa. Piaget referiu que o

desenvolvimento cognitivo, e a linguagem seriam *contingentes aos conhecimentos adquiridos* ao longo do desenvolvimento cognitivo. A natureza da *inteligência* seria **operatória e figurativa**.

Piaget defendia que as crianças não são “pequenos adultos – i.e., o desenvolvimento cognitivo passaria por progressivas reorganizações mentais, resultando da **maturação**, bem como das **experiências ambientais**. Estes dois fatores são nitidamente importantes, e – no entanto – muitos pais continuam a não se preocupar em proporcionar *experiências variadas aos seus filhos*.

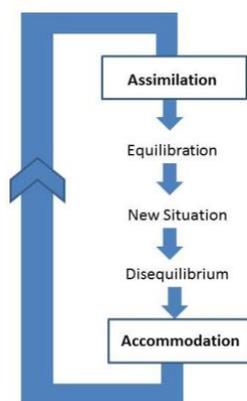
O desenvolvimento intelectual envolve *mudanças qualitativas*. Para Piaget a criança tem nitidamente *diferenças qualitativas* em relação ao adulto. O conhecimento cognitivo é uma construção ativa do sujeito que depende das suas experiências.

O desenvolvimento cognitivo não consiste numa receção passiva de informação proveniente do meio; pelo contrário, o construtivismo piagetiano *supera quer empirismo quer o inatismo*. Ou seja, é pela **exploração pessoal** que a criança se desenvolve – como quando vemos as crianças a juntar pedrinhas fazendo rodas, ou construindo linhas e verificando que o seu número não se modifica consoante a forma – e é assim que a criança aprende por si-mesma...

Para Piaget o processo de construção do conhecimento inicia-se com o desequilíbrio entre o sujeito e o objeto .i.e., a origem do conhecimento por parte do sujeito envolve dois processos complementares e por vezes simultâneos – a *assimilação* e a *acomodação*.

Acresce que o desenvolvimento cognitivo é *descontínuo* e *qualitativamente diferenciado*. Todos percorremos uma *sequência estruturalmente invariante*, de quatro estádios, sendo que essa progressão não varia, e que todos os seres humanos seguem uma previsível série de transformações.

Para Piaget o desenvolvimento cognitivo pode ser visto como uma *progressiva reorganização dos processos mentais*, como resultado da **biologia**, da **experiência**, e da **maturação biológica**. Ainda no modelo do autor, encontramos os processos de **assimilação** (i.e. novos esquemas, e **acomodação**, que implica uma revisão dos esquemas, perceções, ou novas informações incorporadas, e **equilibração**. Após algum tempo a criança passará a dominar o novo objeto assimilado e acomodado chegando ao ponto de equilíbrio, e assim a criança atinge um patamar de conhecimento mais desenvolvido.



Piaget começou por se interessar pela ciência natural numa idade precoce. Aos **11** anos, começou a sua carreira escrevendo um pequeno conto sobre um periquito albino; e continuando a estudar ciências naturais, na Universidade de Neuchâtel, fez o doutoramento em zoologia em 1918.

Piaget interessou-se ainda pela *psicanálise*, e passou um ano a trabalhar com rapazes institucionalizados. Foi professor na Universidade de Genebra entre 1929 e 1954, e tornou-se mundialmente conhecido, escreveu mais de 50 livros e centenas de artigos. Em **1919** viajou para Paris onde trabalhou no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Em co-autoria com Bärbel Inhelder escreveu vários artigos; bem como com Paul Fraise, e Rolando Garcia – que teve a cátedra de psicologia genética e epistemologia.

Ao longo dos anos **1920s**, Piaget enveredou para o trabalho psicológico, o autor casou-se em 1923, tendo três filhos que lhe serviriam de base para muitas teorias do desenvolvimento. O autor considerava-se um *epistemologista genético*.

As teorias Piagetianas continuam a ser estudadas ao longo dos anos, contribuindo para a compreensão do desenvolvimento cognitivo das crianças. O autor defende que a infância é o único e mais importante período do desenvolvimento humano.

O método clínico piagetiano para avaliar o desenvolvimento moral recorre a situações de vida real que se colocam às crianças. Em **1926** Piaget submete o seu método para estudar as representações do mundo da criança, ao longo do seu desenvolvimento.

Os conteúdos primordiais do desenvolvimento segundo Piaget serão respeitantes à *autonomia moral e intelectual*. A autonomia refere-se à capacidade de dirigir os rumos da sua própria formação; ou seja, a capacidade de se autorregular, a partir da interação com os outros.

Para Piaget não há inteligência inata, querendo dizer com isto o autor que “o sujeito constrói-se através da interação com o meio físico e social, i.e., o *desenvolvimento resulta*

também do que o meio lhe possibilita. É por isso que Piaget é considerado como um *interacionista* e não um *inatista*. A **adaptação** é um processo dinâmico e contínuo no qual a capacidade cognitiva do sujeito interage com o meio externo com vista a reconstruir-se ao longo das suas experiências. Por isso mesmo os pais que têm a sensibilidade para facultarem aos seus filhos as mais diversificadas experiências – são os que lhes desenvolvem maior flexibilidade e oportunidades.

Ao longo de décadas – nomeadamente entre os anos 1960s-1980s a teoria piagetiana dominava no campo do desenvolvimento pelo mundo fora.

Piaget tornou-se o primeiro psicólogo europeu a receber o distinto prémio da *Contribuição científica* APA pelos contributos do desenvolvimento infantil.

Quanto ao **juízo moral** da criança – publicado em 1994 – Piaget recorre a pequenas histórias e dilemas, para compreender como as crianças avaliam as regras sociais, como mentiras, roubo sanções e justiça. O juízo moral na criança é a compreensão da noção que as crianças possuem sobre as normas do seu entendimento sobre o que é justo.

A originalidade do *método clínico* referente aos dilemas foi fecunda permitindo avaliar as representações do mundo das crianças e suas explicações.

O método clínico difere dos outros métodos pois não se preocupa com padronizações rígidas, sendo que o sujeito pode ter o tempo que necessita para responder livremente, e admite questões repetidas ou reformuladas, favorecendo a compreensão do sujeito.

Ou seja não existem respostas corretas ou erradas, pois que uma resposta errada pode significar um raciocínio mental mais elaborado, enquanto uma correta pode ser fruto do acaso.

Já a *heteronomia*, (i.e. um conceito criado por Kant para denominar **a sujeição do indivíduo à vontade de terceiros, ou de uma coletividade**, opõem-se assim ao conceito de autonomia), no qual o sujeito tem livre arbítrio podendo expressar-se livremente, e assim, agir para satisfazer a própria vontade significa agir com autonomia, e ignorar a vontade dos outros, significa agir sem heteronomia. Podemos dizer que a *consciência moral evoluiu da heteronomia para a autonomia*.

Porém as regras morais são impostas de forma autoritária, por diversos adultos às crianças, sem que haja reflexão ou argumentação pelos mais novos – chamando-se de *moral da obediência* ou do dever. Em Portugal muitos pais recorrem a esse tipo de moralidade – que consideramos *arcaico*, pois que não desenvolve o raciocínio e a autonomia e a reflexão da criança.

Para **Paulo Freire** o sistema educacional impõe *excessiva heteronomia* nos seus educandos, desestimulando o desenvolvimento da capacidade de iniciativa, criatividade e emancipação. No seu livro “**Pedagogia da autonomia**” o autor acredita que os oprimidos culpam causas mágicas e míticas como o *destino*, a *sina*, a *vontade de Deus*, pela sua falta de liberdade.

Na visão de **Freire** na América Latina a heteronomia foi imposta violentamente pelos colonizadores e pela Igreja católica resultando numa cultura paternalista, acrítica sob dependência emocional dos opressores.

Freire refere ainda que a escolarização é um ambiente para superar a heteronomia pois os que incentivam o debate de ideias, e a valorização do pensamento crítico são inovadores. Não se planeia criar indivíduos egoístas, mas antes indivíduos capazes de compreender a razão das regras, rejeitando opressores, e estando aberto as mudanças.

Paulo Freire *A moral da autonomia* é construída ao longo das relações sociais da criança levando ao respeito mútuo, que auxiliam a criança a sair do seu estado egocêntrico, descentrando-se para poder questionar regras e colocar o seu ponto de vista, bem como o do ponto de vista alheio – i.e., – a reversibilidade que lhe permitirá construir regras justas, sendo que a justiça é a virtude primordial, das noções morais.

Paulo Freire foi preso e exilado durante a ditadura militar nos anos 1960s. De acordo com o biógrafo Sérgio Haddad o educador partiu para o exílio pois que era um dos maiores responsáveis pela subversão dos menos favorecidos – o que incomodaria muitos. O autor com um grupo de professores sob a sua liderança ensinou 300 adultos a ler e a escrever em menos de 40 horas em 1963. Inicialmente a experiência de **Freire** foi financiada pela Aliança para o Progresso, do governo dos EU, que acreditava que a *alfabetização era um caminho para combater o avanço do comunismo no Brasil*. Porém Freire acreditava na educação como ferramenta de transformação social, como forma de reivindicar direitos.

Ao longo dos 15 anos do seu exílio Paulo Freire passou por diversos países a convite de governos, Universidades, Igrejas e movimentos sociais.

Paulo Freire terá sido o brasileiro que mais títulos *honoris causa* recebeu pelo mundo. Foi homenageado em pelo menos 35 Universidades brasileiras e estrangeiras. Além disso mais de 350 escolas em redor do mundo têm o seu nome!

A socialização ocorre ao longo do desenvolvimento humano, sendo um processo gradual e cumulativo. A *moralidade* de crianças e jovens deve ser uma preocupação marcante. Os trabalhos de Piaget e de Kohlberg são representativos nesta temática.

Quanto a Piaget o autor preocupou-se com o aspeto do *juízo moral* definindo estádios através de entrevistas de observação de crianças em jogos de regras. Piaget concluiu que quanto

ao respeito das regras em crianças se verificavam as fases – a da anomia e heteronomia e autonomia moral. Na fase da *heteronomia moral* a criança percebe as regras como absolutas e imutáveis, as regras têm aí um carácter *místico*, como sendo divinas. Nessa fase a criança julga a ação como boa ou má não com base nas consequências dos atos, sem considerar as intenções da ação. A criança considera nessa fase que se alguém é punido é porque essa ação é *mesmo errada*. Assim se a criança deixou cair um copo e partiu deve ser punido (mesmo que fosse sem querer).

É verdade porém que em Portugal muitos pais – ignorantes – são capazes de punir uma criança por algo accidental – por exemplo por partirem um copo – como se os adultos não fizessem o mesmo e não se punem a si próprios o que leva as crianças a sentirem-se injustiçadas com toda a razão.

A expressão do *método clínico* foi usado pela primeira vez em **1896** pelo norte-americano **Witmer**, aluno de Wundt. O método clínico servia para tratar anomalias mentais, entre elas crianças com dificuldades escolares.

No caso da psicologia e do estudo do pensamento das crianças Piaget introduziu o *Método Clínico* dando-lhe um significado diferente.

O sentido de clínico em Piaget refere-se a interpelações que não são estereotipadas mas, antes problemas variados apresentados às crianças para que elas construam a sua resposta. Sendo que os estudos piagetianos se baseiam em observações detalhadas de experiências e diálogos com as crianças – ou seja – o *método clínico* ou *crítico*. Na sua origem esse método era usado em pacientes adultos, em clínicas psiquiátricas e passou a ser usado por Piaget para entrevistar crianças e estudar as estruturas psíquicas infantis. Segundo o autor, trata-se de *um método misto* já que comporta a observação, experimentação e testes ou questionários abertos. Consiste em conversar livremente com o sujeito, em vez de limitá-lo a questões padronizadas. Dessa forma, permite à criança a tomada de consciência e de formulação das suas atitudes mentais.

O interesse desse método é que se torna um instrumento dinâmico, criativo e reflexivo tanto para o experimentador, como para o entrevistado.

Conhecer o que pensa a criança implica a possibilidade de considerá-la a partir da sua perspectiva.

1º não se importar com a eventual indiferença da criança que responda sem prazer, mas apenas para se livrar da situação; **2º A fabulação** a criança inventa uma história na qual ela própria não acredita, apenas para responder alguma coisa, apenas por fabulação; **3º A crença sugerida** a – a criança responde apenas para contentar o entrevistador (dizemos que há crença sugerida). Ou seja ela responde não por si mesma mas por algo que ouviu. **4º A crença provocada** – a criança

responde baseada na sua própria reflexão, mas que pode ser influenciada pelo tipo da pergunta. 5ª Piaget chama de *crença espontânea quando* a criança não tem necessidade de refletir longamente para responder, dando antes uma resposta rápida, autêntica, fruto de reflexão anterior original. O importante não é obter respostas certas, mas antes respostas espontâneas que a própria criança possa e queira justificar. O método clínico ou crítico procura valorizar tudo o que é dito pela criança. O bom investigador terá qualidades frequentemente incompatíveis – *saber observar, deixar a criança falar, nunca interromper, nem lhe desviar a atenção*, e ao mesmo tempo saber procurar algo... .

Quando a criança passa a vivenciar *experiências com outras crianças a autonomia vai sendo construída*, tornando possível a troca de pontos de vista diversos, bem como desejos diferentes. Na relação criança-criança não há autoridade a quem obedecer, mas antes o respeito-mútuo.

Carl Rogers tornou-se psicoterapeuta nos anos **1970s** e **1980s** e podemos dizer representa o movimento humanista dos anos 1960s. como muitos outros da sua época contribuiu para o esforço da Guerra – entre outros contributos, entrevistou militares regressados das missões.

Quanto a **Carl Rogers (1902-1987)**, psicólogo humanista cuja contribuição foi muito original – opondo-se às concepções e práticas dominantes nos consultórios e nas escolas.

Também aí se tratava da pedagogia inspirada na inclusão dedicada a crianças com “Altas Capacidades”, como se diria na época. As propostas de renovação vinham desde autores teóricos russos (como Alexandre Lazursky), ou Norte-americanos como **Carl Rogers**, **Lewis Terman**, **Leta Hollingworth**, **Edouard Claparède**, e **Jean Piaget**, e ainda sob influência de Helena **Antipoff** sendo que a autora russa tinha conhecimento das ideias e trabalhos na Europa, pois que frequentara o Laboratório dirigido por Binet e Théodore Simon na Universidade de Paris, entre 1910-1914, no Instituto Jean-Jacques Rousseau em Genebra. Em **1908** a família Antipoff, passa por transformações radicais, sendo que a mãe insatisfeita com as condições de vida na Rússia decide mudar-se com as filhas para Paris; e aí rapidamente a autora envolveu-se no clima de debate intelectual na cidade, frequentando seminários na Sorbonne; e um dos seus filhos assistiu às aulas de **Pierre Janet** e de Henri Bergson no Collège de France, e ela interessou-se pela psicologia.

Antipoff dedicou os últimos anos ao trabalho com crianças sobredotadas, a quem preferia chamar de “bem dotadas”. Tornou-se uma das líderes nas áreas da psicologia e educação brasileira.

As ideias de **Carl Rogers** para a educação serão uma extensão da teoria que o autor desenvolveu como psicólogo, sendo que ele se opôs às concepções e práticas dominantes nos consultórios e escolas. Rogers é “um autor dos **anos 1960**” e como muitos outros, entre os anos 1960s-1970s quis ser terapeuta. Foi o seu trabalho com *crianças em crises* que levou o autor a trabalhar na “*Sociedade para a prevenção da crueldade para com as crianças*”. O autor foi muito popular na *prática terapêutica não diretiva*. Acreditando que os clientes – adultos ou crianças – merecem um ouvinte empático.

A recepção à sua terapia foi encarada com entusiasmo. E em 1940 – em plena **II GG**, contribuiu para o esforço da Guerra. Os métodos do autor eram flexíveis e foram adequados às crianças regressadas dos lares “adotivos” quando regressaram às suas casas (regressadas do campo onde estariam mais resguardadas dos bombardeamentos nas grandes cidades).

Em **1928**, antes de se doutorar Rogers começara a trabalhar no estado de Nova York, primeiro com crianças delinquentes e desprivilegiadas, indicadas pelos tribunais, e para o Departamento de *Estudo da criança da sociedade para a prevenção de crueldade às crianças*.

A terapia rogeriana define-se como “*não-diretiva*” ou “*centrada no cliente*”, porque que cabe ao sujeito a responsabilidade pelo seu sucesso – sendo que o terapeuta apenas facilita o processo.

Nascido no meio rural **Rogers** ficou marcado pela a ideia da natureza e pelo fenómeno do crescimento. O objetivo da sua terapia era o *crescimento pessoal* e não uma ideia estática de maturidade emocional, o que o levou o autor a aprofundar o estudo do norte-americano **John Dewey, (1859-1952)** um reformador. Para **Dewey** a história, a filosofia e as demais experiências humanas, deveriam ser reconstruídas, para o pensamento do autor o pensamento do “velho mundo” é sinônimo de tradicionalismo.

A visão de Rogers sobre os seres humanos é geralmente chama de “teoria da atualização”. De acordo com Abraham **Maslow**, Rogers é considerado como “a terceira força” na psicologia americana – sendo as outras duas forças a *psicanálise* e o *behaviorismo*. Para Rogers os seres humanos são vistos como orientados para o crescimento, movendo-se em frente e preocupados com escolhas existenciais.

De acordo com Rogers os seres humanos necessitam *satisfação pessoal* e relacionamentos próximos e íntimos com outros – tal como já vimos com outros autores (*in Três psicologias, Ideias de Freud, Skinner e Rogers*, 2000).

Fredric Skinner nasceu em 1904 ficando conhecido pelas experiências das “puzzle box”.

Após o seu doutoramento em 1931, ficou em Harvard onde permaneceu cinco anos. O primeiro



livro importante de Skinner foi o

“*The behavior of Organisms*”, de 1938. Entre outros encontramos, “*Ciência e comportamento humano*”; (1953); “*Walden Two*” 1948; “Comportamento verbal”, entre muitos outros.

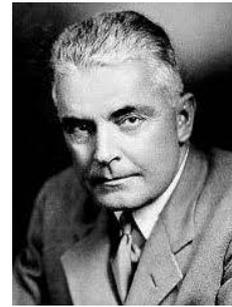


Skinner

Quanto a **J. Watson (1878-1958)**, nascido na Carolina do Sul, o seu pai bebia bastante e era violento e propenso a relações extraconjugais, sendo que a família ficou à beira da pobreza. Aos treze anos o pai fugiu com outra mulher e nunca mais regressou. Na sua infância e juventude Watson foi descrito como delinquente, e ele mesmo se referia como sendo insubordinado. Os seus professores consideravam-no muito problemático. O autor teria prometido à sua mãe que seguiria a vida clerical. No entanto em 1900 terminou o grau de Mestre.

Para Watson, o *behaviorismo é um ramo puramente experimental da ciência natural*. Acresce que o seu objetivo teórico é a *previsão* e o *controlo*. **Watson** era inteligente e *foi uma figura carismática*, o autor fez psicanálise ao longo de seis anos, após uma tentativa de suicídio. Quando a sua mulher Rosalie morreu de febre tropical Watson nunca mais foi o mesmo, e não recuperou dessa perda.

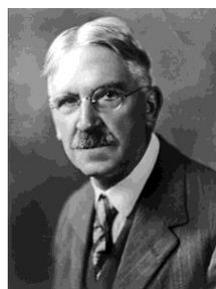
Watson queria mostrar a todos que o comportalismo tinha valor prático – no entanto não



devemos esquecer que não foi **Watson (1878-1958)**, que iniciou o estudo do *comportamento* na psicologia; mais de uma década antes do manifesto do autor, o comportamento animal já era estudado experimentalmente, nomeadamente por Edward **Thorndike (1874-1949)**.

As investigações de Thorndike já mostravam a necessidade de “experiências planeadas cuidadosamente”, que informariam corretamente acerca do comportamento animal. O modelo mecanicista leva o cientista/psicólogo a encarar o organismo como um ser reativo. Um estímulo é meramente um elemento do ambiente capaz de exercer uma variedade de funções. Desde que Skinner se doutorou em Harvard ficou movido pela expectativa de poder oferecer uma resposta para questões de ordem epistemológicas.

Também o Educador **John Dewey (1859-1952)**, foi um promotor da *reforma educativa*, referindo o autor que a educação deveria ser liberalizada. Muitos dos seguidores de Dewey defendem o modelo centrado na criança sendo que estas deverão ter um papel ativo. O filósofo defendia a democracia e a liberdade de pensamento como instrumento para a maturação emocional e intelectual das crianças.



John Dewey (1859-1952)

Como colaborador do Laboratório de Psicologia Experimental de Petersburgo, publicou estudos que desagradaram às autoridades soviéticas. Na mesma época o jornalista russo Viktor Iretsy, com o qual Helena se casara, foi perseguido por ideias consideradas nocivas; e por isso o casal exilou-se em Berlim em 1924. Voltando à Suíça foi para o Instituto Jean-Jaques Rousseau trabalhando com Édouard Claparède, publicando variados artigos.

No campo específico da pedagogia a teoria de **Dewey** inscreve-se na chamada *educação progressiva* – e um dos objetivos principais é educar a criança como um todo – o crescimento físico, emocional e intelectual. As atividades manuais criativas ganham também destaque levando as crianças a experimentar e pensar por si mesmas. Influenciado pelo empirismo Dewey criou um laboratório-escola ligado à Universidade onde ele próprio lecionava. Como outros intelectuais do seu tempo defendia o evolucionismo das ciências naturais e humanas.

Outro ponto-chave da sua teoria é a crença de que o conhecimento é construído de consensos. Assim se compreende que as escolas deverão ter um ambiente democrático, no qual não haja barreiras ao desenvolvimento.

Também em Portugal surge em Coimbra o *1º Jardim escola João de Deus* inaugurado em 1911– uma instituição particular de solidariedade Social. **João de Deus Ramos** foi contemporâneo de Decroly e de Maria Montessori – que representa em Portugal o movimento da *Escola Nova*.

Também em Portugal na Universidade de Coimbra leccionou Carlos Alberto Louro da **Fonseca**, latim que publicou vários textos e livros, como “A história da literatura”, “Sic Itur In Urben”: Iniciação ao latim”, entre outros, como “Plauto os dois menecmos”, o “Anfitrião Plauto Textos Clássicos -1”, “Plauto os Menecmos”. “Os filósofos Pré-Socráticos, entre muitos outros trabalhos. O seu jeito para o desenho permitiu-lhe elaborar as capas dos manuais que publicou ao longo dos seus estudos clássicos. Depois do 25 de Abril de 1974 houve uma restrição significativa ao estudo do Latim, sendo que essa disciplina passou a ser de opção.

Quanto a **Dewey** foi uma das primeiras figuras associada à filosofia do pragmatismo, e considerado um dos “pais” da *psicologia funcional*; e escreveu ainda tópicos variados, como *epistemologia, metafísica, arte, lógica, estética, teoria social e ética*. O autor terá publicado mais de 700 artigos em jornais e aproximadamente 40 livros.

Influenciado pelo empirismo, Dewey criou uma escola-laboratório ligada à Universidade, onde testava métodos pedagógicos. Um outro ponto-chave interessante na sua proposta era que “a aprendizagem ocorre por compartilharmos experiências, num ambiente democrático”.

A educação na visão *deweyana* é uma “uma constante reconstrução da experiência de modo a dar cada vez mais sentido, bem como a habilitar as novas gerações a responder aos desafios da sociedade.

Graças aos esforços de **Terman**, os testes seriam aplicados nas escolas públicas. Terman acreditava que os testes de inteligência eram cruciais para identificar os sujeitos mais *dotados*, que seriam escolhidos como membros privilegiados da sociedade. Porém Terman não desenvolveu sugestões educacionais específicas.

Quanto a Abraham **Maslow**, nascido em Nova York (1908-1970) ficou conhecido na história com a sua teoria da *autorrealização* do ser humano, bem como da elaboração da pirâmide de hierarquias das necessidades. O autor interessou-se pelo estudo da psicologia do sujeito saudável. Mas também fez trabalho com pessoas neuróticas. A sua infância não terá sido muito feliz, sentindo-se rejeitado pelos colegas por ser de origem judaica. Desenvolveu a “sua pirâmide de necessidades” num momento em que era já considerado um líder na psicologia humanista.

Com uma educação rigorosa foi um aluno brilhante. Começou por estudar Direito em Nova York, mas abandonou o curso e foi para psicologia doutorando-se em 1934. Nesse mesmo ano publicou a sua primeira hierarquia de necessidades, no ano seguinte – em Nova Yorke trabalhou com Alfred **Adler** que foi seu mentor. Relacionou-se com outros grandes da psicologia, como Karen Horney, Max Wertheimer, entre outros. **Karen Horney (1885-1952)** – apenas dez anos após a sua morte foi reconhecida como uma das fundadoras da *corrente humanista*.



Foi das primeiras **feministas**, e é um dos poucos nomes femininos que aparecem na história da psicanálise e da psiquiatria; foi treinada na psicanálise freudiana em Berlim. A sua infância não foi feliz sendo que a sua mãe tinha grande preferência pelo irmão – a quem Karen invejava por ser rapaz. Apesar da oposição do Pai, Karen inscreveu-se na Universidade de Berlim, onde se formou em 1913. Karen escreveu artigos técnicos variados acerca da *personalidade feminina*.

Em 1932 **Karen** foi para os Estados Unidos como diretora associada do *Instituto de Psicanálise* de Chicago. Karen *negava a posição destacada dos fatores sexuais*. Embora rejeitasse parte do sistema de Freud, aceitava a noção da *motivação inconsciente*.

Karen *partilhou a ideia de Freud de que a personalidade se desenvolve na infância e que pode mudar ao longo da vida*.

Karen defende ainda que o *ambiente que os pais proporcionam à criança* e o modo como ela reage formam a estrutura da sua personalidade. Para **Karen** se os pais não satisfazem as necessidades afetivas dos filhos, darão azo a perturbações. Karen não teve medo de confrontar Freud, propondo a sua própria teoria. A psicanalista *discordava da visão de Freud* quanto à ideia dele acerca da importância do sexo e na formação da estrutura psíquica.

Karen Horney pensava que, além da da biologia a *cultura* influenciaria decisivamente a formação da personalidade. As suas teorias alcançaram grande impacto e brilhou com a sua própria luz.

Embora **Karen Horney** tenha *sido rejeitada por diversos psicanalistas*, a autora foi a fundadora da *Associação para o Avanço da Psicanálise nos Estados Unidos*. Essa organização era frequentada por importantes autores como Erich Fromm, Harry Sullivan e **Margaret Mead**, entre outros. Considera-se que **Karen Horney** *foi a primeira a considerar a importância do afeto durante a infância*. Toda a sua teoria mostra que o sentimento de desamparo nos primeiros anos de vida marca a mente humana. Os trabalhos mais notáveis da autora serão “*A personalidade*



neurótica do nosso tempo”, e “*Neurose e maturidade*”. A autora americana antropologista cultural tornou-se conhecida por falar para grandes grupos – entre os anos 1960s e 1970s.

Refere Margaret Mead (1901-1978)

“Felizmente a análise não é a única maneira de resolver conflitos internos. A vida em si continua a ser um terapeuta muito eficaz.”

Quanto a **Wertheimer**, no Outono de **1910** o autor estava de férias viajando no comboio quando olhou para fora e viu um sinal ferroviário, que continham duas lâmpadas – uma acendia-se, e logo depois outra apagava-se – em intervalos de 60 milissegundos – e assim sucessivamente – o que na realidade se percecionava era um movimento de luz que ficou conhecido por

“*movimento aparente*”. Narra a historia que Wertheimer pensou logo nas múltiplas possibilidades de experiências com esse movimento.

Wertheimer fez parte do primeiro grupo de refugiados a fugir da Alemanha, nazista chegando a Nova Yorke em 1933, onde ficou até morrer em 1943 . Os anos nos EU foram ativos, mas ficou esgotado com o esforço de aprender uma nova língua e uma nova cultura (*in Shultz & Shultz, 1969*).

Um outro psicólogo experimental germânico-americano, **Kurt Koffka (1886-1941)**, nascido em Berlim, participou no movimento da Gestalt, embora que fosse Koffka quem promoveu a nova psicologia na Europa e nos Estados Unidos. Koffka participou de uma expedição ao Uzbequistão, com fundos da União soviética. Em 1939, foi, como professor visitante a Oxford, onde trabalhou com pacientes com danos cerebrais, no Hospital Militar.

Ao trabalhar com Max **Wertheimer**, Kurt **Koffka** e Köhler, promoveu a nova psicologia na Europa e introduziu-a nos Estados Unidos.

Em **1909** Koffka mudou-se para a Universidade de Freiburg onde trabalhou como assistente do fisiologista **Johannes von Kries**, um professor da faculdade de medicina. Depressa Oswald Külpe e Karl Marbe, foram para a Universidade de Würzburg, *o maior centro experimental de psicologia* na época. Nessa altura Koffka casou-se com Mira Klein, que tinha sido “*sujeito experimental*” do seu doutoramento. Depressa Koffka, Wertheimer e Köhler, estabeleceram as bases as bases experimentais da **Gestalt**. Essa nova abordagem rejeitava o mecanicismo psicológico do século XIX.

Em **1914** Koffka, com Robert Sommer, diretor da clínica psiquiátrica em Giessen começou a estudar as *perturbações/lesões auditivas* em pacientes com lesões. Ao longo da IGG, Koffka também trabalhou com os militares, na localização dos sons. Em **1921** Koffka, tornou-se diretor do Instituto de psicologia em Giessen.

Quanto a **Karl Abraham (1877-1925)** enveredou na prática psicanalítica para tratar com traumas sexuais em crianças



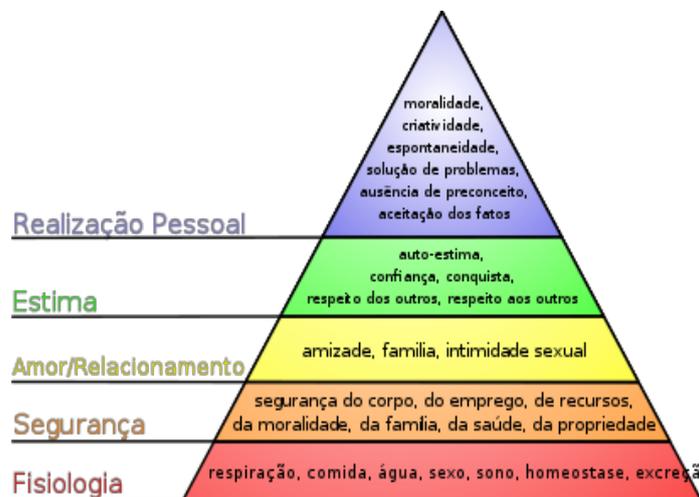
Karl Abraham (1908-1970), nasceu em Brooklyn numa família judia emigrados da Rússia. O autor descreveu a sua infância como solitária e infeliz, passando o tempo na biblioteca

imersso em livros. Foi um psicanalista alemão e um dos primeiros discípulos de Sigmund Freud, com quem manteve correspondência. Numa dada ocasião Freud referiu-se a Karl Abraham como “o meu melhor aluno”. Em 1907 Abraham instalou-se em Berlim e conheceu Freud, que o incorporou ao grupo dos seus colaboradores mais próximos. Em 1908, fundou a Sociedade Psicanalítica de Berlim que presidiu até à sua morte (*in* Wikipedia) .



Placa comemorativa na Casa de Abraham

A sua *teoria da autorrealização* propõe que todo o indivíduo tem necessidades hierárquicas que devem ser satisfeitas. Essas necessidades são *fisiológicas*, de *segurança afetivas*, de *autorrealização* e *autoestima* e devem ser resolvidas a partir da base da pirâmide e assim consegue-se avançar em direção à autorrealização. **Maslow** defendia a ideia de que o objeto da terapia deveria ser direcionado à integração do indivíduo como ser humano. Ele usou o termo *metamotivação* para definir as pessoas que exploram além das necessidades básicas para alcançarem a auto-realização.



Helena Waldimirna Antipoff nasceu em 1892 na Rússia – sendo filha do General Antipoff, e de Sofia – sua filha Sofia. Helena Antipoff veio para o Brasil em 1929 a convite do

Secretário de Educação e Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, para ser Professora de Psicologia Educacional na Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais. Fundou em Belo Horizonte o *1º Laboratório de Psicologia Aplicada na América do Sul*. Esse laboratório, sob sua direção promoveu a organização das classes nos grupos escolares de Belo Horizonte, e em diversos outros grupos do interior do Estado, de acordo com o critério do desenvolvimento mental, da idade cronológica e da escolaridade. O grande número de crianças excepcionais tornou-se patente e daí surgiram classes especiais e a criação da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais.

Já na década de **1930**, D. Helena fez ver a necessidade de criar Jardins de Infância, e chegou a fundar alguns em Minas Gerais. Com o Governador Milton Campos do Secretário da Educação Instalou-se na “A Fazenda do Rozário”.

novas oportunidades surgiram, sendo que a partir de **1940**, inaugurou a *Fazenda do Rozário*, na qual educaria crianças com deficiência, recorrendo aos métodos da *Escola Ativa*.

Mais uma vez inovadora, a educadora **Helena Antipoff**, em conjunto com Maria Luiza Almeida Cunha, escreveram em **1932** “o nível baixo nos testes de inteligência, para muitas crianças de meio social inferior e crescidas fora da escola, não prognostica absolutamente o futuro atraso nos estudos, pois nesta idade o organismo está bem plástico e o cérebro bem capaz de assimilar com rapidez os produtos da cultura intelectual. Entre **1940** e **1948** as atividades da Fazenda do Rosário foram dedicadas exclusivamente aos “excepcionais”, e a instituição passou a contemplar a educação rural e formação de professores.

Daí a autora acreditar na *educação compensatória* e na *reeducação para crianças excepcionais*.

Quanto à **história do holocausto** – não foi um acontecimento nem casual nem repentino – foi antes um *genocídio de judeus* premeditado, a comando dos nazis durante a **Segunda Guerra Mundial**.

Para os judeus ficou conhecido como *Shoá* que significa “*calamidade*”. Sendo que os Nazis realizaram ações sistemáticas de extermínio dessa etnia e o resultado foi de **6 milhões de pessoas mortas**. Durante o seu programa de extermínio, foram também perseguidos comunistas, ciganos, homossexuais, pessoas com problemas físicos e mentais, etc. Entre as práticas realizadas no Holocausto estão o fuzilamento em massa de indivíduos, a utilização dos prisioneiros como trabalhadores escravos, o aprisionamento em guetos e campos de concentração, entre outras...

O discurso do ódio eclodiu após a primeira Guerra e empolou-se após a derrota alemã. Foi importante para os sobreviventes do genocídio a recordação e narrativas do que aconteceu. E embora essas lembranças fossem terríveis, *elas não podem ser anuladas nem escamoteadas*; e daí a importância dos museus que mostram os artefactos e fotografias que confirmam os terrores prepétuados. Daí a importância das visitas aos museus com seus artefactos bem protegidos, para que não se tente negar essa, ou outras, *calamidades humanas*...



*O contributo de **Heinz Kohut** para a psicologia.*

Kohut nasceu em **1913** em Viena – na época no Império-Austro-Hungaro, numa família de classe média de meio liberal, integrada nos círculos culturais de Viena, e respeitava os costumes e rituais do judeísmo e das associações e da comunidade Judaica de Viena. A mãe, de grande beleza, estava envolvida na vida social. Em **1914** o pai foi recrutado para a armada Austro-Hungara – onde esteve durante quatro anos, e Kohut fora retirado para uma aldeia no campo – como tantas outras crianças para se protegerem dos bombardeamentos. A vida a partir daí destabilizou-se totalmente. ...



Os primeiros anos da sua vida foram de felicidade familiar, sendo a sua mulher envolvida nos círculos sociais nos anos 1200s, e interesses nas artes. Em **1914** o seu pai foi recrutado para o exército Austro-Hungaro e **Kohut**, só com *um ano* foi para o campo, longe de Viena para estar protegido. A vida sem o pai destabilizou a mãe, e as visitas intermitentes do pai que esteve *três anos na frente Rússia* deixou-lhe marcas irreparáveis. A infância de Kohut foi assim de grande solidão, sendo que só aos dez anos pode socializar com outras crianças. Em 1932 Kohut iniciou os estudos médicos aos dezanove anos. O seu desenvolvimento foi enriquecido por várias relações e conversações nos cafés de Viena. Após grandes preocupações acerca das possibilidades de terminar os seus estudos no **regime nazi** que se vivia, conseguiu formar-se *em medicina em 1938*. A sua relação com a identidade Judaica terá sido ambivalente, tanto mais que a sua mãe se inclinava para o cristianismo. **Kohut** fez a sua análise com o analista **Eichorn**. Este era uma *figura pouco usual no campo da psicanálise*, mas muito querida por todos. Nos finais de Março de **1939 Kohut** conseguiu emigrar para Chicago, onde deu aulas de psiquiatra.

Os primeiros anos de **Kohut** em Chicago, no Hospital Universitário, em 1944 levou-o à vocação da psicanálise. Para Kohut a *psicanálise* seria uma ideia que preservava a imagem de toda uma cultura de revelação da monstruosidade da sua vida emocional. Kohut falou também acerca do pós-Guerra e dos problemas psicológicos inerentes. Para o autor, o self contém duas estruturas separadas – “*o self grandioso*”, e “*o imago parental idealizado*”.

O conceito de **catarse** era popular antes de **Freud** publicar qualquer obra. Em **1880**, um ano antes de **Freud** receber o diploma de médico, um tio da sua futura esposa escreveu acerca do conceito aristotélico de catarse. Por um certo tempo a catarse era um dos temas mais discutidos nos sofisticados salões Vienenses. O movimento psicanalítico de Freud teve relações várias com a sua própria vida.

O conceito de **catarse** – do grego significa *purificação*, ou *purgação*.

Segundo Aristóteles a catarse refere-se à *purificação das almas* por meio de uma descarga emocional provocada por um trauma. Segundo a psicanálise, catarse é o experimentar da liberdade em relação a uma situação opressora, quer psicológica, como quotidianas, através de uma resolução eficaz.

Segundo os mentores do *regime nazi* que governou a Alemanha de **1933 a 1945**, estava destinado a durar mil anos! Felizmente tal não aconteceu. E mesmo assim foi a pior forma de governo de um país dito “civilizado”, e a *pior recordação que se deixou na memória universal*. Quando as tropas americanas libertaram o campo em **Maio de 1945** depararam-se com **10 mil corpos numa vala comum**.

As mulheres reduzidas aos cativeiros, eram inicialmente confinadas às instalações de Morlgem e de Lichenburg; concebido para 6 mil presas nos mais diversos pontos na Europa, viu-se a atingir **130 mil mulheres**, e **mais de 90 mil** das quais não resistiram à extrema dureza das condições.

Há mais de cem anos encontramos o mito do jovem encantado com o seu reflexo nas águas e que se apaixonou pela sua imagem refletida no lago e por não conseguir afastar-se das margens e definhou. O *conceito de narcisismo* foi descrito na psicanálise de vários modos, como preversão sexual, modelo de relação de objeto, etc. O investimento no seu próprio self não implica necessariamente desinvestimento do outro. O *conceito de perdas* no texto de **Kohut** correspondem aos acontecimentos traumáticos e situações terríveis na condição humana, bem como qualquer falha...



Kohut (1913-1981)

Ao longo desta história deparamo-nos com os múltiplos revéses que as guerras provocaram ao longo do desenvolvimento das crianças, e os traumas terríveis dos mais velhos, bem como o colapso do mundo Viennece que havia conhecido.

Anteriormente, na época (1880s) em que **Wundt** publicava o segundo volume da *Psicologia Fisiológica*, o alemão **Brentano** foi ordenado padre em 1864, mas questionou a doutrina da infalibilidade Papal, abandonando a igreja. Foi também professor em Würzburg, na Universidade de Viena, e os seus trabalhos mais significativos foram os no campo da psicologia que definia como a ciência dos fenômenos psíquicos, ou da consciência.

Brentano negava ainda a possibilidade de estudar o psiquismo em laboratório, propondo antes que fosse abordado de modo não experimental, *abandonando a introspeção como método*; pois que aos fenômenos psíquicos cabia a *percepção interna*. As ideias de **Brentano (1838-1917)** iniciaram uma psicologia que procura as propriedades da consciência por meio da experiência interna (Daniel, J. & Janja Boris, B. 2011).

A escola de Brentano teve grande sucesso ao associar a sua obra de *filosofia* aos novos desenvolvimentos da psicologia. Embora não fosse psicólogo deu aulas em Würzburg e na Universidade de Viena. Em 1864 foi ordenado padre, embora questionasse a doutrina da infabilidade papal, e veio a abandonar a Igreja. Para **Brentano** a psicologia era “*a ciência dos fenômenos psíquicos ou da consciência*”, e opunha-se à psicologia experimental e abandonou a introspeção como método.

Os alunos de Brentano vieram a fundar novos movimentos filosóficos, nomeadamente, a *fenomenologia* e novas perspectivas, como a **teoria da Gestalt**; abandonou a introspeção como método; e considerava a consciência como uma base de representações, sensações e imagens. Em 1874 foi professor na Universidade de Viena (G. Daniel & J. B. Boris, 2011).

Wertheimer refere que as Gestalten percebidas em primeiro lugar podem ser decompostas em partes, sendo então que a gestalt é anterior à existência das partes. Em 1923 Wertheimer formulou as leis básicas da percepção. O termo *Gestalt* é uma palavra alemã que não tem tradução direta na língua portuguesa; mas representa significados possíveis, i.e., *forma padrão*, ou *configuração*, ou *totalidade*. Em 1949, numa conferência **Wertheimer** explicita o que é uma gestalt “*é um todo unificado*”. Köhler no seu livro “*Gestalt Psychology*”, apresenta uma definição controversa dizendo que é “uma entidade por si mesma”.

Uma das áreas atuais na qual a Gestalt tem grande aplicação é a do *Desing*, ao procurar construir o que chamamos “formas harmoniosas”. *Seis princípios* básicos podem explicar como a percepção funciona e se organiza; são eles a “**lei da proximidade**”; “**lei da semelhança**”; “**lei da continuidade**”, “**lei do fechamento**”, e “**lei da completude**”.

Conta a história que Max **Wertheimer** em 1910 estava a viajar num comboio de Viena para a Renânia e reparou no sinal ferroviário que continha duas lâmpadas, uma que se apagava e outra que se acendia sucessivamente, sempre no mesmo modo, o que Wertheimer e os outros

viam na realidade era um movimento de luz a seguir – esta observação levou ao conceito do “*movimento aparente*”, pois na realidade o que os sujeitos viam era um movimento contínuo, (como nas luzes de Natal atuais). Entretanto foi nessa época de **1895** que os irmãos Lumière mostraram pela primeira vez o que viria a configurar uma nova arte, i.e., o cinema (Engelmann, A., 2020). Wertheimer, em 1912 terá afirmado as *Gestalten* poderiam ser decompostas em parte, embora “não obstante o facto de a *gestalt* ser anterior à existência das partes”.

Na realidade o “movimento aparente” foi descoberto mais cedo, pelo físico **Plateau** no século XIX (in A. Engelmann, 2020).

O que vemos imediatamente nas figuras são traços contínuos (no primeiro caso), e no segundo um círculo completo – pois o nosso olhar completa “*a boa forma*”.

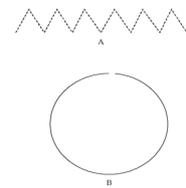


Figura 2. Visão de linha zigzagante e de círculo

Em **1906**, a Associação Americana de Psicologia nomeou Woodworth, para um comité de estudos psicométricos. Ora em **1914** surge a **Primeira grande Guerra** – que causou **10 milhões de mortos** e foi necessário escolher os militares para diversas funções, e assim proliferou o desenvolvimento *dos testes de inteligência* para seleccionar e classificar os recrutas; tendo sido um período de diversos desenvolvimentos. Porém, as *grandes vítimas nas Guerras são as crianças* que carregarão ao longo dos anos os terrores a que assistiram.

Na era do holocausto **1.5 milhões de crianças** foram assassinadas, e entre elas estariam mais de um milhão de crianças judias, dezenas de milhar de crianças ciganas, e outras tantas crianças alemãs com deficiências físicas ou mentais. Sendo que nos guetos as crianças judias muitas morriam de fome e frio.

Depois da *derrota nazi* “o mundo tomou conhecimento do importante número de mortes durante o Holocausto, sendo que poucas foram as crianças judias que sobreviveram”. Essa triste história só não foi abafada pois que muitos descreveram as terríveis vivências, escondendo os seus diários para que *não fugissem à história* que muitos pretendiam negar.

Em **1945** quando terminou a guerra **seis milhões** de judeus tinham sido assassinados, e entre eles estariam *mais de um milhão de crianças*, sendo que poucas das crianças judias sobreviveram à Guerra. Porém a história não apagou esse sofrimento pois que os relatos escritos à revelia (e bem escondidos ao longo de muitos anos) viriam a narrar a realidade que muitos queriam negar – mostrando a *importância da história* aos longos dos tempos.

Logo em seguida da Guerra **1939-1945**, e dos seus horrores, *muitas crianças* viviam em condições de grande precaridade: crianças de familiares deportados, órfãos, famílias dispersadas, etc. A situação social dramática, para uma parte da população, levou a uma multiplicação de procura de colocações das crianças que perderam os familiares e não tinham para onde ir.

A prática clínica dessa época – marcada pela psicanálise introduzida por **Édouard Pichon** com o texto “*O desenvolvimento psíquico da criança e do adolescente*”, Levou ao desenvolvimento do *primeiro centro médico-pedagógico*, em **1946**, sob influência de **Georges Mauco** e **Juliette Boutonnier**, inspirada sob o modelo dos centros de orientação infantil, desenvolvidos após os anos 1920s nos Estados-Unidos.

Quatro pioneiras – Jenny **Roudinesco**, Geneviève **Apell**, Marcelle, **Geber**, e **Miryriam David** – **todas** trabalharam na “*Fondation Parent de Rosan*”. As quatro mulheres, viveram a Guerra de formas bem diferentes, e todas elas sofreram pelo que assistiam com as crianças reféns da guerra.

Jenny **Roudinesco**, autora de origem judia destaca-se pela capacidade para mobilizar indivíduos, e meios; teve uma formação inicial de pediatria e de neurologia, apresentando a tese “*As lesões encefálicas da difteria, estudo clínico anatômico e experimental*”.

Geneviève Apell, **Marcelle Geber**, e **Myriam David**, todas as três foram recrutadas por Jenny Roudinesco para trabalharem na *Fondation Parent de Rosan*.

Em **1939**, Jenny Roudinesco foi considerada a *segunda mulher francesa que concorreu aos*



concursos dos hospitais de Paris.

Entre 1939 e 1968, foi a médica chefe dos serviços de pediatria. Roudinesco interessou-se pelo desenvolvimento das crianças pequenas, escrevendo vários artigos sobre os temas. As

colegas juntaram-se para fazerem uma viagem de trabalho aos Estados Unidos para assistirem aos colóquios internacionais de psiquiatria da criança.

As quatro pioneiras viveram a Guerra de modos bem diferentes; no entanto, todas elas sofreram bastante; *a)* Jenny Roudinesco, pela precocidade do seu interesse pela carência e capacidade para mobilizar indivíduos para ajudarem com bens; *b)* e as outras três foram recrutadas por Jenny Roudinesco, para trabalharem na *Fundação Parent de Rosan*.

Após 1940, **Dorothy Burlingham**, **Anna Freud** e **Spitz**, todos eles estavam de acordo com o fenómeno do *hospitalismo*, e da *depressão anaclítica*. Das quatro pioneiras todas viveram a Guerra de modos bem diversos.

Os anos **1950-1960**, foram fecundos em publicações sobre os *efeitos das carências afetivas, e separações* – e muitos debates contraditórios ocorreram. A separação – de que falamos aqui, trata-se da separação efetiva da mãe – ou de um seu substituto numa criança de menos de **3** anos.

Mary Ainsworth, refere que “a separação não implica necessariamente carência. Mas sem dúvida a separação é geradora de carência se a criança é colocada num meio no qual a interação com o substituto materno é insuficiente, ou se os episódios de separação são frequentes”.

James **Robertson**, colaborador de Bowlby estudou, em 1952, de modo muito rigoroso, o traumatismo consecutivo à separação de crianças entre os **6** meses aos **3** anos.

O conceito de *memórias coletivas*, espelha-se por exemplo nessas memórias que tantos queriam apagar fingindo não terem sido cometidas. Mas, como refere Gilbert Guislain (2019), a *memória coletiva é identitária* (como vemos por exemplo nos diários do Holocausto – diários e fotos escondidas à revelia, conseguindo preservar os relatos das infâmias cometidas); daí a importância dos diários e fotos para narrarem e preservarem o inenarrável.

Já na china, muito antes, por exemplo, "o período sensivelmente entre 1849 a 1949" foi considerado o *centenário da humilhação*, em 1840 face à captura pela força militar inglesa da cidade de Cantão, e assim se desenvolvem memórias coletivas.

Uma frase atribuída a **Napoleão** Bonaparte, diz “*A Historia é a versão do passado com que as pessoas decidem concordar*”; hoje, cerca de **211** anos, mais tarde a história que narramos busca-se na literatura da área académica procurando os desafios, tragédias grandes ou pequenas

descobertas que nos possam ensinar, a melhorar, ou a evitar piorar as condições humanas; ou, em termos simplistas, é a disciplina acadêmica científica que consiste na nossa memória coletiva.

Se retornar-mos à frase de Napoleão “*A história é a versão do passado*”, é triste constatar ao longo dos tempos que o *sofrimento cai sempre nos mais frágeis*.



A relevância das memórias coletivas

A *memória coletiva* assume a sua grande importância ao agregar um conjunto de pessoas num dado período relevante de acontecimentos que partilharam entre si (embora não se conheçam). Um outro exemplo de *memória coletiva*, pode ser a lembrança das músicas dos **Beatles** nos anos **1960** entre muitos jovens em diversos países. Para além de marcos, as datas são momentos para a memória, suportes imateriais que ao longo do tempo valorizam factos, lendas, pessoas físicas ou imaginárias, instituições, ...

As memórias coletivas são então constituídas por grupos sociais, a partir das memórias individuais imiscuídas em tramas interrelacionais; i.e., a memória coletiva assume-se como fator de identificação dos indivíduos com seus grupos, numa relação de seleção e reconstrução contínua, como bem nos explica Jaqueline Jesus (2014).

Para além de “*marcos*” podemos dizer que memórias são *suportes imateriais* que ao longo do tempo valorizamos, quer sejam lendas, profissões, instituições – não importa – como nos envolvemos; quer sejam positivas quer negativas todas elas são-nos relevantes, pois que se tal fosse já as teríamos *perdido*. Assim, a memória coletiva é um *fator de identificação* de grupos, como temos constatado.

Para **Halbwachs**, in Ricour, (2006), o tema da memória coletiva aproxima-se da *coesão social*, particularmente quando se invocam memórias de acontecimentos traumáticos. Maurice Halbwachs esforça-se por demonstrar como a memória coletiva – *longe de ser composta por um*

conjunto de memórias individuais – é antes o que poderemos designar como fonte coletiva de quadros sociais – i.e., *vivências partilhadas por anónimos que viveram algo em comum...* .

Outros exemplos poderão ser as memórias dos *nossos combatentes no Ultramar*; compreendendo-se que quem partilhou os mesmos acontecimentos nas Guerras, fiquem próximos uns dos outros pois que entre eles aprenderam a confiar e a protegerem-se entre si.

Também os que viveram de perto as a atrocidades do 11 de Setembro partilharam memórias entre eles, pois que os outros que *não estiveram presentes* não podem compreender da mesma forma tal barbárie. Neste momento da escrita reparo – que estamos em **27 de Janeiro**, que é precisamente dia o que representa a lembrança das *vítimas do Holocausto*. O que nos leva a voltar ao tema da **barbárie da II GG**.

Halbwachs acrescenta ainda que a bagagem de lembranças históricas da pessoa pode ser aumentada por meio de conversas ou leituras, mas essa “é uma memória tomada de empréstimo.



Na **II Guerra** a psicologia desenvolveu novos testes bem como estratégias de desmoralização dos inimigos e seleção, treinos de militares envolvidos em espionagem. Alguns psicólogos, como **Allport**, ou Otto **Klineberg**, tentaram contrariar a lógica fatalista perante a possibilidade de ocorrer uma guerra nuclear. Pois no início dos *anos 60*, a crise dos mísseis de Cuba colocaria em evidência o *perigo eminente de uma Guerra nuclear* que aniquilaria todos. Compreender-se-á assim a necessidade do desenvolvimento de uma psicologia aplicada.

O estudo das *memórias coletivas* é já antigo pois quer antropologistas, sociologistas, historiadores recorrem a elas, embora alguns considerem o termo desadequado. A memória nas culturas antigas foram sempre associadas às experiências religiosas, principalmente nas religiões judaico-cristãs (Cosentino, M. & Massimi, M., 2004 – cf. *in ResearchGate*).

No século XX surge um crescente sucesso da *psicologia aplicada*, em campos diversos, como na *clínica*, nos *testes*, e demais áreas da atividade humana, como a *social*, *escolar*, *industrial*, entre outras. Mas os chineses já em **2200. a.c** terão começado a usar testes/exames no serviço público civil!!

Porque estudar o modelo de Urie Bronfenbrenner?

Bronfenbrenner (1917-), entre outros, alertaram para os perigos do desenvolvimento de imagens diabólicas do inimigo que as pessoas tendem a criar quando se sentem ameaçadas; ora “o processo de *desumanização* do *Outro* torna-se *recíproco* nomeadamente quando as pessoas se sentem ameaçadas” – o que aconteceu nas relações entre norte-americanos e soviéticos, formando “uma imagem em espelho uns dos outros”. Em termos simples podemos dizer que o autor nos apresenta um modelo que visa representar as influências contextuais (desde as mais próximas às mais afastadas, que influenciam o desenvolvimento, e/ou comportamentos dos sujeitos; naturalmente as influências mais proximais (i.e., de *figuras significativas* serão as mais relevantes, digamos “em sujeitos *normais*”).

Ora o texto de Maria Lobo Xavier (2008), “Porque necessitamos um modelo bioecológico-transaccional, mostra, a partir do seu texto a ***importância dos contextos*** nas adversidades *versus* vantagens no desenvolvimento dos sujeitos marcaram o seu futuro, daí a importância de recuperar-mos através da *história da psicologia, ou outra*, as questões fundamentais para a sustentabilidade da vida dos variados sujeitos em contextos diversos.

Na sua sistematização inicial o modelo ecológico de **Uri Bronfenbrenner**, destacou o *papel do ambiente*, e destacou vários sistemas interrelacionados, i.e, o *microsistema*, o *mesosistema*, *macrossistema* e *exosistema*, sendo que o sistema mais próximo do ambiente do sujeito ou família são naturalmente os mais influentes (quer para “o bem”, como para o “mal”); i.e., quer para desenvolver comportamentos saudáveis, quer comportamentos perniciosos, que levarão os mais novos, ou mais frágeis a reproduzir comportamentos disfuncionais. Bronfenbrenner atribuí, maior ênfase aos *processos proximais*, também designados pelo autor, como “os motores do desenvolvimento”.

Nos textos posteriores Bronfenbrenner revisitou a sua teoria ecológica, ***atribuindo maior proeminência aos processos proximais***. Nas relações entre contextos e as características individuais. Ou seja, os contextos próximos terão maior impacto no desenvolvimento, ou comportamento dos sujeitos. Compreender-se-á que figuras significativas, terão maior impacto nos mais novos (quer “*para o bem*”, como “*para o mal*”).

Bronfenbrenner e Ceci, em 1994, sugeriram que ao longo da infância as *interações proximais* entre pais-filhos serão os mecanismos que potenciam o desenvolvimento harmonioso das crianças, mais do que os fatores contextuais (Ashiabi, G. S., & O’Neal, Keri, 2015).

Diagrama de Bronfenbrenner



Figura 1 - Teoria ecológica do desenvolvimento¹⁵

Compreender e promover a construção da paz seria uma missão que os psicólogos deverão sempre promover, referem Barbosa *et al.*, (2013), sendo que **W. James** (1842-1910), já na época uma referência, à *história da psicologia da paz* sendo o autor um pioneiro nessa luta, e ficando na história como “o primeiro psicólogo da paz”.

James no seu ensaio de 1906, “*The Moral Equivalent of War*”, surpreendeu a comunidade acadêmica ao referir-se aos “atrativos da guerra”; se à primeira vista parece estranho, depressa compreendemos o autor quando este mostra como a guerra oferece aos indivíduos oportunidades de expressar virtudes como a *lealdade*, a *honra* ou a *disciplina*. Na nossa realidade poderá parecer estranho, mas depressa percebemos o que o autor quer expressar.

A primeira **Grande Guerra**, (1914-1918) foi palco do envolvimento dos psicólogos em assuntos militares, nomeadamente no desenvolvimento dos testes de inteligência usados para *selecionar e classificar os recrutas*; sendo que esse desenvolvimento “colocou a psicologia no mapa”, como refere o interessante texto de Barbosa, Matos e Machado (2013). E como referem as autoras, é bem verdade que a história da psicologia ao serviço da guerra é tão antiga quanto a história da psicologia. Desde aí a psicologia tem também contribuído ao nível da investigação e prevenção. Referem ainda as autoras com grande sabedoria, que “compreender e promover a construção da Paz, vai além da “mera” ausência de conflito.

No final da **Segunda Guerra**, muitos foram os psicólogos que juntaram a sua voz para a prevenção da Guerra – tendo surgido um apelo nos Estados Unidos, que ficou na história como *The Psychologists Manifesto: Human Nature and the Peace*, publicado em 1945, e assinado por cerca de quatro mil psicólogos, que clamavam pela sustentabilidade da paz, e na premissa de que o potencial humano para a guerra não implicaria que a mesma fosse inevitável (Barbosa, *et al.*, 2003).

A importância *versus* crítica aos testes psicológicos foi também uma batalha para muitos, – ao passar mais de um século que se divulgaram os testes de avaliação da inteligência – ou do comportamento humano, muitas questões continuam a colocar-se. Uma das primeiras críticas que terá ficado na história será o estudo de Henry **Goddard**, nos EU no início do séc. XX. Em nota, Roazzi, *et.al.*, comentam que o estudo de Goddard, realizado com **178 imigrantes**, teria mostrado que 83% eram húngaros, 79% italianos, e os russos eram muito poucos – o que reforçaria a crença do baixo nível intelectual dos imigrantes. Segundo alguns autores, as pesquisas de Goddard tiveram um impacto significativo na *implementação de leis de restrição à imigração nos anos 1920*.

Como referem Flores-Mendoza, Elizabeth Nascimento, *et.al.*, (2002). Após muitos anos da criação dos testes de Binet (início do séc. XX), a descrença levou a críticas emotivas, ou opiniões, baseadas na desinformação. Um dos argumentos é que “os testes reforçam a inferioridade dos segmentos desfavorecidos e das minorias étnicas.” Após muitos debates em várias realidades, e novas apresentações entre as diferenças nos desempenhos cognitivos entre as raças brancas e negra, acabaria por se determinar – ao longo do tempo sabemos que as diferenças intelectuais serão determinadas também *pelas diferenças socioeconômicas*. Compreende-se assim que a disparidade no alcance académico entre crianças negras e brancas tenha vindo a diminuir ao longo dos anos, pois terão, nesta época maiores igualdades de oportunidades.

A relevância dos estudos etológicos.

Um dos grandes na história da ciência será **Konrad Lorenz** (1903-1989), um austríaco, *zoologista*, e *ornitologista*, considerado como o fundador da etologia, nos anos de 1930s. Na mesma época **Lorenz** aderiu ao partido Nazi em 1938, aceitando um cargo na Universidade, declarando: “*I’m able to say that that my whole scientific work is devoted to the ideas of the National Socialists*”.

Lorenz desenvolveu grande interesse sobre estudos dos animais, observando o seus comportamentos desde o nascimento, e fez doutoramento em zoologia. Em **1935** descreveu o processo de aprendizagem nos gansos e criou o conceito de *imprinting* – i.e., o fenómeno exibido por vários animais filhotes, principalmente pássaros, como patos e pintos, que após saírem do ovo seguem o primeiro objeto em movimento que encontrarão no ambiente (que usualmente seria a progenitora).

Lorenz foi ainda Professor na Universidade de Königsberg, e juntamente com **Tinbergern** escreveu acerca dos *padrões fixos de ação*, em **1938**. De um modo geral, os animais que vivem juntos com outros – e.g., cães, gatos, pintos, pássaros “*afeiçoam-se entre si*”.



a família dos Gansos Greylag estão predispostos a seguir o primeiro movimento de um animal, (*que seria -na natureza – a progenitora – ou noutros casos outro animal...*).

Ao longo dos estudos de Lorenz, o autor continuou a fazer observações detalhadas nos comportamentos de várias espécies animais, compilando um diário sobre os comportamentos que observava nos animais e que relatava no prestigioso *Journal für Ornithologie*, recebendo o **Grau doutoramento** de Zoologia na Universidade de Viena em **1928**, e ainda um **outro grau de zoologia** em **1933**.

Entusiasmado, **Lorenz** criou colónias de patos, ganços, e pintos, para observar os comportamentos das aves, verificando o tempo que os animais demoravam a criar a ligação “significativa” entre o animal e ele próprio – i.e., o *imprinting*, é um *período sensível* ou a idade-estádio de desenvolvimento do animal para aprender os comportamentos necessários à sobrevivência da sua espécie.

Ainda na mesma época encontramos o condicionamento operante descrito por B. F, **Skinner**. Como behaviorista, Skinner acreditava não seria necessário recorrer aos pensamentos, ou motivações para explicar os comportamentos. Pois que as causas externas e observáveis do comportamento seriam suficientes.

Em 1936 a *Sociedade Germânica para os Animais* foi fundada, e no ano seguinte **Lorenz** tornou-se coeditor da mesma, e criou um jornal de etologia. Um ano mais tarde, 1937, assumiu o cargo de *leitor* de anatomia comparada e de psicologia animal, na Universidade de Viena.

Também nos anos 1930s encontramos **Tolman (1886-1959)**, um teórico comportamentalista que incorporou novos conceitos, após estudar engenharia em Massachusetts, e que após ler os trabalhos de William James, optou pela vida acadêmica.

Após um ano em Harvard, **Tolman** foi para a Alemanha estudar a língua alemã requerida para a sua tese doutoral. Já na Alemanha, Tolman teve o seu primeiro encontro com o gestaltista Kurt **Koffka**. Tolman foi ainda presidente da divisão 1. da APA, e embora Tolman se mantivesse behaviorista, as suas ideias foram consideradas como precursoras do movimento cognitivo, que viria a ser dominante. Como behaviorista Tolman referia que as causas iniciadoras do comportamento, e o comportamento resultante, têm de ser susceptíveis de observação objetiva.

Tolman pertenceu a uma geração de behavioristas que se comprometera a corrigir os excessos da geração dos behavioristas watsonianos. Alguns comentadores consideraram a sua teoria, a “*melhor teoria* dos anos 1930s”. E se muitas das ideias de **Tolman** não resistiram ao passar do tempo, o seu trabalho não deixou de ser *influyente na psicologia na área da aprendizagem*, sendo que nas primeiras décadas do séc. XX a sua psicologia era um “hot topic”.

Ainda quanto a Tolman encontramos o conceito de *aprendizagem latente* que é uma forma de aquisição de conhecimento que ocorre sem a intermediação do condicionamento (i.e, sem a consciência do indivíduo); sendo que não depende do reforço ou punições. Esse tipo de aprendizagem ocorre por observação. Tolman e Honzik projetaram um labirinto no qual introduziram várias espécies de ratos para investigar os processos de aprendizagem latente. Para explicar os resultados da sua experiência, Tolman cunhou o termo “mapa cognitivo”. Por exemplo uma criança cujo pai leva a pé para a escola todos os dias, *sem quase se aperceber retém o percurso* e poderá – a dada altura ir sozinha.

Quanto a **Koffka, (1886-1941)**, psicólogo alemão e Professor conduziu muitos trabalhos experimentais; sendo que os seus estudos mais proeminentes foram nos campos da **Gestalt**, **memória** e da **atenção**. De reter que o movimento da Gestalt foi originário na Áustria, sendo o método de Johann Wolfgang von Goethe, crítico, cientista, novelista considerado entre outros interesses. Os princípios da Gestalt foram mais tarde aplicados em muitas outras áreas (como nas luzes que enfeitam as nossas árvores de Natal...).

Também outro alemão - **Kurt Lewin (1890-1947)**, - um *psicólogo social* ficou na história da psicologia pelos estudos de liderança, dinâmica de grupos, investigação no pensamento organizacional, entre outros tópicos.

Em 1909 Lewin entrou na Universidade de Freiburg para estudar medicina, mas logo se transferiu para Munique onde estudou biologia. Em 1933 foi para os Estados Unidos para fugir da posição política na Alemanha.

Quanto ao contributo de Erik **Erikson (1092-1994)** – que embora não tivesse diploma deu aulas em Universidades importantes, como Harvard e Berkeley ficou também na história da psicologia.

Erikson emigrou em 1933 para os Estados Unidos, onde iniciou a prática da psicanálise infantil, associando-se à faculdade de medicina de Harvard. A partir daí Erikson começou a interessar-se pelo estudo da forma como o **Ego** – ou a consciência – operam de forma criativa em indivíduos sãos. Em 1936 Erikson abandonou a Universidade de Harvard para trabalhar no Instituto de relações Humanas de Yale. E em 1938, deu início aos seus primeiros estudos sobre as influências culturais no desenvolvimento psicológico, estudando crianças índias – no “Pine Ridge Reservations.”

Foi um psicanalista responsável pelo *desenvolvimento psicossocial* – e um teórico da psicologia do desenvolvimento. Embora não tivesse um diploma de bacharelato trabalhou como Professor em instituições importantes, como em Harvard e Yale – uma investigação na *Revista of General Psychology publicada* em 2002, classificou Erikson como o 12º psicólogo mais citado no século XX. Em 1927 passou a lecionar em Viena a convite de **Anna Freud**, sob sua orientação *tornou-se ele próprio psicanalista*, embora tenha tecido críticas à psicanálise, por esta não ter em consideração as interações entre o indivíduo e o meio.

No início da carreira, **Erikson** esteve interessado no *tratamento das crianças*. Em 1933 emigrou para os Estados Unidos e naturalizou-se americano. Lecionou nas Universidades Harvard, Berkeley, e Yale. As *investigações com índios* confrontaram-no com o sentimento de desenraizamento e de ruptura que estes experienciavam entre a história do seu povo e a cultura americana. Criou a expressão de “**Crise da identidade**”. O *conceito de moratória psicossocial* – que é “um compasso de espera nos compromissos adultos – é também de sua autoria. A teoria segue uma abordagem desenvolvimental, ao longo da vida.



Um outro conceito é o *conceito de Westermarck* (ou *imprinting sexual negativo*), e que se refere às crianças que são criadas juntas, por exemplo em Israel em kibbutzim – quintas coletivas

– sendo que os jovens que cresceram juntos não se devem casar entre si (Marcinkowsk, U., Moore, F. R., & Rantala, M. J. (2013).

E embora mais recentemente, através de várias entrevistas de adultos que viveram em comunidades (Kibbutinz) se tenha vindo a verificar que a sua educação não demonstrava forçosamente a aversão sexual entre os pares.

Quanto ao naturalista **Joe Hutto** tornou-se “mãe” de perus selvagens estudando o *imprinting*, confirmando-se, mais uma vez, que pássaros e mamíferos nascem pré-programados para se ligarem à progenitora. O *imprinting* leva os animais da mesma espécie a aproximarem-se de modo a que os progenitores os protejam, até atingirem a maturidade permitindo replicarem-se.

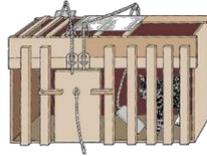


Outra pioneira na psicologia foi **Leta S. Hollingworth (1886-1939)**, no campo dos estudos sobre os testes de inteligência e no estudo de sujeitos talentosos, ficando na história como alguém que defendia a causa das raparigas e mulheres de talento. Com **16 anos** ingressou na Universidade do Nebraska, estudando *literatura* e escrita; porém a série de pequenas histórias que escreveu não foram publicadas, por ser mulher. Interessou-se ainda pela *psicologia clínica*, e os *testes mentais*. A sua infância foi difícil tendo morrido a mãe aos três anos. A escola terá sido o seu refúgio após uma série de vicissitudes familiares.

A autora trabalhou ainda no **Hospital Central de Bellevue**, trabalhando como chefe do laboratório psicológico. Nos anos 1920s, Hollingworth, passou a trabalhar com crianças sobredotadas. **Terman** acreditava que os testes intelectuais eram cruciais para identificar as crianças “*sobredotadas*”, e que essas deveriam ter mais atenção para se tornarem “grandes membros na sociedade”, mas em rigor ele não especificou quais as estratégias a seguir.

Na Universidade de Columbia **Leta Hollingworth**, interessou-se pelas questões (digamos) “feministas”, e embora as ideias de Thorndike acerca de Hollingworth (*ou melhor sobre as mulheres*) fossem controversas, Thorndike orientou o doutoramento de **Hollingworth**.

Thorndike seria circunspecto, sendo o seu “drama”, *ser considerado um génio* – e dizia-se que o seu **QI, era** considerado perto dos **200**. **Thorndike era um evangélico metodista**, mas o autor optou pela carreira académica *versus* a religiosa. A experiência mais conhecida do autor



será certamente a do gato na gaiola. Thorndike colocava um gato faminto

dentro da gaiola, com o passar do tempo o animal começava a movimentar-se de forma aleatória, tentando escapar para alcançar a comida que estava fora da gaiola. A dada altura o animal esbarrava na alavanca e abria a caixa, libertando-se. Thorndike verificou que ao longo da experiência o animal era mais rápido a abrir a gaiola. Com essa experiência o autor formulou três leis do comportamento (1) **Lei da prontidão** – desde que um organismo predisposto a estabelecer a conexão entre o estímulo e a resposta o resultado sendo agradável, surge a aprendizagem; (2) **Lei do exercício** – quanto mais vezes um ato é realizado em dada situação, mais forte se torna a associação entre o ato e a situação (3) – **Lei do efeito** – desde que os atos produzem satisfação, quando a situação ocorre novamente os atos tendem a repetir-se. Mas, na verdade o *Gato* (inicialmente) nesta experiência só poderia conseguir libertar-se por **acaso** e não de outra forma...

A escola era o refúgio de **Leta Hollingworth** face ao ambiente que se criara quando o padrasto e seus filhos estava em casa. Aos **16 anos**, a autora ingressou na Universidade do Nebraska, na qual se *graduou em 1920*, com as Honras ***Phi Beta Kappa***, em **1906**.

Em 1913, Leta **Hollingworth** aceitou uma posição provisória no Clearing-House. E em 1916 a autora completou o seu doutoramento; e no mesmo ano publicou um texto acerca do controlo social sobre as mulheres, por terem de cuidar dos filhos.

Leta **Hollingworth** ficou na história também pelas contribuições na área da *psicologia da criança*, e da *educação*. Entre 1916-1920 as suas publicações trataram essencialmente das crianças retardadas, e também das crianças com capacidades excecionais. Nos seus trabalhos, **Hollingworth** veio refutar “falsa-ideia” de que a mulher quando estava com a menstruação estaria incapacitada, mas para a autora tal devia-se a preconceitos que, mais uma vez, serviriam para limitar as atividades nas mulheres (s.d.).



Leta fez ainda parte do *movimento sufragista*, publicou dois livros, “*Gifted Children*” em 1926, e “*Children Above IQ*”. Porém quando a autora se candidatou a uma posição de professora – confrontou-se com o facto de que no distrito de Nova Yorke City’s, *não aceitavam mulheres casadas*. Foi após cooperar com um novo instrutor numa *investigação sobre da Coca-Cola* sobre o efeito da cafeína no funcionamento das funções motoras e mentais, que **Leta**, tendo cursado no *Columbia Teachers*, e, completado já um *Master em educação em 1913*, que a autora completou o Doutoramento em **1916**. Durante o tempo em que a autora esteve a trabalhar na Columbia, **Leta** trabalhou na “*Clearing House for Mental Defectives*”, no Hospital de Bellevue, tornando-se expert nos testes de inteligência.

Outra mulher – **Margaret Mahler (1897-1985)**, foi pioneira na *análise de crianças* em Viena, embora os seus trabalhos mais relevantes tenham sido nos Estados Unidos. Aos 16 anos foi para Budapeste onde iniciou os estudos médicos em 1917. Foi confrontada com a discriminação contra o *semitismo*, *bem como* por ser uma aluna estrangeira. Em 1922 mudou-se para Viena onde obteve a licença médica que lhe permitiu trabalhar com prática pediátrica privada. Mahler casou-se com um judeu e acabaram por imigrar para os Estados Unidos, tornando-se membro da Sociedade psicanalítica. Margarete Mahler não foi uma judia praticante face às experiências da sua infância e morte da sua mãe durante holocausto.

O Holocausto mobilizou a sociedade da época e o mais profundo da vida judia e da religião judaica. Antes do holocausto viviam na polónia cerca de três milhões de judeus, dos quais restaram cerca de seis mil. Nos restantes países da Europa as proporções eram semelhantes. Mais especificamente, cerca de sete milhões e meio de pessoas perderam a dignidade e a vida nos campos de concentração.

Ficou na história, na década de 1920, que um reverendo revelou a descoberta de duas crianças na Índia – que se diziam ter sido criadas por lobos, numa floresta. Depois de procurá-

las deparou-se com elas batizando-as de Kamala e Amala tendo uma 8 anos e outra 1 ano e meio. Segundo o reverendo as meninas não falavam, eram desconfiadas e apresentavam um comportamento hostil – mordendo e arranhando as pessoas e rejeitando a roupa e a comida cozida – no entanto *essa narrativa, veio a ser desmistificada como sendo falsa*. Mas outros casos foram também descobertos ao longo dos anos mostrando sim as graves *lacunas de desenvolvimento* que daí resultam para sempre.

Nos anos 1920s **Leta** interessou-se particularmente pelas questões das crianças sobredotadas; vindo a ser auxiliada por **Lewis Terman** e colaboradores. O seu primeiro grande estudo longitudinal iniciou-se em 1922, com um grupo de cinquenta crianças, entre os **sete** e os **nove** anos. A autora pesquisou ainda acerca do ambiente da família das crianças, do temperamento, das circunstâncias familiares, e de seus traços sociais.

A teoria da vinculação confirma a importância das relações humanas e suas e as consequências para o desenvolvimento de cada um. A investigação mostra que *desde o nascimento os bebés procuram uma relação com o outro*. Problemas no estabelecimento dessa ligação, nos primeiros anos de vida podem gerar padrões de comportamento desajustados, bem como dificuldades nas relações emocionais – pois quem não teve cuidados sensíveis na infância terá probabilidade de sentir, uma espécie de – desconforto, ou perda que não sabe nomear...



Mary Ainsworth (1913-1999)

A autora Canadiana Mary **Ainsworth** que se formou na Universidade de Toronto em psicologia, com honras académicas, e completou um *Master* e o doutoramento em 1939, para além *de ter ingressado no corpo militar* em 1942, fica conhecida pelas questões da vinculação. Em **1946** a autora voltou para Toronto, mas em 1950 foi para Londres. Mary também trabalhou na *Tavistock Clinic* com Bowlby, sobre investigações acerca da vinculação. Após esse trabalho, entre **1954-1955**, acompanhou o marido para o **Uganda** onde desenvolveu investigação sobre interação entre os bebés e suas mães.

Após o seu regresso aos EU, ensinou no hospital John Hopkings, avaliando as vinculações maternas; sendo que foi ela que desenvolver a famosa medida da “*Strange Situation*”, – técnica desenvolvida por **Mary**, em colaboração de Sylvia Bell; embora a situação pudesse ser controversa, é importante para compreender a qualidade da relação entre a cuidadora e bebé.

A *Situação estranha* é um *procedimento estandardizado, desenvolvido por Mary* nos anos 1970 para avaliar a segurança dos cuidados nos bebés no seu contexto.

Episódio 1. Mãe bebé e observador – 3 minutos; O observador introduz a mãe e o bebé na sala experimental e sai; 2. Mãe bebé & observador 3 minutos; a Mãe será observadora não-participante enquanto o bebé explora; se necessário brinca estimulando; 3. Um estranho entra na sala de espelho no primeiro minuto o estranho está silencioso, após dois minutos o estranho fala com a mãe, no terceiro minuto o *estranho* aproxima-se do bebé, após os três minutos a mãe ausenta-se e sai da sala; 4. É o primeiro episódio de separação; 5. A primeira reunião com a mãe conforta o bebé e tenta que ele brinque depois a mãe sai e diz adeus; 6. Segundo episódio de separação 3. *minutos ou menos*; 7. Continuação da segunda separação, o estranho entra - 3 minutos ou menos; 8, segunda reunião com a mãe e bebé o estranho sai.

Em 1950 **Mary** Salter casou-se com Leonard Ainsworth, um veterano da II GG, estudante de psicologia e mudou-se para Londres, aí iniciou-se uma colaboração frutuosa com Bowlby, psiquiatra infantil, que se interessara pelos efeitos da separação das crianças pequenas e suas mães ao longo da infância.

Em 1974 Ainsworth inscreveu-se na Universidade da Virgínia, como Professora visitante e entre 1975-1984, a autora supervisionou as investigações dos estudantes.

Foi ainda presidente da *Sociedade para a investigação de Desenvolvimento Infantil*, entre 1977-1979. E recebeu variadíssimos prémios e honras pelos seus trabalhos. Ensinou também no hospital *Universitário de Hopkins*, e mais tarde da *Universidade da Virgínia*, e esteve à frente da “*Sociedade de Investigação do Desenvolvimento da Criança*” – entre 1977 a 1979. Fez parte da *British Psychology Association*.

Ainsworth refere que nas visitas a casas de pessoas se apercebeu que o que a maioria das mães diziam acerca dos seus bebés, ou dos cuidados que tinham não era forçosamente verdade. As mães inseguras eram particularmente de desconfiar; não que fossem, conscientemente mentirosas, mas muitas estariam *defensivas*. E muitas delas acabariam por confessar que os seus bebés não tinham sido planeados.

O estudo de Mary Ainsworth (1963), sobre a vinculação investigou fatores determinantes da proximidade íntima expressa no comportamento de interação de crianças com suas mães. Após a publicação do seu estudo realizado no Uganda, houve uma colaboração intelectual entre

Ainsworth e Bowlby. Os trabalhos da autora sobre o *desenvolvimento socioemocional* durante a primeira infância é profundamente influenciado pela maneira como os *cuidadores primários* – ou substitutos – os tratam; para além de estar ligado a fatores genéticos ou temperamentais.

Podemos dizer que a teoria da vinculação é intergeracional, o papel da vinculação nos adultos quer na parentalidade como nas relações românticas ocorrem ao longo do ciclo vital, mesmo que possam mudar do estilo. Com a idade, e o desenvolvimento cognitivo, as representações sensório-motoras das experiências de base segura na infância dão origem à *representação mental*, por meio de um processo no qual a criança constrói representações cada vez mais complexas.

O termo de *modelos internos de funcionamento* associado à vinculação significa que a criança contrói um *modelo representacional interno de si mesma*. Se o *modelo é de segurança* em relação aos cuidadores permite acreditar em si própria e tornar-se independente e explorar a sua liberdade. Deste modo o sujeito pode elaborar o seu projeto interno a partir das experiências anteriores. Assim os padrões internos de da infância tenderão a replicar-se ao longo do ciclo vital.

Cortina e Marrone (2003), salientam ainda que a teoria da vinculação contempla processos normais de *desenvolvimento*, bem como a psicopatologia. Quanto ao **padrão ambivalente, (ou resistente)** é caracterizado pela criança que, antes de ser separada dos cuidadores, apresenta um comportamento imaturo para a sua idade, e pouco interesse em explorar o ambiente, voltando a sua atenção para os cuidadores.

Uma outra mulher **Louise Michelle Bombèr** uma professora e terapeuta, de crianças também trabalhando em escolas, como supervisora clínica trabalhando em escolas, desenvolveu um curso intensivo de 7 dias, acreditado pela Universidade de Brighton, sobre vinculação. As crianças com *dificuldades de vinculação*, refere Bombèr são facilmente tomadas por serem “más” ou “doidas”. No entanto, as crianças com problemas de vinculação não têm as mesmas oportunidades para se desenvolverem; pelo contrário é como se se encontrassem *presas no seu desenvolvimento*.

Um outro autor que merece relevo será B. F. **Skinner** que ficou conhecido pelas suas experiências com pombas.



1904-1990

Quanto a **Thorndike (1874-1949)** foi um dos primeiros a observar o *impacto do reforço* em experiências com gatos pelo processo de “*tentativa e erro*”, que acabavam por, após uma série de **tentativas ao acaso**, permitiam o animal sair da caixa – ficando o processo conhecido por “*lei do efeito*” – i.e., a força de uma resposta aumenta quanto ela é imediatamente seguida por satisfação (ou reforço). Por outro lado, quando as ações são seguidas de *efeitos desagradáveis* as respostas *tendem a ser enfraquecidas*.

Nas experiências de **Thorndike**, os gatos ao escapar da caixa ficavam satisfeitos, sendo que esse *comportamento era fortalecido*. O trabalho de Thorndike teve um grande efeito na investigação de Skinner sobre o condicionamento operante. Os estudos de Thorndike foram reconhecidos também por Pavlov, e outros “como a primeira aplicação deliberada do método experimental na aprendizagem do animal. “*O modelo causal mecanicista é explicado pelos acontecimentos que o antecedem e os que o determinam*”.

A **Skinner Box** – também conhecida como “câmara de condicionamento operante” era um dispositivo no qual o animal podia pressionar algo que libertava alimento ou água como forma de *reforço*. O condicionamento instrumental (ou *operante*) é um processo de aprendizagem descrito por **Skinner (1904-1990)**, professor na Universidade de Harvard.

No condicionamento *instrumental* o **reforço** ou **punição** são usados para *aumentar* ou *diminuir* a probabilidade de um comportamento ocorrer novamente no futuro. E é usado frequentemente no treinamento de animais, nomeadamente nos circos.

Skinner considerava a *liberdade de expressão uma ilusão*, e que as consequências dos atos humanos deveriam ser dependentes dos princípios do reforço, de acordo com o *seu behaviorismo radical*.

Por exemplo se um estudante é recompensado com elogios, cada vez que levanta a mão e responde, torna-se recompensado, e é mais propenso a participar novamente no futuro.

Também **Mary Cover Jones (1897-1987)**, foi pioneira na *terapia comportamental* graduando-se em 1919 com as técnicas de recondicionamento. A autora conduziu uma extensa

investigação longitudinal. Recebeu o título de “*mãe da da terapia comportamental*”. Na década de **1920**, como aluna de pós-graduação de **Watson**, Mary Jones tentava eliminar o medo em crianças, aplicando uma variedade de técnicas, como o “condicionamento direto”, e “imitação social”, em ambiente experimental, e descobriu que o medo podia ser realmente removido.



Mary Cover Jones (1897-1987)

A autora que se graduou na Universidade da Columbia descobriu que o medo podia realmente ser removido. As técnicas e descobertas de **Mary Jones** mostra que o seu trabalho *de eliminação do medo em crianças foi avançado para a época*, e que a sua lógica e metodologia continuam a ser elementos centrais da terapia de modificação do comportamento. A autora publicou dois artigos em **1924** sobre a eliminação de medos em crianças, nos quais mostrou como os medos podiam ser removidos experimentalmente. Relatou as suas descobertas sobre vários métodos de eliminação de medo em 70 crianças; *sete métodos de remoção* de respostas de medo foram testados: 1) eliminação por desuso; 2) apelo verbal; 3) repressão; 4) adaptação negativa; 5) distração; 6) condicionamento direto; 7) repressão.

O método de *eliminação por desuso* pressupunha que os medos desapareciam gradualmente caso fossem apenas deixados de lado; O *apelo verbal* incluía persuasão e falar positivamente respeito do estímulo temido; O método de repressão usava a *provocação feita por pares* para tentar remover o medo; A *adaptação negativa* assemelhava-se a uma técnica de *habituação do estímulo* temido que era repetidamente apresentado. O método de distração tentava desviar a criança para algo que não o estímulo temido, enquanto a criança se envolvia numa atividade agradável. Por fim, o método de *imitação social* usava os pares como modelo de interações desejáveis, com um estímulo eliciador. **Mary Jones** concluiu que *dois dos métodos* usados – a *imitação social* e o *condicionamento direto* seriam os métodos mais eficazes para eliminar os medos.

Nas clássicas experiências de **Pavlov** treinou-se os cães a salivar à apresentação de um som de sino, pois dava-lhe o alimento associado à comida. **Cover Jones** foi uma referência na história, ficando conhecida como “*A mãe da terapia behaviorista.*”, eliminando fobias nas crianças. O caso que mais ficou conhecido foi o de um rapaz de três anos – Peter que tinha medo de coelhos. Cover Jones só terminou a sua investigação longitudinal aos 83 anos em 1980. A autora contribuiu para a história com 100 ou mais publicações.

Mais recentemente encontramos **Mary Rothbarth**, que nasceu em 1940, e foi professora de psicologia na Universidade do Oregon, ficando conhecida pelas investigações acerca do *temperamento*, *desenvolvimento social*, e *desenvolvimento da atenção*. Criou ainda um programa educativo “*Birth to Three*”, acerca da educação parental.

Rothbarth publicou ainda 159 artigos relacionados com a psicologia do desenvolvimento. Segundo Rothbarth e Putman (2002), as diferenças individuais do temperamento são a expressão mais precoce da personalidade, e o substrato a partir do qual ela se desenvolve.

Para Rothbart e Bates a personalidade apresenta muitos outros componentes além do temperamento, como a capacidade de pensar, habilidades, hábitos, valores, crenças substrato afetivo, moral, habilidade social, defesas, e padrões de pensamento.

De acordo com um estudo de revisão de Klein e Linhares (2007), podem identificar-se três abordagens teóricas principais no estudo do temperamento.

A abordagem de **Thomas e Chess**, (*Estudo Longitudinal de Nova Iorque – 1963*) – sendo que esta trata as três categorias de (1) “*temperamento fácil*”; (2), “*temperamento difícil*” (3), e (4) “*temperamento lento a reagir*”. Sendo que o **temperamento fácil** é caracterizado pela regularidade nas funções biológicas e respostas de aproximação positiva a estímulos novos, alta adaptabilidade a mudanças e intensidade de humor leve a moderado, preponderantemente positivo.

O **temperamento difícil** (neste modelo de Chess), apresenta sinais de irregularidade nas funções biológicas, respostas de retraimento negativo a novos estímulos, desadaptação ou adaptação lenta a mudanças e expressões de humor intensas que são frequentemente negativas.

O terceiro tipo de temperamento – neste mesmo **modelo de Chess** – **temperamento Lento** – refere-se ao terceiro tipo que mostra-se que os sujeitos são lentos a reagir e serão crianças

caracterizadas por combinações de respostas negativas a estímulos novos, com *adaptabilidade lenta*.

Uma apreciação crítica realizada por Rothbart, Ellis, *et al.*, sugere que as dimensões do modelo de **Thomas e Chess** foram desenvolvidos apenas com *objetivos clínicos*.

Já o questionário de temperamento para crianças entre os 3 e os 7 anos (CBQ-*Children's, de Mary Rothbart* o *Behavior Questionnaire*) avalia 15 características temperamentais, sendo elas (1) *antecipação positiva/sorriso/riso* (2); (3) *vergonha/desconforto*; (4) *medo/frustração*; (5) *antecipação positiva*; (6), *desconforto*; (8) *controlo inibido*; (9); (10), *extroversão*, (11) *nível de atividade*; (12), *impulsividade*; (13) *Medo, raiva tristeza*; (13) *baixa intensidade de prazer*; (14) *baixa sensibilidade perceptiva*; (15) *sorriso/gargalhadas*.

O fator de controlo de esforço foi assim denominado porque os traços têm em comum a regulação voluntária e intencional da criança, sobre o seu comportamento. Ou seja, a criança apresenta a capacidade de inibir uma resposta dominante – sendo esse um fator do desenvolvimento do sistema da atenção executiva, que começará no final do primeiro ano de vida, de acordo com Rothbart; neste modelo um estudo de Linhares *et.al*, as amostras foram dos estudos de crianças norte-americanas (48%) e europeias (32%), avaliadas nos primeiros três anos de idade, sendo as mães as principais informantes. Os resultados mostraram, por um lado a relação entre temperamento e características do comportamento ou personalidade e foi encontrada em quatro estudos. Os restantes estudos mostraram associação entre temperamento e transtornos/síndromes, contextos familiares/escolar, ou nível socioeconómico /imigração.

O modelo do temperamento de **Rothbarth**, apresenta diferenças individuais com base *constitucional* na *reatividade*, *autorregulação*, nos *domínios do afeto, atenção e atividade* (in, Linhares *et al.* 2013).

Ora, a autora refere ainda que o termo “*constitucional*”, refere-se às bases biológicas do temperamento, sendo que são subjacentes à *hereditariedade*, *maturação*, e *experiência*. A *reatividade* refere-se às características da responsividade *individual*, e a mudanças de estimulação. Além disso o temperamento possui três grandes fatores – o *afeto positivo*, a *extroversão* e o *controlo com esforço*. Acresce que o temperamento é determinado por influências genéticas bem como as influências das experiências. Rothbarth considera que o temperamento deve ser encarado como um sistema aberto, sujeito às influências do meio. A autora defende ainda que o papel dos cuidadores é particularmente importante para o desenvolvimento do temperamento.

Em Portugal o envolvimento nos testes psicológicos foi despertado pelas necessidades no âmbito profissional e académico. E contrariando muitos outros países europeus o nosso ensino Universitário da psicologia, surgiu tardiamente, como referem **Leandro de Almeida**, Alexandra **Araújo**, e António M. **Diniz**. *et al.* (2013), ao invés dos do que se encontrava noutros países europeus, e assim “o ensino universitário da psicologia surge também tardiamente em Portugal.”

Com efeito a graduação em Psicologia nas Universidades Públicas iniciou-se apenas após a revolução de **1974**. Porém, já anteriormente em **1962** surgiu o ISPA, uma fundação oriunda de congregações de ordens religiosas católicas – designada de Instituto de Ciências Psico-Pedagógicas – que, em 1964 se viria designar-se (ISPA), sob a divisa “Ousar saber”.

Em Portugal encontramos ainda **Alves dos Santos** (1866-1924), pioneiro no estudo da psicologia em Portugal. A obra “Psicologia Experimental e Pedologia”, publicada em 1923, foi considerada um marco na história da psicologia portuguesa. Foi com a extinção da faculdade de Teologia que o autor foi colocado na **Faculdade de Letras de Coimbra** como professor. O autor visitou as Universidades de Genebra, e de Paris onde adquiriu livros e *equipamento laboratorial* para fundar e organizar o *laboratório de psicologia experimental* que se terá iniciado em **1913**, sendo esse o *primeiro laboratório de psicologia experimental em Portugal*. Doutorou-se na Universidade de Teologia em Braga em 1890. Alves dos Santos rejeita a noção de que a memória é uma mera faculdade para reter ideias; ao invés, refere o autor que que “não há uma memória, mas “um feixe de memórias”.

Os aparelhos do laboratório fundado por **Alves dos Santos**, e outros instrumentos encontram-se atualmente no Laboratório de Psicologia Experimental na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Também o conimbricense **Sílvio Lima** (1904-1993), foi professor universitário, investigador nas áreas da *ciência da educação*, e da *psicologia*, sendo considerado um dos introdutores destas áreas em Portugal, tal como Alves dos Santos e foi também um dos introdutores da moderna psicologia portuguesa. Em maio de **1935** Sílvio Lima foi afastado por ser considerado opositor do *Estado-Novo*. A sua tese tratando da problemática filosófica e ética da contemporaneidade à luz do pensamento do poeta Jean-Marie Guyau, foi escrita em França onde frequentara cursos de férias nas Universidades de Toulouse e Paris. Quando enveredou na carreira académica *Sílvio Lima procurou orientação nas escolas francófonas*, estagiando na Sorbonne e no Instituto Católico, onde estudou a problemática do inconsciente. De seguida segue para Genebra, frequentado o Instituto Jean-Jacques Rousseau, com Helène Antipoff, num seminário sob orientação do psicólogo Edouard Claparède. Após essas experiências – isolado no estrangeiro– realizou a sua dissertação doutoral com o tema “O

problema da recongnição”, em **1929**, na nossa sala dos Capelos. Em 1935 publica, para o seu concurso ao lugar de Professor extraordinário efetivo na Universidade de Coimbra, o estudo “amor místico – noção e valor da experiência Religiosa.” Nesse mesmo ano, e na sequência da operação de *repressão da intelectualidade universitária*, que levou ao encerramento da Imprensa da Universidade de Coimbra, Sílvio Lima foi demitido do seu lugar de Professor e considerado inapto para a docência!! Dedicou-se então à escrita e colabora em inúmeras publicações. A situação de exclusão manteve-se até **1942**, ano em que foi readmitido como “um dos tolerados do regime” reassumindo a regência da sua anterior disciplina. Ficou na história como um Professor de raras qualidades pedagógicas.



Em **1942** nasce **John Gottman**, *psicólogo clínico*, um judeu ortodoxo que desenvolveu o seu trabalho a ajudar a *estabilização marital*. Gottman foi também Professor emérito de Psicologia na Universidade de Washinton. E em 2007, foi considerado um dos mais influêntes terapeutas da área da estabilização/reabilitação matrimonial. Um dos princípios de Gottman é que o amor não sobrevive ao desprezo, e precisa de atenção, reparação das mágoas e também de humor...

Quanto ao “trauma e memória”, na história de autores judeus da psicologia que viveram na Europa no período da Segunda Guerra Mundial/Holocausto não pode ser esquecido para que não se reproduza nunca mais – embora saibamos que outras tragédias virão pois que o homem é imprevisível e incauto.

O trauma psicológico tem merecido grande atenção em diversas disciplinas. Entre outros e muitos outros anónimos – os que vivenciam, ou vivenciaram *situações limites e traumáticas*, como autores como **ViKtor Frankl**, **Kurt Levin**, e Bruno **Betthelheim**, todos eles vítimas dos campos de concentração nazis; compreende-se que *o trauma psíquico mereça atenção na história da psicologia*.

O trauma psicológico ocorre pelo impacto crítico extremo por um stressor no funcionamento psicológico ou biológico. E ainda podemos dizer que o *trauma psíquico é algo que inflige dano à psique, e é quase sempre de natureza duradoura*.

Jaspers diria que a repercussão do acontecimento traumático na vida do indivíduo leva à *repetição e soma* das vivências que ocorreram anteriormente – *como se, se quisessem alterar o passado como se, e esse não tivesse ocorrido* – e assim fica pendente ao longo da vida... .

Cerca de **sete milhões e meio de pessoas perderam a dignidade e a vida nos campos de concentração**.

Na Segunda Guerra Mundial estima-se que tenham sido mortos entre “**5.1** e seis milhões” da população judaica, ou seja 60% do seu povo.

Também o sociólogo francês, **Maurice Halbwachs (1877-1945)**, judeu e sociólogo durkeimiano (1877-1945), foi autor do livro “**A memória coletiva**”. Como sociólogo Halbwachs traduziu o trabalho de Durkheim. E o autor refere com sabedoria que a permanência da ligação afetiva a uma comunidade dá consistência às lembranças. Já no *desapego* não há reconhecimento, e por isso não há lembrança.

“Se nossa impressão pode apoiar-se não apenas sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, a confiança na extidão da nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse não pela mesma pessoa mas por várias.”

Freud (1856-1939), terá dito a propósito do povo judeu, espalhado por toda a parte – que esse povo foi quem prestou mais serviços às civilizações.

O pai de Freud era autoritário e mais velho vinte anos que a esposa um comerciante de lãs mal sucedido. Freud sentia medo e amor pelo pai. A sua mãe era protetora e ele tinha por ela uma ligação apaixonada. O medo do pai e a ligação com a mãe formam o que Freud veio a denominar o **complexo de Édipo**. Os encontros e desencontros com a religião judaica tiveram um impacto profundo na vida pessoal de Freud, influenciado também, nem sempre de maneira explícita, os percursos que o levaram a sua maior criação, a psicanálise. Se por um lado empregou muitos esforços em não deixar a psicanálise associada à imagem de uma ciência judia – ao tentar, por exemplo confiar a Jung a sua sucessão – por outro lado, ele mesmo confessa, em algumas correspondências certo orgulho do facto de ela brotar do espírito de um judeu (in Freud e o Judaísmo: luto, trauma e transmissão Kveller).

Quanto a **Halbwachs** dedicou-se a *temas como o suicídio* ou a vida de trabalhadores numa vila operária alemã, procurando assim a formação da consciência social. Aprofundou o

estudo da memória, principalmente em três eixos “Quadros sociais da memória”; “Topografia legendária dos Evangelhos na Terra Santa (1941), e “A memória coletiva” que foi já uma publicação póstuma. Para o autor *o indivíduo que lembra* é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência.

Nas palavras de **Freud** o **trauma** seria “uma brecha na barreira protetora contra a estimulação, originando sentimentos avassaladores de impotência, i.e., levando a sentimentos de quebra da auto-regulação. O **ego** representa o que *designamos de razão* ou racionalidade, em contraste com as paixões cegas e insistentes do **id** – **Freud** denominava o **ego** de **ich**, traduzido como **eu**. O **id** tem exigências impensadas, que não têm em consideração a realidade. O **ego** serve para ajudar, e não para atrapalhar o **id**, estando empenhado em proporcionar-lhe satisfação. O **superego** desenvolve-se cedo na infância, quando as regras são assimiladas e ensinadas pelos pais, mediante um sistema de recompensas e punições. Podemos dizer que o **superego** representa “todas as restrições morais” – terá afirmado Freud, e é assim o “defensor de um impulso à perfeição”. Ao contrário do **ego** o **superego** não tenta apenas adiar os anseios do **id**; mas tenta inibi-lo por completo.

Um *investigador freudiano comparou o inconsciente como uma prisão* de segurança máxima na qual as pulsões do **id** seriam como presidiários anti-sociais.

Sempre que o **ego** é pressionado demasiadamente, ocorre a **ansiedade**. *A ansiedade funciona como uma advertência de que o ego está a ser ameaçado*. A ansiedade é uma força indutora de tensão.



que acompanhado de emoções intensas, e os seus efeitos são maiores em situações de esgotamento, quando o sistema nervoso está fragilizado por doenças, ou *fatores de vida*. Poder-se-á dizer que o **trauma** é aquilo contra o que o indivíduo não consegue reorganizar sendo que se refugia em defesas primitivas, mesmo que os factos da perturbação já tenham desaparecido.

Mas não é apenas a nível individual que podemos falar de trauma; com efeito – como já recordamos – a Segunda Guerra Mundial marcou muitas famílias judias ou não judias. Por exemplo, antes do Holocausto viviam na Polónia cerca de três milhões de judeus, dos quais terão sobrevivido cerca de seis mil. E nos outros países da Europa as proporções de mortes de *judeus, negros, homossexuais, e portadores de doença mental* sofreram indignidades que só um louco se lembraria de cometer.

Como referem Milena Cosentino e Marina Massimi (2012), os traumas na vida dos judeus que viveram na Europa ao longo da II. GG. ganha atenção por parte de várias disciplinas; já o trauma social pode trazer consequências para toda uma sociedade, ou um povo. E a história dos judeus tem sido marcada por guerras, perseguições e disputas.

Referências:

1. About Heinz Kohut. *Israel Assotiation for Self Psycology and the Study os Subjectivity*.
2. Alsop-Shields, & Mohay (2001). John Bowlby and James Robertson: Theorists, and scientists and crusaders for improvements in the care of children in hospital. *Journal of advance nursing*, Jul.,35 (1):50-8. Doi 10.10446/j.1365-2648.2001.01821x
3. Ashiabi, S. G. & O’Neal, K. (2015). *Child social development in context: An examination of some propositions in Bronfenbrenner’s bioecological theory*. Sage, doi:10.1177/2158244015590840
4. Araujo, S. F. (2009). *Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos*. Temas em Psicologia, Vol. 17, nº1, pp. 9-14 ISSN 1413-389X
5. Araujo, S. de F. (2009). *Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt*. Scientiae Studia, São Paulo. Vol. 7 nº2, pp. 209-2020.
6. Antipoff, C. A. (2017). A Escola EDUC – centro de educação criadora: Uma proposta pedagógica humanista e ecológica no contexto das transformações da educação contemporânea. Tese Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão social – Faculdade de Educação -da Universidade de Minas-Gerais.

7. Barbosa, M., Matos, R., & Machado, C. (2013). *Psicologia da Paz*, Vol.27, nº1, pp.47-61. ISSN 0874-2049.
8. Barash, J. K. (2006), *Qu'est que la mémoire collective?* Réflexions sur l'interprétation de la mémoire chez Paul Ricoer. *Revue de Métaphysique de Morale*, nº 50., pp 185-195
9. Baratay, E., (2012). Pour une histoire éthologique et une éthologie historique. *Études Rurales*. doi:10.4000/etudesrurales.9596
10. Bettelheim, B. (1991). *Viena de Freud e outros ensaios*, Bertrand Editora.
11. Binet (1905). *New methods for the diagnosis of the intellectual level of subnormals*. *L'Année Psychologique*, 12, pp.191-244, Tradução por Elizabeth em 1916.
12. Barreto, C. L. T. & Morato, H. T. P. (2008). *A dispersão do pensamento psicológico*. *Boletim de Psicologia*, Vol. LVIII, nº129, pp.147-160. Borch-jacobsen, M. (2011). *Os Pacientes de Freud - destinos*, Edições texto&grafia
13. Barreto, C. L. T. & Morato, H. T. P. (2008). *A dispersão do pensamento psicológico*. *Boletim de Psicologia*, Vol. LVIII, nº129, pp.147-160.
14. Bombèr, Luise M. (2007). *Inside I'm Hurting*, Worth Publishing.
15. Boris, G. D. J. (2011). A (pouco conhecida) contribuição de Brentano para as psicoterapias humanistas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XVII(2), pp.193-197.
16. Bueno, D. S. (2002). *O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras. Tomo II - Melanie Klein Uma mulher, uma psicanalista*. *Revista Latino-americana*, Vol.VII, 3, pp. 171-175. *Psicopatologia Fundamental*.
17. Cambaúva, L. C. da Silva, & Ferreira, W. & Ferreira, W. (1998). *Reflexões sobre o estudo da história da psicologia*. *Estudos de Psicologia*, 3(2), pp.207-227
18. Campos, R. H F. (2003). *Estudos Avançados, 17. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação.- Acervo Antipoff*.
19. Carone, A. Medina (2012). *A comunicação preliminar entre Breuer e Freud: uma tradução comentada*. *Pandaemonio Germanicum*, Vol.15, nº20, São Paulo, doi: 10.1590/S1982-8837201000200010
20. Carvalho, A. L. , & Waizbort, R. (2012). Os mártires de Bernard: a sensibilidade do animal experimental como dilema ético do darwinismo. Na Inglaterra vitoriana. *Scientiae Studia: São Paulo*, Vol. 10 nº2, pp. 355-400.
21. Cassiano, G. M. R. (2013). *Avaliação do temperamento em crianças: metodologia combinada de heterorrelato e observação do comportamento em situação de interação*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências, Área psicologia.

22. Chavot, P. (1994). Histoire de l'éthologie. Recherches sur de développement des sciences du comportement en Allemagne, Grande-Bretagne et France, de 1930 à nos jours. *Histoire des sciences* (Tese - disponível in Researchgate.net).
23. Cherry, K., & Lacy, J. (2020). Biography of Psychologist John Bowlby. The founder of Attachment Theory. *History And Biography* Del Cont, V. (2008). Francis Galton: Eugenia e hereditariedade *Scieniae Studia*, Vol.6, nº2, pp.201-2018.
24. Cherry, K. & Lacy, J. (2020). Mary Ainsworth and Child Psychology. *VeryWellmind*.
25. Cherry, K., & Swaim, E. (2020). The Skinner Box or Operant conditioning chamber.
26. Carvalho, L. F, Pianowski, G., Reis, A. M., & Silva. *Personalidade: O panorama nacional sob o foco das definições internacionais*. Psicologia R. G. C. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, Vol. 23, nº1 pp.123-146, jan. (2017).
27. Cicciola, E. (2008). *Alfred Binet and the first "mesures" of intelligence*. Physis Rivista Internazionale di Storia della Scienza
28. Cosentino, M. C. & Massimi, M. (2012). A experiência de autores judeus da psicologia sobreviventes do holocausto, *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, doi: 10.12977/epp.8236.
29. Dalbem., J. X, & Dell'Aglio (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Vol. 57, nº1, pp.12-24.
30. Daniel, J. G. & Boris, J. B. (2011). *A (pouco conhecida) contribuição de Brentano para as psicoterapias humanistas*. Revista da Abordagem Gestáltica. Vol.XVII,(2), pp.193-197.
31. Dalgalarondo, A. M. R. O. (2004). O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria. História da Psiquiatria, ano VII, nº1, Março. *Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental*, VII, 1, pp. 128-141.
32. *Darwin Correspondence Project* doi: 10.1093/ref:odnb/7176
33. Dorothea Dix, *Wikipedia* A enciclopédia livre.
34. Dugravier, R. & Guédény, A. (2006). Contribution de quatre pionniers à l'étude de la carance de soins maternels. *La Psychiatrie de l'enfant*, Vol. 49, pp. 405-442.
35. Epstein, A. (2005). "Between Tragic and Compassion", por Ra'anana Kulka, na introductory essay to the hebrew translation of **How Does Analysis Cure**, Tel Aviv (texto traduzido para inglês, por Asher Epstein).
36. Engelmann, A. (2002). A psicologia da gestalt e a ciência empírica contemporânea, *Psicologia: Teoria e prática*, Vol.18, nº1, pp.001-016. doi:10.1590/S0102-37722002000100002

37. Facchinetti, C. (2008). Philippe Pinel e os primórdios da Medicina mental *Rev. Latinoam Psicopot. Fund.*, São Paulo, Vol. 11, nº3, pp. 502-505, Setembro. doi: 10.1590/S1415-47142008000300014
38. Flaherty, C. & Sadler Lois, S. (2011). A review of attachment Theory in the context of adolescente parenting, *Vol.25(2)*, pp.114-121 doi: 10.1016/j.pedhc
39. Ferrari, M. (2008). John Dewey, o pensador que pôs a prática em foco.
40. Flores-Mendoza, Nascimento, E., & Castilho, A. V. (2002). A Crítica desinformada aos testes de inteligência, *Revista Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, Vol. 19,nº2*, pp.17-36.
41. Ferreira, L. A.A. (2011). *O múltiplo surgimento da psicologia*. In Jacó-Vilela, et, al., *Rumos e percursos*. Nau Editora
42. Filho, J. Almeida, Fortes; Queirós, P. J., Fortes, F.L. da S., et al. (2015). *Trajetória histórica da reforma psiquiátrica em Portugal e no Brasil*. *Revista de Enfermagem Referência. Vol.IV*, nº4 Coimbra Fev.doi. 10.1270
43. Fini, L. D. T. (1991). *Desenvolvimento moral: De Piaget a Kholberg*. Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação, UNICAMPO. Perspetiva; CED Florianópolis, 9(16):pp.58-78, Jan/Dez.
44. Figueiredo, L. C. (2006), *Prefácio* Fiscina, Luciano (2008). *A proposta de psicologia de Edward B. Titchener - Um caso polêmico na história da psicologia: Restabelecendo seu lugar na historiografia contemporânea*. Mestrado em Psicologia - Universidade Pontifícia Católica de São Paulo. Sob orientação do Prof. Doutor Carvalho da Silva.
45. Forsdyke, D. R. (2020). *Revisiting George Romanes' "Physiological selection"*. *Biological Theory, Vol. 15*,pp.143-149. doi:10.1007/s13752-02000354-7
46. Indursky, A. & Kvller, D., *Freud e o judaísmo: luto trauma e transmissão* Doi: 10.1590/0103-656420160119
47. Fulgencio, L. (2002). A compreensão freudiana da histeria como uma reformulação especulativa das patologias. *Revista Latinoam Fundamental, Vol. 4*, pp.30-44.
48. Furlan, R. (2008). La Cuestión del método em la psicologia. *Psicologia em Estudo, Maringá, Vol.13, nº1*, pp.25-33, jan./mar.
49. Gantt, H. W. (2021). Ivan Pavlov. Russian physiologist, *Britannica*.
50. Gauer, W, .B. & Souza, M. L. (2007). *Desenvolvimentos da psicologia experimental, manuscrito para fins de ensino*. Goodwin, James (2005). *História da Psicologia Moderna*. Editora Cultrix: São Paulo.
51. Goodwin , C. J. (2005). *História da Psicologia Moderna*. ed. Cultrix.

52. Gorday, Peter. J. (2000). The Self Psychology of Heinz Kohut: What's it all about Theologically? *Pastoral Psychology*, Vol. 48, N°6.
53. Hall, K. & Brosnan, S. (2017). *Comparative Psychology*: Oxford Bibliographies. doi:10.93/OBO/9780199828340-0176
54. Indursky, Conte, & Kveller. Universidade de Porto Alegre.
55. Guberman, S. (2017), Gestalt theory rearranged: Back to Wertheimer, *Frontiers in Psychology*. doi: 10.3389/fpsyg.
56. História da Psicanálise: Quem foi Anna O.? *Diálogo de Psicologia* (2019).
57. Hirst, W. & Manier, D. (2008). *Towards a psychology of collective memory*. *Memory*, 16(3), pp.183-200. doi: 10.1080/09658210701811912
58. Jacó-Vilela, A. M., & Ferreira, Leal A. A. (2011). *História da psicologia rumos e percursos*. Nau Editora. Landen, Simone Wanderley (2012). *Estruturalismo* (slides).
59. James, C. & Goodwin, (2005). *História da psicologia moderna* Ed. Cultrix.
60. Jones, Mary Cover, s.d., *National Women's History Museum*.
61. Jesuíno, J. C. (1994). *O que é a Psicologia*, Difusão Cultural.
62. Jesus, J. G. (2014). Oliveira Silveira na UNB: Memória coletiva e políticas de inclusão racial. *Revista da ABPN*, vol. 7, n°15, pp.4-24.
63. Linhares, M. B. M., Dualibe; A. L., & Cassiano; R. G. M. (2013). *Psicologia em Estudo*, Maringá, Vol. 18, n° 4, pp.633-645, out/dez.
64. Kibria, A. A. & Metcalfe, N. (2016). A biography of William Tuke (1732-1822): Founder of de modern mental asylum. *Journal of Medical Biography* doi:10.1177/0967772014533059
65. Kinnouchi, R. R. (2006). Darwinismo em James: A função da consciência na evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 22, n°3, pp.355-362.
66. Kinouchi, R. R. (2009). *Tão perto, tão distante: William James e a psicologia contemporânea*. Sientiae Studia, São Paulo.
67. Kreger, L. (sd), Social and emotional education of gifted: the discoveries of Leta Hollingworth, *Roeper Review*, Março, 90, Vol. 12, n°3, pp.171-78.
68. Lima, P. N. V. & Rodrigues, V. W. (2017). Binet e o ensino e a aprendizagem da aritmética nos primeiros anos escolares: O que quer ensinar, quando ensinar. *Atos de Pesquisa em Educação*. Vol. 12, n°2, pp. 346-362. doi:10.7867/1809-0354.
69. Luzes, O. (1978). Sobre a vida e obra de Melanie Klein. *Análise Psicológica* Vol.1,n° 4. pp.65-70.

70. Linhares M. B. M., Dualibe, A. L, & Cassiano(2013). Temperamento de crianças na abordagem de Rothbart: Estudos de revisão sistemática. *Psicologia em Estudo, Maringá, Vol.18*, n°4, pp.633-645 out./dez.
71. Macedo, C. C. Q.(2014). A frenologia e a temática do crime no *Institut Historique de France*. Durante a Monarquia de Julho (1830-1848). Ephis I Encontro de Pesquisas históricas, 27 a 29 Maio. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre.
72. Machado, S. B. (2009). Foucault: a loucura como figura histórica e sua delimitação nas práticas psicanalíticas. *Ágora* (Rio de Janeiro, Vol. XII, n°2, pp.217-228.
73. Malson, L. (1964). *As crianças selvagens. Mito e realidade*. Livraria Civilização.
74. Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: Retorno às origens. *Psicologia, Educação e Cultura*, Vol. XIII (1), pp. 139-156.
75. McLeod, S. (2020). Piaget's theory and stages of cognitive development. *Simply Psychology*.
76. Mary D. Salter Ainsworth: tribute and portrait. *Psychoanalytic Inquire*. doi:10.1080/0735169990534273.
77. Mary Ainsworth, (2006). Mary Ainsworth, 1913-1999, doi: 10.1080/14616739900134241
78. Mandler, G. (2011). *A History of modern experimental Psychology from James and Wundt to cognitive Science*. A Bradford Book MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
79. Marcinkowsa, U. M., Moore, F. R., & Rantala, M. (2013). An experimental test of the Westermarck effect: sex differences in inbreeding avoidance. *Behavioral Ecology*, doi:10.1093/beheco/art028 .
80. Marquezini, C. P.,Silva, I. A., Cruz, I., N. L., & Ferreira, J., N. (2017). O Método Clínico piagetiano e sua aplicação em pesquisas sobre desenvolvimento moral: Revisão da literatura. *Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genética*, Vol.9, N°2 - Ago-Dez. doi:10.36311/1984-1655.
81. Martins, L. P. (2019). *Darwin e os darwinistas*. Jornal da USP, Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP.
82. Martins, E. C. (2015). Faria de Vasconcelos 'Pioneiro da educação ativa': Orientação escolar e profissional ... E o sistema educativo Português. doi:10.4025/imagenseduc.5i.27653, Vol.5, n°3, pp.70-82
83. Martins , E. C. (2017). Da experiência numa escola nova à educação com 'crianças anormais': Faria de Vasconcelos (1880-1939) no contexto do ensino especial, *Acta Scientiarum*. doi:10.4025br/acta
84. Martins, E. & Szymanski, H. (2004). A abordagem Ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, RJ. Ano 4, 1º semestre.

85. Melo, J. C. (1923). *Mutilados da guerra e acidentados de trabalho. Da reeducação profissional*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Coimbra: Casa Tipográfica de Alves & Mourão.
86. Moreno, J.L. *Sociometry*, Vol. 9, N° 2/3 (Maio-Agug., 1946, pp. 249-253.
87. Mueller, F. L. (1976). *A Psicologia contemporânea II*. Publicações Europa-América.
88. Neves, L. T.(2014). Narcisismo: segundo Hienz Kohut e a intersubjetividade. *Revista Brasileira de Psicanálise, Vol, 48, n°3*, pp.57-68.
89. Nye, Robert B. (2002). *Três psicologias - Ideias de Freud, Skinner e Rogers*. Ed. Pioneira.
90. Noor, I. (2020). Anna Freud Biography and Contributions to Psychology, 7, June, Psychodynammic Aproach/Anna Freud .
91. Neufeld, C. & Stein, Lilian (2001). *A compreensão da memória segundo diferentes perspectivas teóricas*. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, Vol. 18, n°2., pp. 50-63, maio/agosto.
92. Nicolas, S., Andrieu, B., Sanitioso, R. B., & Murray, D. (2015). *Alfred Binet and Crépieux-Jamin: Can intelligence be measure scientifically by graphology?* L´année psychologique Vol.1,pp.3-52. ISSN 0003-5033
93. Nye, R. B. (2002). *Três psicologias. Ideias de Freud, Skinner e Rogers*. Editora Pioneira.
94. Oliveira, M. P. (2007). *Melanie Klein e as fantasias inconscientes*. Série 2, e-prints Vol., n°2 São Paulo.
95. Oliveira, P. M. (2010). *Uma breve descrição sobre a obra “Testes para a medida do desenvolvimento da inteligência das crianças”, escrita por Alfred Binet e Th. Simon*. Revista HISTEDBR On-line.
96. Ouvrier-Bonnaz (2007). A psicologia em França de 1870 a 1940, de uma ciência aplicada a uma disciplina universitária. *Laboreal, Vol. 3, n°1* doi:10.4000/laborial.13016
97. Pacheco, Maria, V. P. C. (2003). *Esquirol e o surgimento da psiquiatria contemporânea*. Revista Latino americana de Psicologia Fundamental, Vol.VI (2), pp.152-157.
98. Pereira, J. M. (2019). *A Neurastenia em, Portugal, apogeu e declínio*. doi: 10.14195/1647-8622_19
99. Pereira, J. M. (2015). A Psiquiatria em Portugal, protagonistas e história conceptual (1884-1924), *Tese de Doutoramento* sob orientação da Professora Ana Leonor Pereira e Professor Doutor J. R. Pita, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia, e artes da Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra.

100. Pereira, M. E. C. (2008). Pierre Janet e os atos psíquicos inconscientes revelados pelo automatismo psíquico das histéricas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Vol.11, nº2. São Paulo. doi:10.1590/S1415-4715-4714200800013
101. Pessotti, I. (2006). *Sobre a loucura no século XX*. Temas em Psicologia, (2006), Vol. 14, nº2 Ribeirão Preto. Dezembro.
102. Pina, A. M. (2013). Miguel Bombarda e Júlio de Matos: o nascimento da psiquiatria em Portugal, in capítulo de livro: *Metamorfoses da Cultura. Estudos em homenagem a Maria Carlos Radich*.
103. Pina, M. E., & Correia, M. (2012). Egas Moniz (1874-1055): Cultura e ciência. História, *Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, Vol.19, nº2, abr.-jun, pp.431-449.
104. Pinheiro, M. (1966). A inteligência: uma contribuição da biologia ao processo educativo. *Educar, Curitiba, n°12*, pp.39-49. Editora UFPR
105. Putman, S. & Stifter, C. A. (2008). Reactivity and regulation: The impact of Mary Rothbart on the study of temperament, *Infant and Child development, Vol.,17*, pp.311-320. doi:10.1002/icd.583
106. Queiroz, K. J. M., & Lima, V. A. M. (2010). Método Clínico piagetiano nos estudos sobre Psicologia Moral: o uso dos dilemas. *Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*. Vol. 3, nº5 - Jan-Jul. ISSN: 1984-1655
107. Reuchlin, M. (1957). *História da Psicologia*, Coleção: Universidade Moderna, nº 80.
108. Ricoeur, P. (2006). Qu'est-ce que la mémoire collective ? Réflexions sur l'interprétation de la mémoire chez Paul Ricoer, *Revue de Métaphisique et de Morale*, nº 50, pp.185-195.
109. Richards, G. (2010). *Putting psychology in place. Critical historical perspectives*.
110. Souza, Augusto. (2009). John Dewey - *III encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia e o Ensino de História*
111. Rosas, P. da Silveira (2010). O dilema da psicologia contemporânea. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Vol.30, nºspe Brasília. Doi:10.1590/S1414-98932010000500003
112. Rothart, M. K. (2011). *Becoming Who Are*. Guilford Press. Salem, P. (2016). *O objeto e fantasia inconsciente na psicanálise de Melanie Klein*. Primórdios, Rio de Janeiro, Vol.4, nº4, pp. 34-44.
113. Schmidt, M. L. & Mahfoud, M. (1993). Halbwachs: Memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, 4(1/2), pp.285-298.
114. Santamaria, C. (2001), *História de la psicologia. El nacimiento de una ciencia*. Editora.
115. Silva, J. Ferreira . (1982). *Estudos de Psicologia*. Livraria Almedina.

116. Santos, N. B. (2011). O hospital de Rilhafoles e os asilos de alienados na Europa do século XIX., *PsiLogos Vol.9*, nº2., pp.68-81.
117. Soares, M. I, (2008). A reforma dos serviços de assistência psiquiátrica. *Pensar Enfermagem, Vol.12*, nº2, 2º Semestre.
118. Schultz, P. & Shultz S.; *História da psicologia moderna*. Ed. Cultrix: São Paulo, Ed. Cultrix.
119. Silva, J. A. Silvino, A. M. D. (2007). Epistemologia positiva: Qual a sua influência hoje? *Psicologia Ciência e Profissão* (2007). Vol.27(2), pp. 276-289.
120. Silveira, F. A. & Simanke, R. T. (2009). *A psicologia em história da loucura de Michel Foucault. Fractal: revista de Psicologia, Vol.21*, nº1, pp23-42, Jan/Abr.
121. The Philosophical Works of Ludwik Fleck and their potential meaning for learning Science & Education (2015), 24: pp.281-298. doi:10.1007/s11191-014-9723-9.
122. Tourinho, Z. E. (2009). Notas sobre o Behaviorismo de Ontem e de Hoje. *Psicologia: Reflexão e Crítica, Vol.24*,(1), pp. 186-194.
123. Teixeira, R. A. (2019). *Educação do anormal a partir dos testes de inteligência. História da Educação. História da Educação, Vol. 23*, Santa Maria, Nov. doi: 0000-0002-1603-2088
124. Valente, M. L, C. (2016). *História dos testes psicológicos*. Boletim de Psicologia, Vol. 66, nº nº144, jan. São Paulo, pp.125-129e
125. Van der Horst & René van der Veer (2009). Changing attitudes towards the care of children in hospital: a new assessment of influence of the work of Bowlby and Roberstson in UK, 1940-1970. doi:10.1080/14616730802503655, *Attachment & Human Development*,
126. Vidal, A. (2011). “A mais útil de todas as ciências”. Configurações da psicologia desde o nascimento tardio até ao fim do iluminismo. *História da Psicologia Rumos e Percursos*, Editora Cultrix.
127. Visão, História Nov., (2017 nº 44). *Trabalhadores Forçados Na Alemanha Nazi*.
128. Vieira, R. C., & Campos, R. F. (2011). Notas sobre a introdução, receção e desenvolvimento da medida psicológica no Brasil. *Temas em Psicologia Vol. 19*, nº2, pp.411-425.
129. Walusinski, O. (2017). Jean-Martin Charcot (1825-1893): A Treatment approach gone astray? *European Neurology* pp.296-303, doi: 10.1159/000481940
130. Wier, Lauren M. (s.d.) Mary Cover Jones: uma pioneira na terapia comportamental, *in Contexto*.
131. Winnicott, D.W. (1987, 3ª ed.). *Privação e Delinquência*, Martins Fontes.
132. Weiten, Wayne (2002). *Introdução à Psicologia Temas e Variações*.

133. Xavier, M. R. (2008). Porque necessitamos de um modelo bioecológico-transaccional para pensar o futuro?. *Cadernos de Psicologia Social*, 2, pp.117-123.
134. Zorzanelli, R. T. (2010). *Neurasthenia*, História, Ciências, Saúde-Manguinhos, *Vol.17*, pp.431-446.